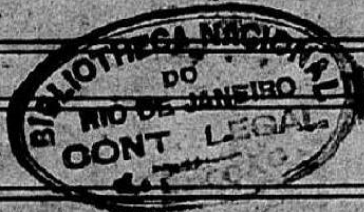


Anno III

SETEMBRO--OUTUBRO DE 1929

Num. 17



Revista

--- DE ---

Ensino

Orgão Oficial

DO DEPARTAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE ALAGOAS



MACEIÓ

Estado de Alagoas

BRASIL

Na Terra Natal

— DE —

Costa Rego

DA ACADEMIA ALAGOANA DE LETRAS

Collectanea dos melhores discursos politicos e literarios do incisivo homem de letras e das suas mais altas inspirações como homem de governo no quadriennio estadual de 1924 | 28

INDICE:

Aos alagoanos do Recife—A revolta de São Paulo—Repressão aos bandidos—As administrações municipaes—A função do governo—A Paulo Affonso—Em Fernão Velho—No Lyceu Alagoano—Saudação ao Presidente Washington Luis—Após o attentado—No tumulo do Dr. Eugenio Soares—Resumo dos quatro annos—Palavras ao Congresso Legislativo—Na Academia Alagoana de Letras—No Tribunal Superior—Falando ao “Diario da Manhã”—Na Associação Commercial—O papel dos Partidos—Na terra natal—Revendo antigas affeições—Democrito Gracindo, orador—De volta á Camara.

Á venda em todas as livrarias de Maceió--4\$000



**Dr. Sidronio Augusto de Santa Maria,
dedicado Director do Departamento Geral da
Instrucção Publica de Alagoas**

REVISTA DE ENSINO

Orgão Oficial

DO

DEPARTAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE ALAGOAS

PUBLICAÇÃO BIMENSAL

N.º 17 -- SETEMBRO - OUTUBRO -- 1929

Assignatura annual.	24\$
semestral.	12\$
Numero avulso.	4\$

Imprensa Official

REDACÇÃO :

RUA DA BOA VISTA N. 184, 1.

MACEIO'

NA ESCOLA MODERNA: — A INICIATIVA

Maria R. Campos

(Inspectora Escolar do Districto Federal)

Uma das principaes, senão a principal característica da feição moderna do ensino primario é a importancia attribuida ao desenvolvimento da iniciativa do alumno. Os pedagogos modernos a preconizam com a maior insistencia, fazendo della o ponto de partida, o eixo de todo o systema de ensino.

Montessori, com as suas *case dei bambini*, tornou-se verdadeira apostola da liberdade da criança, ao mesmo tempo que mostra nas suas interessantes exemplificações quanto é difficil ao mestre antigo fazer-se aos novos processos, deixando de ser actor para reduzir-se quase á categoria de espectador. "Un cardine fondamentale della Pedagogia Scientifica deve essere perciò *la libertà degli scolari*, tale che permetta lo svolgimento delle manifestazioni spontanee individuali del bambino. Se una pedagogia dovrà sorgere dallo *studio individuale dello scolaro*, sarà dallo studio inteso in questo modo — cioè tratto dall'osservazione dei bambini liberi", diz ella.

Assim os demais pedagogos modernos. "L'activité spontanée, personnelle et productive, tel est l'idéal de l'école active", diz Ferrière. Aliás, segundo elle proprio, não é novo esse ideal, que foi o de Montaigne, Locke e J. J. Rousseau, e que foi o centro do systema educativo de Pestalozzi, Fichte e Fröbel, e o ideal de todos os pedagogos intuitivos e geniaes do passado.

A educação á antiga faz-se de fóra para dentro. De se o alumno de

gnomasticamente, o conhecimento de verdades que a humanidade descobriu. E elle, á fé do que diz o mestre, fará dessas verdades, da melhor maneira que puder, o seu cabedal para a vida. Todas as acções da criança na familia e do alumno na escola estão predeterminedos pelo mestre. Por este principalmente, porque a escola é uma instituição até certo ponto militarizada, onde as diversas unidades têm de funcionar synchronicamente, para a perfeição de movimentos do conjuncto. No exercicio de composição o mestre dá o summario, igual para todos, e todos por aquella pauta, ás vezes estreita demais, fazem o seu trabalho, em que a intelligencia é vassada em molde para o preparo de artefactos em serie. Em mathematica apresenta-se o problema, que todos devem resolver utilizando as mesmas normas e ás vezes até um unico processo — porque o mestre tem o seu processo, que é o melhor e deve ser seguido por todos. E assim tudo mais, usando-se para a maioria das materias o methodo de exposição, como se houvesse memoria de alumno capaz de guardar — e convenientemente assimilado — tudo aquilo que ouve dizer e contar pelo professor.

Não culpemos entretanto o mestre que assim procedeu. Não é razoavel nem justo investir de lança em riste contra o passado, sem o qual não teriamos o presente, que elle preparou. As praticas mais absurdas, aparentemente, desse passado remoto ou proximo tiveram sua

razão de ser: e nós, que vemos hoje os factos por outras luzes, teríamos procedido como essas gentes de outros tempos, se nesses outros tempos houvessemos vivido, mergulhados no ambiente da época, influenciados pelas idéas dominantes e subordinadas aos preconceitos do meio. Mesmo porque, se não houver esse respeito pelo passado, que irão dizer os homens do futuro, dos nossos methodos antiquados e das nossas idéas, para elles erroneas e inaceitaveis?

Se a escola antiga fazia do alumno um automato, teve, naturalmente, para isso, suas razões, e o criterio estabelecido teve a sua genese e evolução. Seria talvez interessante pesquisar esses motivos, não pelo simples gosto das evocações, mas no intuito de utilizar scientificamente o elemento historico, como ensinamento para o presente.

Ora, esse automatismo a que ficou sujeito o alumno parece ter sua razão de ser na systematização que se foi procurando imprimir ao ensino — e que se tornou por fim exaggerada — á medida que o cabedal scientifico da humanidade se foi avolumando. Isso como consequencia do desejo de fazer que o alumno adquirisse em cada estadio da sua aprendizagem a maior somma possivel de conhecimentos.

Se remontarmos aos primeiros passos do homem, vemo-lo aprendendo justamente por processos espontaneos, a semelhança dos que queremos agora pôr em pratica. Ante o scenario formidavel da Natureza, deslumbra-do pelo mysterio insondavel de tudo que o cercava, o homem, sentia-se, como a criança de hoje, envolvido por um véo espesso, formado de toda sorte de duvidas, que se traduziam no seu espirito por outras tantas interrogações.

Tacteando nas sombras em que se perdia, procurava saber, procurava conhecer pela observação e tinha, na experimentação a que era levado pela luta pela vida ou pela curiosidade na-

das suas supposições. Os conhecimentos adquiridos não vinham por categorias, nem encaminhados logicamente. Ellas se apresentavam na desordem apparente que é a ordem da Natureza. Elles surgiam á medida das oportunidades — espontaneamente ou provocados por esta ou aquella circumstancia.

Pouco a pouco os conhecimentos se avolumaram. O livro se incumbiu de guardá-los. Já não havia memoria humana que a todos pudesse reter. A variedade de materias trouxe a necessidade de agrupamentos e subdivisões, que as difficuldades dos phenomenos indicavam. Os grandes espiritos estudiosos procuraram, na trama gigantesca, destacar os fios de diversas contexturas e reuni-los em grupos. Sabios engendraram classificações e imaginaram systemas.

Mas, como conseguir que os novos homens pudessem armazenar no cerebro tantas e tão varias noções? O que occorreu foi, justamente, seguir as classificações feitas, ensinando materia por materia, formando o trivium e o quadrivium de que as nossas organizações e seriações actuaes são o seguimento natural.

Dentro da classificação, a ordem logica. A ordem em que os phenomenos foram scientificamente distribuidos, para poder-se applicar o principio razoavel de partir do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo. Recursos esses, todos, que estão a evidenciar o empenho de conseguir ensinar muito, em tempo relativamente restricto e, como sabemos muito bem hoje, insufficiente.

E' claro que, em taes condições, estava fóra de proposito contar com a experiencia do alumno, porque o que se pretende aprender pela experiencia só com tempo se pôde chegar a saber. Só a leitura ou a audição do mestre seriam processos em que se harmonizasse a aprendizagem com as exigencias inappellaveis do factor tempo. O resultado, sabemos-lo qual era: um amontoado de noções, em geral mal digeridas, de que tres

quartas partes pelo menos eram logo esquecidas, ficando o quarto restante como *substractum* mal constituido a servir de base a futuras aquisições.

Mas, para adquirir tanto saber a um tempo, como se pretendia dar, não havia outro meio: o caminho era esse. E não devemos estranhar que assim se tenha pensado, visto como ainda hoje muita gente continua a julgar indispensavel essa massa de conhecimentos a pesar no cerebro do alumno. Infelizmente, o volume formidavel da sciencia humana está em completo antagonismo com as restrições naturaes á nossa capacidade de memorização e mesmo de assimilação. De modo que, fatalmente, em materia de estudo, temos de optar por um dos extremos do dilemma: ganhar em firmeza e nitidez o que perdemos em extensão, ou preferir a extensão com prejuizo certo daquellas duas qualidades.

Os resultados falhos, obtidos pela escola antiga, são o ensinamento que devemos colher, precavendo-nos contra esse armazenar excessivo de noções: apressado, porque não ha tempo para realizá-lo com vagar, e imperfeito, imperfeitissimo, em consequencia de ser realizado apressadamente.

A escola moderna vem então resolver o problema dentro dos limites traçados ás fracas possibilidades humanas. A escola moderna, muito mais prudente e razoavelmente, pensa não em instruir, no sentido de accumular noções, mas em exercitar o individuo, desenvolvendo-lhe e disciplinando-lhe as faculdades cerebraes, de modo que as habilite não só á obtenção de novos conhecimentos para o futuro, mas também a presidirem com eficiencia todas as acções necessarias á vida.

Para attingir esse desideratum, ha de ser por força outra a methodologia que se empregue. Para desenvol-

ver a intelligencia, para dotar as faculdades de excitabilidade que as torne capazes de entrar em acção da melhor maneira e no melhor momento, nada ha como a aprendizagem pratica, o preconizado — "learning by doing" — que, aliás, é o verdadeiro processo para chegar-se a saber firmemente alguma cousa, mas que é incompativel com a aquisição apressada de conhecimentos em desproporção com o tempo de que se dispõe. Ora, para a applicação pratica do — "aprender fazendo" — a espontaneidade, e portanto a iniciativa, são requisitos indispensaveis.

Por outro lado, a iniciativa é qualidade tanto mais necessaria ao individuo, quanto mais ampla é a liberdade de que todos gosam e que em que vive. Nas antigas formas politicas, a autoridade estava nas mãos de um grupo restricto de individuos e não se precisava exigir da massa do povo senão uma actividade relativa, dependente das normas que lhe eram fixadas; não havendo liberdade, era o grupo dirigente que agia nos casos de interesse colectivo e a iniciativa individual ficava confinada ao campo restricto dos interesses particulares. Nas sociedades actuaes, regidas por principios democraticos, toma vulto e importancia primordiaes a iniciativa individual, não só porque qualquer cidadão póde ser chamado ao poder, mas também em razão da liberdade de que todos gosam e que convém seja utilizada da melhor maneira possivel, no interesse do bem geral.

A iniciativa, com as qualidades correlatas de força de vontade e persistencia, torna-se por isso, no dominio material da vida pratica, a qualidade por excellencia do cidadão das democracias. Por isso tanto se empenha pelo seu desenvolvimento a escola moderna.

O Bairrismo em Maceió

J. L. Ferreira Pinto

da Academia Alagoana de Letras

(Inedito para a "Revista de Ensino")

"Eu dou golpes nos costumes
E julgam que é nas pessoas."

NICOLAU TOLENTINO.

Óriundo das rivalidades entre as povoações de Jaraguá e Maceió, o bairrismo na Capital de Alagoas foi sempre incapaz de estimular o progresso por ser intrinsecamente estreito e futil.

Pondo de lado o exame das competições entre os reisados, cheganças e pastoris, assignalemos que ha 60 annos ouviamos frequentemente cantar:

A ponte de Maçaió
Foi feita no mês de agosto
Para nella passearem
As meninas de bom gosto.

A ponte de Jaraguá
Foi feita de geringonça;
Bacalháo é comer de negro
E negro é comer de onça.

A musica de Maçaió,
Quando vem a Jaraguá,
Vae correndo as ruas todas
Com medo de *apanhá*.

A musica de Jaraguá,
Quando vem a Maçaió,
Vae correndo as ruas todas
Tocando uma peça só.

X

O caracter primordial desse bairrismo é tornar Maceió menor do que realmente é, porque a estreiteza de idéas não permite a largueza de um ponto de vista de conjuncto.

E' assim que, sobraçando uma pasta, está um homem á porta da Alfandega: estabelecimento que re-

cebeu oficialmente o nome de Alfandega de Maceió; nome que figura com letras pretas nas formulas impressas que elle tem na pasta; e formulas que mostram no fecho a palavra Maceió para ser seguida da data.

Esse homem, conduzindo papeis com taes dizeres e que não póde ignorar que está á porta da Alfandega de Maceió, de repente, ao approximar-se um bonde, bate-nos num hombro, dizendo apressado:

— Com licença, vou a Maceió.

O Pharol tem oficialmente o nome de Pharol de Maceió e dista poucas centenas de metros da Administração dos Correios, do Thesouro do Estado, da Cathedral e da Delegacia do Thesouro Nacional.

Um gorducho bem escanhoadado, de charuto á bocca e de barriga á frente, desce a ladeira, e mesma á entrada do muro do Pharol é saudado por um cafageste:

— Bom dia, Sr. Major, para onde se bota já tão cedo?

— Vou a Maceió, meu amiguinho, vou a Maceió. Injecções, injecções...

X

A antiga rua do Poço começa ao pé da muralha que sustentava outrora o bello jardim, já desaparecido, do antigo palacete da Assembléa.

E' o coração da cidade.

Pois bem, mesmo no primeiro quarteirão dessa rua, tanto as pessoas do povo, como os *majores* de mentira e os *coroneis* de bobagem, não estão em Maceió, estão no Poço, e por isso dizem a cada passo:

—Fui a Maceió. Vim de Maceió.

O mesmo acontece na antiga rua da Cambona, que começa na praça dos Martyrios, onde se acham o palacio do Governo e o edificio da Prefeitura Municipal.

—Veiu de Maceió, mudou-se para Maceió, e phrases semelhantes ouvem-se frequentemente, porque todos entendem que não estão em Maceió, mas na Cambona.

Ora, se assim acontece nesses pontos centraes, não é de admirar que se verifiquem os mesmos factos em pontos mais afastados, como Pajussára, Jacotinga, Bebedouro, Flechal, Trapiche, Mangabeiras etc. sem ninguem considerar que, qualquer desses lugares, é uma parte de Maceió, e que, portanto, quem está em uma parte está no todo.

Em 1921, depois de uma ausencia de 46 annos, o autor deste trabalho regressou a Maceió, fixando residencia no arrabalde de Bebedouro, e ahí só encontrou uma unica pessoa que a tal respeito falava correctamente — o saudoso desembargador Dario Cavalcanti, que dizia: — Venho agora da *cidade*, sigo já para a *cidade*; e que, morando tambem em Bebedouro, escrevia cartas e passava recibos datando-os de Maceió, como faziamos e fazemos.

Já publicámos no "Jornal de Alagoas", quando dirigido por Faustino da Silveira, um trabalho sobre o assumpto em apreço, que infelizmente não compulsámos agora por não termos o exemplar em que foi impresso, nem idéa precisa da respectiva data.

Lembramo-nos apenas de que foi algum tempo depois da manga d'agua que inundou o Reginaldo e lugares circunjacentes.

Nesse trabalho narrámos um facto de que fomos testemunha.

Viajavamos de Pajussára para Bebedouro, quando na praça da Recebedoria alguem mostrou o bonde a um moço, que parecia forasteiro, e que se sentou num banco logo atrás do

Percebemos que de quando em vez falava qualquer cousa a um passageiro seu vizinho, e acabámos comprehendendo que era um viajante que desembarcára para conhecer a cidade, e que naturalmente, (conjecturámos), logo ao sahir da ponte se informára do melhor e mais rapido passeio que podia dar.

—Vá a Maceió, lhe disseram.

—E que é isto aqui?

—Ah! isto aqui é Jaraguá. Olhe aquelle bonde lhe serve.

—Mas a taboleta diz Bebedouro.

—Não faz mal, o bonde passa por Maceió.

E o moço embarcou, como dissemos.

Durante o trajecto foi vendo ruas após ruas sem solução de continuidade, até que recebera a má impressão da rua da Cambona.

—Tambem é Jaraguá aqui? perguntou ao vizinho.

—Não, Sr., isto aqui é o fim da Cambona e o começo do Bom-Parto.

—E Maceió ainda fica longe?

—Não, Sr., Maceió já ficou atrás.

—Oh! exclamou o visitante, mas que trapalhada!

Neste ponto julgámos conveniente interferir.

—O Sr. tem razão, é uma trapalhada, mas trapalhada feita pelos informantes. Olhe, o Sr. está em Maceió desde que saltou em terra até aqui.

O informante fez um gesto de incredulidade, que de prompto desfizemos.

—O Sr. não é parente do compadre Bastião?

—Não, Sr., mas sou amigo.

—Pois bem, o compadre Bastião tem cabeça, tem braço, tem mão, tem perna, tem pé, tem dedo, não é isto? Cada parte de seu corpo tem um nome particular, não tem? E qualquer d'essas partes não é um pedaço do compadre Bastião? Pois o mesmo se dá com Maceió; tudo é Maceió.

Se assim não fosse, a Companhia de bondes, em vez da taboleta de *Martyrios*, poria a taboleta *Maceió*, que se não encontra em bonde algum.

O informante com aquelle riso beociano, que caracteriza seu amigo mostrou-se conformado, ao mesmo tempo que o viajante, agradecendo-nos a explicação e desejoso de melhor conhecer a cidade, despedia-se, tomando um bonde de regresso no chamado desvio do *Zé Basto*.

×

Outro facto interessante citámos no alludido trabalho, e esse occorrido com um illustre official de Marinha, o Commandante Luis de Alencastro Graça, a quem fomos levar nossas despedidas, quando partimos do Rio em 1921.

—Ah! vae amanhã para Alagóas? Conheço, já estive lá. Lembro-me até de duas cidadezinhas ligadas por uma ponte.

Na rapidez de um adeus quase de ultima hora, deixámos passar a phrase, que não podia ser proferida sem uma razão poderosa, pois Alencastro Graça já era nessa época um official distinctissimo, com muitas commissões importantes no estrangeiro, destacando-se então a de Adido Naval no Japão, que elle acabava de desempenhar, para, meses depois, seguir no mesmo character, com destino ao Perú.

A phrase tem forçosamente uma origem d'esta ordem:

Em transito por Alagóas e pondo pé em terra, o Commandante Graça considerou um dever elementar de cortesia cumprimentar em primeiro lugar o Governador do Estado, e para isto informou-se onde ficava o palacio do Governo.

—Em Maceió, lhe disseram.

—E isto que vem a ser?

—Isto aqui é Jaraguá.

—Ah! E Maceió fica muito longe?

—Não fica muito longe, mas é preciso tomar bonde, que é a unica condução para lá.

—E de que lado vem o bonde? Trás a taboleta *Maceió*?

—Não sei por que motivo não ha

d'acolá para acolá, e o Sr. embarque em qualquer um que, quando não passe pela porta do palacio, passa perto.

A' vista de informações d'essa natureza, colhidas na melhor das fontes, que é a propria Alagóas, e sahidas da bocca de um residente bem apessoado, não é de admirar que o Commandante Graça, ou outra qualquer pessoa tambem de grande illustração, se convencesse de que tinha estado realmente em duas cidadezinhas ligadas por uma ponte.

×

Outro facto, e este occorrido bem recentemente, deu-se com um medico que, vindo do Rio com destino ao Pará, saltou no nosso porto.

Vimo-lo quando regressava para bordo em um bonde da linha de Bebedouro, que tomámos ao passar pelo Relogio Official.

O visitante, ora voltando-se para um lado, ora para outro, olhava com interesse para tudo, dando mostras de satisfação, até que, ao cruzarmos na Avenida da Paz, disse para um conhecido, seu vizinho do banco fronteiro:

—Sim, Sr., é bonito isto aqui. Estou gostando bem de Maceió, estou gostando.

—Mas isto aqui é Jaraguá.

—Jaraguá?! Não me diga isto; não comprehendo!

E', sim; é Jaraguá; estamos na Avenida da Paz. O porto de Jaraguá ali está...

—Não posso comprehender como é isto! disse o medico, passando a mão pela testa.

—E' Jaraguá, sim, confirmou outro homem que estava ao lado do conhecido.

A confusão do medico era naturalissima. Soubéra a bordo ter chegado ao porto de Maceió, e saltára sem ter a menor duvida de se achar nesta cidade.

Ao voltar lhe disseram que *aquí*

era Jaraguá, e elle tomou o *aquí* por toda a cidade, pois não podia imaginar essa cousa inexplicavel da dualidade de nomes, nem conceber tão pouco duas cidades tão agarradas uma a outra a ponto de se não saber onde uma acaba, nem aonde a outra começa!

A bordo lhe disseram que era o porto de Macció, e em terra lhe diziam que era o porto de Jaraguá.

Todas essas idéas brotavam-lhe simultaneamente do cerebro, e por isso, como dissemos, passou elle a mão pela testa.

Quando o companheiro do conhecido confirmou que era Jaraguá, resolvemos dizer ao medico:

—O porto que está á vista é o de Macció; e Jaraguá é o nome do bairro marítimo de Macció...

—Ah! muito bem! Isto é outro caso, isto eu comprehendo, disse elle sem esperar que acabassemos a explicação.

×

O costume inconveniente e por isso mesmo reprovavel d'esta mutilação frequente que soffre a Capital do Estado, já de si pouco importante, torna Macció ainda menos conhecido do que realmente deveria ser, pois fóra de Alagoas a palavra Macció, em 100 vezes, deixa de ser lida 80 mais ou menos, não porque ninguém a queira lér, mas por ser omitida, como se verá no correr deste trabalho.

Ainda ha pouco tivemos mais uma vez occasião de saber o quanto é Macció desconhecido.

Um nosso amigo e parente, fazendo uma viagem a Minas Geraes e São Paulo, travou conhecimento com um cavalheiro de destaque que lhe perguntou aonde morava.

—Em Macció, disse nosso amigo.

O cavalheiro meneou a cabeça e aventurou esta phrase:

—Na Parahyba, não é?

D'outra feita foi elle apresentado

a um archi-milionario que acabava de comprar uma fazenda de café por mil e duzentos contos de réis.

O ricoço perguntou-lhe aonde era estabelecido.

—Em Macció, respondeu.

E o homem, dando ao rosto uma torcidella de pouco caso, mostrou nunca ter lido nem ouvido tal palavra, perguntando, como se se tratasse de um logarejo:

—E aonde fica isso...?

×

Bem sabemos que, com estas revelações não estamos descobrindo a polvora, porque, talvez por factos semelhantes, os alvanços, por inspiração official, recurvados aos pés dos oitiseiros, de colher na mão e argamassa ao lado, já construíram 26 letras enormes formando no chão da praça dos Martyrios, mesmo em frente ao palacio do Governo este letreiro original — “Estado 'das Alagoas”.

E' ou parece ser um ensinamento aos forasteiros, mas um ensinamento que, em qualquer das hypotheses, nem recommenda o mestre, nem honra o povo alagoano.

×

Todos sabem que é da autoria do illustre barão Homem de Mello o melhor *Atlas do Brasil* até agora publicado, sendo seus editores Briguiet & Cia., acreditadissimos livreiros do Rio de Janeiro.

Entretanto com tão boas recommendações, muito deixa que desejar na carta especial de Alagoas, aonde Jaraguá é um municipio, por isso que figura com a designação de *villa*, escripta por extenso.

Pajussára tambem deve ser outro municipio, visto que seu nome está igualmente precedido da palavra *villa*, com todas as letras.

No local da Escola de Aprendizizes Marinheiros está assinalado um

fôrte, e outro fôrte no ponto correspondente ao Hospital Militar.

O riocho *Macció* é dado como rio, e o surpreendente é que na sua embocadura estejam gravadas estas palavras — *Barra da Loyóu!*

Isto mostra mais uma vez o quanto *Macció* é pouco conhecido, concorrendo para isso o bairrismo, como continuaremos a vér.

×

Na antiga rua da Alfandega existe uma boa livraria, com uma melhor typographia, dirigida por um homem de grande capacidade intellectual.

Pois bem, de suas officinas saem brochuras em que se lê, no pé do frontespicio, como lugar de impressão, apenas a palavra — *Jaraguá*, tendo por baixo os algarismos do anno.

Em outras publicações vê-se simplesmente o nome da livraria seguido da palavra *Jaraguá*.

Desse modo não se elimina somente o nome da Capital do Estado, mas o do proprio Estado, porque por este Brasil afóra, qualquer homem culto que lance os olhos sobre taes trabalhos, não tem duvida alguma que elles são goyanos, porque só em Goyaz é que taes dizeres estariam certos, visto que somente lá é que existe o municipio e cidade de *Jaraguá*, aliás muito florescente e de grande commercio com Minas Geraes e S. Paulo.

×

Facto semelhante se dá com um jornal humoristico, muito querido do publico, *O Bacuráo* (agora no escuro), e em que no cabeçalho, logo ao pé do titulo, se vê a palavra *Jaraguá* precedendo a data do numero.

Fóra d'aqui, fóra do meio alagoense, é tambem para o homem culto do Brasil um jornal genuinamente goyano, tanto mais quanto, em algumas edições, correndo-se as suas quatro paginas, não se encontra re-

ferencia alguma a *Macció* ou a *Alagôas*!

E se assim é para o homem culto, para os que não o são esse nome desconhecido não lhes aguça a curiosidade, sendo-lhes indifferente que a impressão se fizesse em *Jaraguá*, *Jaguára* ou *Guajará*.

Na Confederação Norte Americana os jornaes, livros, prospectos e annuncios de interesse geral, trahem systematicamente, sempre juntos, os nomes da cidade, do estado e do pais.

Entre nós se desconhecem *in totum* as vantagens d'esta pratica, tanto que se omitta o nome do pais; mais do que isto — o nome do estado; e ainda mais do que isto, o que é estupendo, o proprio nome da cidade, para se publicar apenas o nome particular de um bairro ou de um districto!

Em geral, no nosso bairro maritimo, os estabelecimentos fabris e commerciaes, em seus respectivos cartões, annuncios, carimbos, facturas, notas de venda, cartas, recibos, etc., empregam unicamente a palavra *Jaraguá*.

Em muitos casos esta palavra figura como se fosse um municipio, pois certos impressos, rotulos e letreiros commettem o erro crasso de dizer: — *Jaraguá-Alagôas*.

Outras vezes *Jaraguá* é elevado á altura de Capital do Estado, como se vê, por exemplo, no officio de uma autoridade consular, publicado integralmente no *Diario Official*.

Nesse officio a autoridade tratava do exercicio de suas funções *nesta Capital*, mas nem uma só vez ella citou a palavra *Macció*, tendo datado de *Jaraguá* o dito officio!

Outro *specimen* de sobre posição da palavra *Jaraguá* ao nome da Capital do Estado, verificámos num aviso maritimo diariamente feito durante mais de um mês nos jornaes do Rio, e no qual a Companhia Bahiana de Navegação annunciava a sahida do vapor *Commandatuba* para diversos portos do norte, dentre os quaes

Aracajú, Penedo, Jaraguá e Recife.

Alguem chamou a attenção do agente para a desastrada innovação e o annuncio appareceu felizmente com a palavra *Maceió* em vez de *Jaraguá*.

×

Um dos districtos da Capital tem o nome de *Poço*, mas com frequencia se nos depara o letreiro — *Poço-Jaraguá*, quer em volumes de mercadorias, quer em correspondencia postal.

Alem d'esta combinação vê-se na correspondencia commercial a combinação — *Jaraguá-Maceió* precedendo a data; e se bem que a palavra *Jaraguá* seja ahí uma excrescencia, a formula significa que *Jaraguá* está contido em *Maceió*, o que aliás é uma verdade.

Mas, concorrendo com essa combinação, existe a formula inversa *Maceió—Jaraguá*, que significa estar *Maceió* contido em *Jaraguá*, o que é um disparate pyramidal.

A *Levada* tambem se apresenta como municipio, pois os caixões, as latas e as garrafas de productos da industria alagoana mostram letreiros ou rotulos em que, depois do nome do fabricante, se lê simplesmente — *Levada-Alagoas*.

Com as fabricas existentes em *Bebedouro* verifica-se a mesma anomalia, pois os letreiros e rotulos dizem — *Bebedouro-Alagoas*, como se se tratasse de um municipio.

Por occasião das festas do natal promovidas pelo incansavel maior Bomifacio da Silveira, os retratistas tiram photographias de seus aspectos, que são enviadas para revistas illustradas do Rio com o distico — *O natal em Bebedouro-Alagoas*.

E isso deu lugar a que a redacção de uma revista, enviando á agencia do correio em *Bebedouro* uma dúzia de exemplares da mesma publicação afim de serem distribuidos pelas autoridades, pediu-lhe a fineza de mandar uma lista das pessoas mais importantes da localidade.

Imagine-se a cara do gerente, quando soube que se tratava de um arrabalde de *Maceió*, onde a mesma revista já tinha representação!

E para não repisarmos os factos, alludindo aos demais arrabaldes, basta registrar que já uma vez recebemos de uma sociedade recreativa uma circular toda impressa datada de *Bom Parto*!

Neste assumpto não é possivel maior estreiteza de vista nem mais desamor á terra de que se é cidadão.

×

Deante de taes actos, não é de admirar que a athmosphera official esteja impregnada dos males do bairrismo.

Um d'esses males, e talvez o maior de todos, é a propria municipalidade ter dado a um dos districtos da Capital do Estado o nome particular de *Maceió*, quando deveria ter recorrido ao nome da freguesia, como era então de praxe no Brasil, em virtude da união reinante entre a igreja catholica e o Estado.

E assim o chamado districto de *Maceió* deveria ter recebido o nome de districto dos Prazeres, nome que, em nossa opinião desautorizada, ainda póde ser adoptado, caso não mereça preferencia o de districto dos Martyrios, nome que a Companhia de Trilhos Urbanos tem popularizado em uma taboleta de bonde.

Se os edis de outr'ora tivessem legislado com a praxe, *Maceió* não soffreria tanto as consequencias funestas do bairrismo.

Infelizmente, porém, elles não podiam vêr tão longe, porque, pelo mesmo effeito do bairrismo, não concordariam nunca em retirar a palavra *Maceió* dentre os nomes dos districtos, tanto mais quanto eram incapazes de comprehender a enorme vantagem que haveria em supprimir um *Maceió* pequeno para criar um *Maceió* grande.

Como subsidio esclarecedor do assumpto devemos assignalar que de

pois da fundação da republica, o Rio de Janeiro e outras cidades passaram a distinguir oficialmente seus districtos municipaes apenas pelo numero de ordem; o que no nosso caso seria uma procedencia muito salutar.

X

Outro effeito do bairrismo na athmosphera official encontra-se no Almanak de Laemmert, que, como todos sabem, é o maior repositório de informações sobre o Brasil, e que é procurado no exterior do país, como aqui procuramos o Didot Botin ou o Gotha.

Os dados sobre Maceió, constantes d'esse Almanak, são fornecidos pela nossa municipalidade, mas de modo que não mantem sempre a unidade edilica da Capital, como por exemplo, nos artigos *Padarias* e *Seccos e Molhados*.

O Almanak diz: *Padarias — Em Jaraguá — Em Maceió — Em Bebedouro.*

Seccos e Molhados — Em Jaraguá — Em Maceió — Em Poço — Em Pharol — Em Bebedouro.

No capitulo *Religião* apparece Maceió com uma freguesia apenas, o que deve levar o consultante a imaginar á primeira vista que se trata de uma cidade pequenissima.

Assignalemos de passagem que as informações do Almanak são precedidas de algumas linhas sobre Alagoas, e se bem que sejam ellas muito poucas, de modo que occupam apenas um terço de pagina, os erros rivalizam com os do *Atlas do barão Homem de Mello*.

Por esse Almanak a cidade de Maceió está assentada á beira mar no lugar chamado *Ponta Verde*; na lista das cidades mais importantes está Penedo em 5º lugar; na lista das estradas de ferro figura a de *Paulo Affonso*, depois a de Maceió a União; depois o ramal de Lourenço de Albuquerque a Viçosa; e depois ainda este periodo final: "Um outro

ramal parte da cidade de Maceió a Pernambuco."

Esses factos comprovam ainda mais uma vez o quanto nossa terra é pouco conhecida, e destacam nosso grande descuido das cousas civicas, quando os interesses subalternos não estão directamente em jogo.

X

Ainda sobre o reflexo do bairrismo na athmosphera official, merece uma observação a *Recebedoria Central*.

Pelo seu proprio titulo e pelo art. 1º. de seu regulamento a séde da repartição é na Capital do Estado, que é o municipio de Maceió.

Entretanto, ao publicar diariamente a sua renda, precede da palavra *Jaraguá* a data da arrecadação, como se *Jaraguá* fosse o nome da Capital do Estado.

E' pena que assim aconteça, porque muito correctamente todos os despachos de importação e exportação, isto é — todo o expediente que produz a dita renda, é datado de Maceió.

E' justo proclamar que a pratica não é da actual administração, nem tão pouco das immediatas.

E' praxe velha que o bairrismo de algum empregado introduziu, e que sem maior exame chegou até agora.

A Alfandega, que é uma vizinha federal da *Recebedoria*, não emprega a palavra *Jaraguá*; tambem não a emprega a agencia fronteira do Banco do Brasil; nem a agencia contigua do Banco de Londres e da America do Sul.

Mas o Banco Central de Credito Agricola de Alagoas, que funciona naquelle bairro, emprega a combinação *Maceió-Jaraguá*, que significa estar Maceió contido em *Jaraguá*, ao mesmo tempo que no dito bairro outro banco alagoano, o Banco de Alagoas, publica seus balancetes mensaes datando-os de *Jaraguá-Maceió*.

X

O Sr. Epitacio Pessoa, que foi o

Presidente que mais se interessou pela administração publica, estudando pessoalmente todas as questões, lendo todos os papeis, examinando as leis pró e contra, e redigindo de seu proprio punho os despachos e ordens, estabeleceu durante seu quadriennio a reunião do ministerio, sob sua presidencia, uma vez por semana, para despacho colectivo.

Por essa occasião cada ministro dava conta das principaes occurrencias de sua pasta, e no dia seguinte o *Diario Official* e os demais jornaes publicavam uma resenha da reunião juntamente com um quadro do movimento dos principaes generos do pais.

Na primeira columna desse quadro figuravam as praças commerciaes e nas outras os algarismos relativos a cada genero: — assucar, algodão, etc.

Aconteceu que um dia, sobrando-nos tempo para demorar o olhar sobre esse quadro, tivemos a surpresa desagradavel de não encontrar *Maceió* na columna das praças, mas sim, depois de Recife, a palavra *Jaraguá*.

Aguardámos a semana seguinte e verificámos o mesmo facto, que aliás se foi reproduzindo nos subsequentes despachos collectivos, até que tivemos tempo de intervir no assumpto, escrevendo á competente repartição de estatistica.

Esta reconheceu o erro, mas não fez a emenda indicada, porque em vez de substituir *Jaraguá* por *Maceió*, substituiu por *Alagóas*.

Foi uma idéa menos feliz, porque já existindo uma cidade com o nome de *Alagóas*, não pôde extender-se a *Maceió* a tendencia, cada vez mais accentuada, de substituir-se o nome da capital pelo nome do Estado, como acontece em relação a Belém, S. Luis, Fortaleza, Recife e Salvador, já muito frequentemente chamadas Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia.

×

Devemos lembrar, a proposito

desse quadro, que aqui mesmo, em uma festa realizada na benemerita *Perseverança*, um orador, embora intelligente, alludiu ao commercio das praças de *Maceió* e *Jaraguá*, esquecendo-se de que o commercio d'esta Capital é um e unico, congregado debaixo do titulo de Associação Commercial de *Maceió*.

É devido a esse ponto de vista errado que annualmente, a 30 de outubro, se realiza um jogo de pebola do commercio de *Maceió* contra o de *Jaraguá*, quando se devera dizer — entre o primeiro e o segundo districto.

×

A praça de *Jaraguá*, incluída no quadro do serviço de estatistica foi uma illação tirada dos proprios despachos do Telegrapho Nacional que transmittiam os dados constantes do quadro: telegrammas esses datados de *Jaraguá*, como acontecia com quase todo o serviço telegraphico commercial antes do cabo submarino inaugurar sua *Estação de Maceió* na antiga rua da Alfandega do 2.º districto.

Seria preferivel que a estação de *Jaraguá* fosse transferida para o centro da cidade, e que a Repartição dos Telegraphos tivesse sua séde perto do porto, como acontece no Rio, diminuindo por esta fórma as despesas com o recebimento e a expedição do material telegraphico.

Desse modo, pensamos, seriam de *Maceió* todos os telegrammas que expedissimos pelo Telegrapho Nacional, como já o são os transmittidos pelo cabo submarino.

×

Com o Correio passam-se factos semelhantes.

Quando se deu a queda da monarchia no Brasil, o Rio com dezenas de bairros e arrabaldes tinha uma população de meio milhão, servida por sete companhias de bonde; e seu commercio já occupava, só nas ruas do centro da cidade, uma extensão de 16 kilometros, sendo que

quatro seguidos, representando a distancia do mercado velho ao Sacco do Alferes, pela Prainha, Saude e Gambôa.

Só essa linha de 4 kilometros é um trecho maior que o de Martyrios á ponte de Bebedouro.

Entretanto o Rio de Janeiro só tinha uma unica estação postal:—a da Directoria Geral dos Correios, á rua 1.º de Março.

Na mesma occasião a pequena cidade de Maceió, que era a metade do que é hoje, tinha duas: — a Administração dos Correios no chamado districto de Maceió e a Agencia do districto de Jaraguá.

Era um erro administrativo, porque a correspondencia destinada a Jaraguá passava por lá com destino á Administração, e d'ahi voltava á agencia para ser distribuida.

O erro foi mais tarde corrigido, obtendo o commercio local que Jaraguá pudesse receber e expedir malas para toda parte, o que foi outro erro.

A solução racional e economica consistia em mudar a Administração, collocando-a ao pé do porto, como acontece no Rio de Janeiro e outras capitães maritimas, de modo que houvesse grande economia no transporte das malas, além da vantagem de serem ellas recebidas mais cedo e expedidas mais tarde.

Nesse caso a agencia de Jaraguá passaria para o centro da cidade, como agencia urbana, solução aliás que, pelo menos na época, não era sympathica ao bairrismo.

Tal como é o serviço postal entre nós, não são de nossa Capital uma só carta que tenha no carimbo a palavra *Maceió*.

As do centro da cidade levam o carimbo da Administração dos Correios de Alagôas, e, como já fizemos vêr, não pôde nossa Capital ser conhecida ao mesmo tempo por *Maceió*, e *Alagôas*, visto termos uma cidade com este nome.

As que não são da Administração levam o carimbo *Bebedouro—Correio de Alagôas*; *Jaraguá—Correio de*

Alagôas; e assim por deante. A' primeira vista o assumpto parece insignificante, mas por mais insignificante que seja, elle tem valor.

Só os pretores não cuidam de causas minimas.

A vida humana, como a de toda a animalidade, procede e depende do infinitamente pequeno.

Do infinitamente pequeno surge toda a vida vegetal.

O infinitamente pequeno produz os seculos, produz os continentes, produz os astros, produz o universo; o que importa affirmar que o infinitamente pequeno produz o infinitamente grande.

O que estamos expendendo sobre o bairrismo em Maceió tem para nosso patriotismo a maior importancia, porque uma cidade progride tanto mais de pressa quanto mais conhecida ella se torna, e a primeira condição para se tornar conhecida é que seu nome seja frequentemente lido ou ouvido.

Os carimbos são mais lidos do que se imagina.

São lidos por milhares de empregados do correio, carteiros, estafetas e quaesquer outros conductores e portadores; são lidos antes das cartas pelos destinatarios que desconhecem a letra dos sobrescriptos; são lidos, mesmo no caso contrario, para verificação da data em que foram as cartas postadas; são lidos finalmente em toda parte do mundo, onde se encontrem colleccionadores philotelicos.

A Administração dos Correios funciona no mesmo edificio da Delegacia Fiscal, que agora é por demais pequeno para as duas repartições.

Fala-se por isso na construção de um novo edificio para a Delegacia, permanecendo o Correio no predio.

Foi este construido no tempo do imperio para Thesouraria de Fazenda, que, em virtude de reformas de character geral, passou a chamar-se Delegacia Fiscal do Thesouro.

O Correio, que é dependente do Ministerio da Viagem, é um hospede nesse predio, construido para um serviço do Ministerio da Fazenda.

Parece-nos que o mais racional seria que a mudança fosse do Correio, sendo sua nova installação no littoral, como acontece no Rio e outras cidades maritimas.

Sentimos muito que a nossa nihilidade não permitta appellarmos com vantagem para os homens que têm a responsabilidade das cousas publicas de nossa terra no sentido de serem as repartições centraes dos correios e telegraphos definitivamente montadas em predios separados ou num só predio commum, no bairro de Jaraguá.

×

Outro effeito da intromissão do bairrismo no mundo official encontramos no nome do porto de nossa Capital, ora chamado de Maceió, ora de Jaraguá.

E' um assumpto em que não pôde haver discrepancia, sem ferir interesses maceioenses que pôdem ser de grande monta.

Assignalemos de prompto que a denominação — de Jaraguá — importa desde logo uma gravissima omissão da palavra Maceió, sobretudo pelo erro prejudicialissimo que origina sobre a verdadeira situação de nossa Capital.

Dizer-se que a cidade de Maceió é servida pelo porto de Jaraguá é dar-se ao mundo a noção falsa de ser uma cidade afastada do littoral, como acontece, por exemplo, com a Parahyba em relação ao porto de Cabedello; e assim sendo, colloca-se Maceió fóra de dezenas de cogitações industriaes surgidas do seio do capitalismo estrangeiro.

E' certo que taes empresas não se formam sem o conhecimento directo dos lugares em que ellas têm de operar, mas é igualmente certo que esse conhecimento directo não se promove em relação aos lugares que, pela sua natureza, são a priori arredados dessas cogitações.

E' preciso que não tenhamos duvida a respeito do que somos.

O *Atlas Universal*, politico, estatistico e commercial, de Hikmann, publicação periodica que se faz em Vienna d'Austria, e que é uma rica fonte de informações, menciona apenas 8 cidades do Brasil das quaes 5 do sul, sem duvida pelo predominio da colonização estrangeira: Pará, Pernambuco, Bahia, Rio, S. Paulo, Santos, Porto Alegre e Rio Grande, que aliás é uma cidade pequena.

Quase que o mundo inteiro ignora que existimos, e muito mais ainda que Jaraguá seja uma parte de Maceió.

Mas não nos entristecemos por isso, pois ha no globo muitas cidades maiores que o Recife, que a Bahia, e que S. Paulo, cujos nomes aqui ninguem lê nem escuta.

Tambem sem ir á India, á China, ao Japão e á Russia: sem sahir mesmo da America, perguntamos quantos brasileiros pôdem dizer de cór os nomes dos Estados da Confederação Norte Americana, ou pelo menos os das suas capitaes?

Quantos alagoanos pôdem mencionar 6 cidades do Mexico, da Venezuela, da Bolivia, do Perú ou do Chile?

Mais do que isto, quem citará de prompto meia duzia de cidades brasileiras, que, não sendo capitaes, são todavia maiores que Maceió?

Não nos aborrecamos entretanto com o silencio, porque a ignorancia em tal assumpto é mundial, e em maior escala na França, que, geographicamente falando, só sabe de si e de suas possessões.

Quantas vezes ali já se tem dito que o Rio de Janeiro é na Republica Argentina?

Julio Verne escreveu um romance sobre o Amazonas, intitulado — *A Jangada* — e, entre muitos erros crassos, figura nelle o da remessa de uns autos, em 26 de agosto de 1852, pelo Juiz de Direito de Manãos ao *Chefe Supremo da Justiça no Rio*

depois, isto é, — a 30 do mesmo mês de agosto, estavam já em Manáos com o competente despacho!

Nem pelo telegrapho poderia ter isso acontecido, porque precisamente em 1852 foi que o professor de Physica da Escola Central, Guilherme de Capanema, inaugurou no Rio uma pequena linha subterranea entre o palacio imperial de S. Christovão e o quartel general do exercito.

Adolpho Bellot, em um de seus romances, mandou um personagem ao Brasil com destino á cidade mineira de Juiz de Fôra, transformada por elle em cidade maritima, umas tantas milhas ao sul do Rio de Janeiro!

Tambem um escriptor portuguez, cujo nome agora nos escapa, imaginou que a cidade do Rio estava assentada no Pão de Assucar, e ficou petrificado de surpresa quando, vindo ao Brasil, viu o penhasco na entrada da Guanabara.

A collecção de taes erros é grande e a mais grotesca possivel, como se vê, por exemplo, no caso occorrido com o imperador Pedro II, quando foi aos Estados Unidos visitar a exposição universal de Philadelphia.

Por ser branco elle tornou-se objecto de admiracão, pois a ideia que geralmente se fazia era que elle fosse negro!

E ainda agora é crença vulgar na Europa que o Brasil é um pais de pretos!

Mas voltemos ao nome do nosso porto.

Todas as companhias de navegacão, inclusive as estrangeiras, dão-lhe o nome de porto de Maceió.

O mesmo faz o *Atlas do Brasil* do barão Homem de Mello e diversas cartas da costa norte do pais.

O Almirantado inglés, que é a mais alta autoridade em materia de navegacão, na sua immensa lista de cartas maritimas tem a do nosso porto com o nome de *Porto de Maceió*.

E o proprio Ministerio da Marinha firma bem esta denominação, quando dá ao pharol de nosso portq não o nome de pharol de Jaraguá,

do nos annexos aos Relatorios annuos, tratando do movimento maritimo da União, publica o do *Porto de Maceió*.

E' um assumpto claro que o bairrismo tem procurado obscurecer com uma denominação errada e prejudicial aos nossos interesses, muito principalmente por figurar ás vezes em peças officiaes.

Jaraguá, proveniente de *Jara* (senhor ou senhora) e *guá* (pintado ou pintada), é o nome com que os aborigenes designavam a enseada, que devia ter sido observada e conhecida muito antes de qualquer aldeamento em seu littoral.

Assim, podemos dizer, sem erro, que o porto de Maceió é a enseada de Jaraguá, como dizemos que o do Rio de Janeiro é a bahia de Guanabara.

Para sentir bem a gravidade do erro criado pelo bairrismo basta considerar o facto indiscutivel de ser Jaraguá um bairro, isto é—uma parte da cidade de Maceió.

E assim considerando, (como não póde deixar de ser considerado), vê-se como se fere o bom senso, deixando de dizer que o porto é da cidade de Maceió, para se dizer que elle é somente de uma parte da cidade!

×

Para terminar repetimos o que já dissemos:

Uma cidade progride tanto mais depressa quanto mais conhecida ella se torna; e a primeira condicão para se tornar conhecida é que seu nome seja frequentemente lido ou ouvido.

Por isso fazemos votos para que todos aquelles que, pelas suas virtudes civicas, têm prestigio na politica e na administração, façam convergir seus esforços no sentido do engrandecimento de nossa Capital, pelo modo que indicamos, por ter a vantagem de não pedir sacrificios, nem precisar de emprestimos, nem depender de impostos; mas que apenas requer uma cousa que não são as algibeiras, mas do coração: —

LITTERATURA

O principado da prosa

Moreno Brandão

da Escola Normal de Alagoas

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

No Brasil não se querem reputações duradouras, nem se toleram escriptores cuja actividade intellectual se exercite por muito tempo, multiplicando-se numa bibliographia copiosa.

Lê-se raramente, e os conceitos da critica se antecipam aos trabalhos que devem ser externados.

Não se podendo mais formar as lendas criadas em torno das individualidades proceras do mundo mental, attribuindo-lhes perversões ou vicios degradantes, apegam-se os Zollos espectaculosos e os Aristarchos de meia tigella a qualquer pretexto futil para destruirem valores excepcionaes, que, em outros países andariam dentro de um halo relumbrante de perenne admiração.

Com estribilhos constantemente repetidos pensam julgadores notaveis apenas por inexcedivel incompetencia, ter augmentado a propria fama problematica, amesquinhando a gloria de quem logrou a popularidade por meio de dons superiores, fartamente comprovados.

José de Alencar foi victima dessa injustiça praticada, em regra geral, por estreantes que se querem, prescindindo da accção do tempo, fazer rapidamente celebridades.

De Ruy Barbosa, que deixou documentação esmagadora de um merecimento ainda não igualado, se disseram muitas cousas pasmosas, negando-se-lhe até o conhecimento perfeito da lingua em cujo estudo foi iniciado pelo mais austero e zeloso dos mestres, seu pae, Dr. João Barbosa de Oliveira.

Idéas por elle divulgadas com pro-

um lidador extenuo e deram á sua vida um timbre de grandeza apostolar, deixaram de ser apreciados para se contemplar apenas a roupagem irriante em que elle os envolveu.

Por isso, não medrando a accusação estolida de que elle não sabia o idioma vernaculo, os criticos se apegaram ao futil pretexto accusatorio de seu verbalismo, considerado inane.

Por uma excepção, que pode ser considerada miraculosa, a idade ancia em que morreu não o fez ser averbado de fossil, opinião hoje emitida, com a maior sem-ceremonia em referencia a Alberto de Oliveira.

Essas necessidades, que nos apontam aos espiritos sensatos como terra de encarvoadores systematicos de reputações, não impedem, contudo, que José de Alencar, Ruy Barbosa e Alberto de Oliveira sejam processionalmente levados pela multidão ao pinaculo da gloria, sem que ninguem lucre em tentar-lhes reduzir a corporatura athletica.

Essas investidas que tomam, ás vezes, um caracter de aggressão feroz, indicam entre nós, de forma bastante exdruxula, o reconhecimento de meritos excepcionaes.

Nega-los é na concepção de follicularios ruidosos e destituídos de prestimo, valorizar o negador, e, por semelhante causa, quando os contemporaneos já parecem, aos olhos dos carrascos, devidamente estraçados, entregam-se alguns á faina repugnante das hyenas e põem-se a revolver tumulos, donde são arrancados os cadaveres dos indigentes, fa-

feita a revisão do processo historico de sua glorificação.

Em antagonismo a esse modo deploravel de proceder o povo, com o solido bom senso de La Forêt, a juiza severa dos trabalhos de Moliere, sagra com as demonstrações indiscutíveis de seu applauso aquelles que os methodos vulpinos de nossos literatos de fancia procuram reduzir á expressão mais simples.

Do caso vertente Coelho Netto é demonstração cabal, por haver sido recentemente eleito o principe de nossos prosadores e ter tido do governo honrosa missão diplomatica.

Se, desse modo a opinião popular encarnada pelos poderes publicos se distancia da de nossos pretensos orientadores, intimamente se consorcia com a do "Leitgeist", supplemento literario do "Berliner Tageblatt", onde se disse que o nosso romancista era o mais significativo dos poetas brasileiros da actualidade.

Explicando o aresto do jornalista alemão, diz João Ribeiro que os teutos, á maneira dos gregos, chamam de poetas todos os espiritos criadores indistinctamente, na prosa ou na poesia e ainda na arte.

E, linhas adeante, accrescenta que foi o critico e literato viennense Martin Brusot que tornou conhecido na Alemanha o nome de Coelho Netto — espirito original e já em gráo de ser colhido e assimilado pela cultura européa.

O critico propagador dessas opiniões alienigenas ás esposas e desenvolve.

Não discorda absolutamente dessa maneira de pensar Sylvio Romero, que deu á aptidão de Coelho Netto para tratar de assumptos disgeneres, brasileiros ou exóticos, a adequada denominação de eclectismo universalista.

José Verissimo, que tinha o mais fino bom gosto, embora apontando os defeitos do escriptor maranhense, consistentes na sofreguidão com que elle escreve no rebuscamento de sua

linguagem e, ás vezes, no amaneirado do estylo com certas pretensões a quinhentista, na fatigante pormenorização descriptiva, na falta de psychologia, dá a Coelho Netto o lugar merecido na literatura nacional.

As arguições do critico têm um cunho de admiração leal e não de ataque virulento.

Algumas dellas são parcialmente discutíveis; outras são de todo infundadas.

Em verdade, se, como disse o proprio escriptor a um jornalista, nada lhe é mais facil que lançar ao papel, quase sem se interromper, desde a primeira á ultima palavra, um romance, um poema, um drama, uma novella, desde que lhes concebeu a idéa capital, não se pode increpar ao nosso principe da prosa a copiosidade de sua produção literaria.

Desta deu Balzac um exemplo, que não o desdoura perante a opinião dos leitores, nem da critica judiciousa.

Se houvesse no juiz consciencioso dos meritos literarios do romancista o proposito de malsinar — o que não consoa de modo algum com a norma de acção de José Verissimo, poder-se-ia retrucar que da parcimonia com que escreve Graça Aranha já se fez um capitulo accusatorio.

Ademais, a penna de Coelho Netto é o seu instrumento de trabalho.

Della provém os elementos indispensaveis á modestia de seu viver.

Elle tem, portanto, obrigação de escrever muito, para que no seu lar, tão deslumbrantemente illuminado por um carinho sem termos, palpите sempre a nota de alegria redundante de um conforto.

Accresce que a nossa opinião publica anda sempre num estado integral de hybernação.

Para desperta-la é indispensavel um esforço titanico, muitas vezes de resultados completamente nullos.

Os dois poderosos motivos apontados seriam bastante fortes para explicar a excessiva productividade

mental de Coelho Netto, se não a conseguisse justificar a exuberancia de sua imaginação verdadeiramente tropical e admiravelmente criadora.

Não seria discreto indagar se elle conseguiu a aurea mediocridade assegurada pelo seu labor exhaustivo. Quanto á sua influencia no meio social brasileiro, não ha duvida.

Elle influiu com efficacia na formação espiritual de muitos talentos coevos e trouxe para o soerguimento do theatro nacional consignaões desapreciadas na actualidade, mas talvez amanhã aquilatadas com justiça.

Até a sua paixão pelos archaismos e neologismos ou por formulas syntacticas em desuso trahe escrupulos de consciencia, que revelam no escriptor o desejo de se servir dos melhores meios para enunciaão de suas idéas.

Isto posto e attendendo ao modo pelo qual se harmonizam com os sentimentos populares os conceitos dos criticos nacionaes e estrangeiros, é de plena justiça reconhecer que, morto Ruy Barbosa, devia caber a Coelho Netto o principado da prosa e a hora de representar a nossa cultura perante os argentinos.

Encarado como prosador, ninguém o supera na actualidade.

Não ha de lhe tocar, por certo, a censura intercalada na oração proferida por elle, quando foi da recepção de Osorio Duque Estrada na Academia Brasileira de Letras: "A lingua está a pique de perder-se, degenerando em garabulha por arte dos franchinotes." O seu patriotismo, entrevisto no amor com que descreve as nossas paisagens e os typos que

as animam, nas paginas consagradas ao epicismo de muitos de nossos feitos historicos, nos livros didacticos elaborados por elle, em sua paixão pela mais reprovavel e grosseira das formas do athletismo contemporaneo — o foot-ball — de que espera a regeneração physica da raça, evidencia-se igualmente no culto da lingua.

E, se, ás vezes, descamba do falar propriamente brasileiro para entresachar nos seus escriptos vocabulos de uso exclusivo de Portugal, explica-se o facto por ser filho de portuquês e haver nascido em Estado, onde a religião do vernaculo sempre teve sectarios amoucos.

Antes isso do que o desleixo de muitos, que o fingem praticar intencionalmente para darem um verniz enganador á ignorancia que os caracteriza.

Escriptor dos mais lidos de nosso pais: romancista, que soube mostrar toda a complexidade pasmosa da alma humana; novellista, que transmite aos leitores as commoções mais impressivas e duradoras; chronista leve, subtil e espirituoso; dramaturgo que manda á scena peças de um forte poder de suggestão; contista que sabe encerrar em poucas linhas narrativas pungentes ou hilariantes; moralista, cujas palavras, insertas no "Breviario Civico", bastariam, se attentamente meditadas, para fazer a remodelação do character nacional, Coelho Netto, que nem sempre esteve ao abrigo de selvagens aggressões, teve nos ultimos triumphos obtidos a consagração que não o desvaira, mas enche de jubilo o coração da Patria.

Retrato e Caricatura

Carlos de Gusmão

da Academia Alagoana de Letras

(Lido em sessão do syllogon e para publicação original na "Revista de Ensino")

Eu sempre pensei que a caricatura parece mais com o individuo do que o proprio retrato!

Não sei se já houve quem pensasse e, pensando, dissesse essa estravagancia. E eu até hontem tive o cuidado de esconder no silencio da minha timidez o pensamento que me tomava, quando transportado aos dominios da arte de Guevára. Tinha medo de dizer a possivel tolice.

Mas chegou o dia.

Parece que tenho razão.

Digo porque.

No retrato, photographado ou copiado do natural, ou de outro, pelo desenhista, é, em regra, o individuo que apparece aos nossos olhos, simplesmente. Digo *em regra*, porque nunca uma chapa e só raramente um genio póde offerecer-nos uma verdadeira *interpretação* do retratado. Mas, em regra é o individuo, elle objectivamente, que apparece, e nunca aquelle que *nós vemos*. Eu poderia dizer melhor — aquelle que a *nossa observação vê*, ou então, — que o *nosso senso esthetico descortina*.

Não sei se me exprimo bem.

Para mim, por exemplo, vae uma grande differença da rosa que está no jardim, que mesmo de relance vejo, mas sem me prender a attenção, ou que nas mesmas condições se acha numa estampa, pintura, ou photographia, para aquella que realmente eu olho, observo, admiro e até sinto. Talvez fique bem dizer, synthetizando — entre a rosa *que vejo* e aquella que *observo*. Talvez ainda fôsse melhor admittir — entre a *que meus olhos vêem* e a *que estou vendo*. Sim, porque meus olhos vêem a rosa, mas meu pensamento tambem a vê, tambem a vê meu cerebro, e, ás vezes,

com que outros aspectos! tão grande! tão alegre! tão bonita! com um colorido tão especial! tão cheirosa! tão cheia de saudades e recordações!

E' por isso que um cravo de defunto é tão feio, tão triste, e parece preto, apesar de apparecer e ser visto pelos nossos olhos tão amarello! tão dourado! tão vivo! tão berriante!

O cachorro que me atacou na estrada deserta tinha na minha impressão um aspecto muito differente do que teria o seu retrato photographado, mesmo naquella occasião. Eu lhe vi a bôcca enorme aberta, com uns dentes! umas presas de leão, afiadissimas e grandes e de cujas pontas como que já pingava o sangue das minhas pobres pernas. O cachorro que eu vi se parecia mais com a caricatura formada na minha imaginação, do que certamente com a photographia que delle se tirasse.

O boi que, na campina do engenho, levantou a cabeça um dia para mim, cavou o chão com a pata e investiu, parecia-me uma féra e tinha um chifre de tamanho descommunal, como nunca mais eu vi na minha vida...

O professor da minha infancia, aquelle que ralhava, dando murros na mesa, limpando os olhos e prometendo bolos de palmatoria, não era nunca o que eu via no retrato da sala, posto na moldura, tirado na photographia "Jatobá", ali defronte do palacio velho. O professor que eu via era outro, gravado no meu cerebro com os traços de uma impressionante caricatura.

Vê-se, portanto, que o retrato em regra não é a representação exacta

Carta aberta

Corrêa de Oliveira

Miss Mabel, depois que a senhora partiu,
Torva em torno de mim funda saudade erra.
E creia: desde então minh'alma se cobriu
De mais sombras talvez do que o céu da Inglaterra.

Nunca a ausencia de alguém, alguém, como eu, sentiu;
Na memoria em revê-la o meu viver se encerra;
E a "miss" nem sequer pensará que me viu
Nalgum ponto remoto e escondido da terra.

E, entretanto, eu conservo a vivida lembrança
Desse tempo que a amei, mesmo sem esperança,
Como a concha conserva o sussurro do mar.

E vivo desse amor que me encheu toda a vida,
Embora seja a "miss" a Terra Promettida,
Onde eu, novo Moysés, nunca possa chegar.

do que vemos, que nos impressiona. A caricatura está evidentemente mais proxima. Ha uma grande differença, entre uma e outra das representações graphicas, ou seja a differença que vae entre a copia e a interpretação, entre o *ver* e o *observar*, ou melhor o *sentir*.

E não será o retrato uma copia e a caricatura uma interpretação? E' certo que interpretação grotesca. E a proposito eu me aventuro a dizer tambem que não estou muito de accordo com isto de se admittir que a caricatura é uma expressão grotesca, ridicula. Para mim, tanto se caricatura o feio, o ridiculo da pessoa, como caricaturavel deve ser qualquer outro aspecto de sua individualidade. Porque não admittir a caricatura da bondade de uma pessoa, da sua physionomia sympathica, do seu caracter da sua belleza? Isso tra-

çando-se de pessoas. A caricatura exaggera os traços, dá maior expressão, maior accento, de accordo com a impressão do observador, e isso pôde succeder em todos os sentidos. A mulher bella que impressiona o artista pôde ser por elle, numa inspiração, caricaturada, para apparecer exaggeradamente bella. Tudo depende do talento desse artista; e se não houve ainda quem fizesse caricaturas a não ser do physico feio, caricaturas grotescas, não podemos duvidar que appareçam cerebrações capazes de fazer a caricatura da belleza, da intelligencia, da bondade, etc. Se eu me limito a ter a pretensão de fazer caricaturas de traços grotescos, é porque a minha intelligencia não pôde ir além: fico neste degrão das concepções artisticas do genero, a meu ver o mais rudimentar, o mais pobre. Realmente estas caricaturas são

cepções que fazem uma obra de destruição, a mais facil de realizar em todas as coisas da vida terrena. Nem todos sabem construir, ao passo que destruir é sempre facil.

O retrato é objectivo: representa o objecto copiado, em si, por si, só. A caricatura é subjectiva: traduz a imagem do que nos impressionou, o nosso estado d'alma a respeito do que observamos, e por ser assim, conciso, exprime melhor, interiormente, a victima da nossa observação, ou seja parece mais com ella, como a vemos na nossa apreciação esthetica, do que o retrato que a machina reproduziu.

No retrato não ha sentimento, não ha opinião, não ha critica. Elle é puramente material, quando a caricatura é por assim dizer mental.

Está claro, e eu já fiz a resalva, que os genios da pintura interpretam os seus retratados, como os grandes paisagistas põem nas suas telas todos os sentimentos que o talento lhes permite. Isso, porém, é coisa mui rara... Em regra só vemos copistas, de figuras ou da natureza.

Mas repito, o retrato se parece menos com a pessoa, do que a caricatura. Do contrario, digo ainda, a nossa apreciação pessoal daquillo que os olhos vêem, nada valeria.

Ali está por exemplo, o nosso presidente. A gente olha para elle com os olhos da cara e tambem com os do pensamento, e vê o nosso admiravel

Guedes de Miranda: dos labios, finos como uma linha da Pedra, corre um sorriso ironico para as coisas materiaes da vida; do cerebro jorram idéas que sahem aos milhões pelos cabellos assanhados como uma rodinha de fogo de noite de São João. Sacóde a cabelleira, e a nossa imaginação vê e sente ali, varrendo o céu, como o classico *panache* de Cyrano, a cópa de um coqueiro alto de Tatuamunha, batido pelo nordeste...

Ora, nem o corpo esguio, nem os labios finos, nem aquelles óculos grandes e brilhantes como lanternas de auto que está infringindo o regulamento de vehiculos, nem a cabelleira revolta que

nós vemos, nada disso é o que o retrato do Guedes copia. Não. Só a caricatura reproduz o Guedes tal qual (com licença dos futuristas) o nosso estado d'alma o vê... Sómente ella nos pôde dar esse Guedes "mental" que nós vemos.

E querem que lhes diga uma novidade?

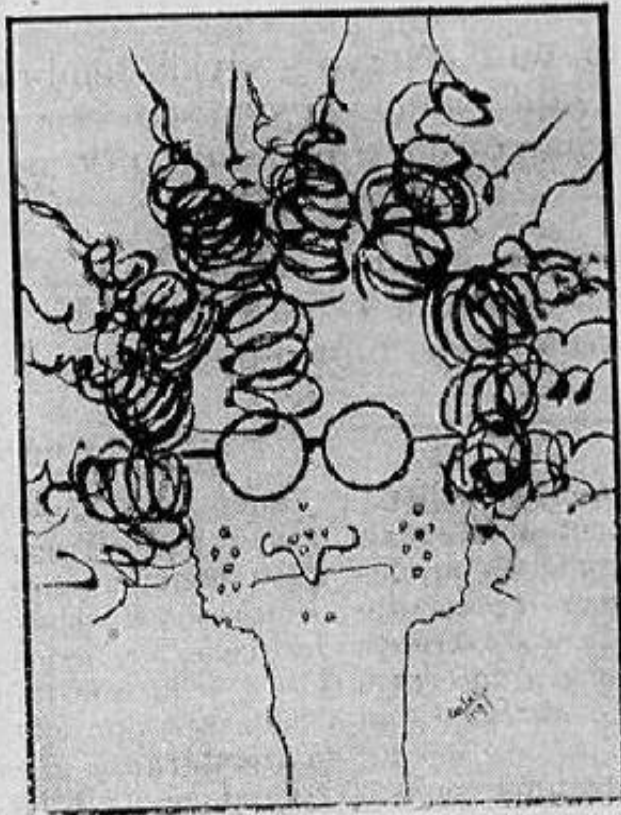
Vou dizer: Acabo modificando o que disse, para ir além.

A caricatura não se parece com o

individuo, sómente mais do que o seu retrato: ella com elle se parece mais mesmo do que elle proprio!

E' por isso que isto aqui — a caricatura do Guedes — que eu fiz, se estiver bem feita, deve parecer mais com elle, do que o Guedes que está solennemente presidindo a esta sessão.

18-9-29.



Theorias sobre o Universo (*)

Belisario Moura

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

II—O homem acreditou, durante muito tempo, que tudo havia sido criado para elle. Via sua terra natal como o centro da terra, as estrellas giravam em torno do globo, o sol tinha como função unica illumina-lo, illuminando a Terra, e para isto percorreria cada dia um circulo immenso em torno della, e a Terra era o centro do systema planetário. Copernico fez uma verdadeira revolução scientifica. Suas idéas, porém, não foram diffundidas com a rapidez relativa ás verdades que encerravam, visto ser elle retrahido e modesto, não possuindo a necessaria tempera combativa.

Nasceu Copernico em Thorn, cidade da Polonia; ahi fez com apuro os preparatorios; seguiu para a Cracovia, tirando o curso de medicina e começou os estudos de astronomia. Terminados estes, foi aperfeiçoa-los em Roma; nomeado conego, voltou á sua terra natal. Em Thorn exerceu as funções ecclesiasticas, as de medico e as de professor de astronomia. Como medico, nunca recebeu recompensa monetaria, fez da medicina um silencioso apostolado; nas de ecclesiastico não tinha grande brilho e mesmo como professor de astronomia, apesar de suas idéas, simples e verdadeiras, não fez a propaganda que seria necessaria; manteve contudo firmeza, ensinando o que lhe parecia o certo de accordo com seus estudos e investigações. Assim explicou o dia e a noite pelo movimento da Terra em torno de seu eixo; que a Terra se movia em torno do Sol; que este era fixo, descrevendo um circulo perfeito, assim como os demais planetas. Essas noções se espalharam, dividindo as opiniões em duas correntes: a dos partidarios e a dos adversarios, sendo a ultima mais numerosa.

Copernico por temperamento e querendo evitar a luta que a publicação de suas idéas acarretaria, levou trinta annos sem publicar a sua obra. Instado por amigos, entre os quaes o bispo de Culm e o cardeal de Cápua, acabou por permittir a publicação della. Esta foi dedicada ao papa Paulo III e punha os seus estudos sob a protecção da Igreja.

O manuscripto foi entregue a Oziandro, em Nuremburg, e deste mereceu acurado estudo, ficando de todo inteirado das idéas de Copernico; prevendo o que poderia acontecer, fez um prefacio cheio de subterfugios e sem conhecimento do autor da obra.

(*) Vide "Revista de Ensino" n. 16 de julho-agosto

Nesse prefacio declarava que Copernico apenas facilitara os calculos astronomicos, e não acreditava que os phenomenos se passassem como expunha. Esse prefacio, mentiroso e hypocrita, que Copernico ignorava e nunca o pôde ler, visto que quando a obra ficou prompta, e lhe levaram um exemplar, elle mal a pôde suster, por ter tido pouco antes um ataque de apoplexia do qual falleceu.

Com o prefacio malicioso de Oziandro, atravessou a obra de Copernico 70 annos, sem que fosse victima de grandes perseguições. Os adversarios das idéas de Copernico, expandiam argumentos, pretendendo derrocar uma das verdades mais simples. Entre estes surgia o tirado da Biblia, pois em diversos logares desta está escripto que os céos é que se movem e a Terra é fixa; ainda mais, a Biblia nos diz que o Sol foi criado para illuminar a Terra e muito logicamente ajuntava: quando se quer illuminar uma casa não se põe a voltear esta em torno do archote, sim este é que anda em torno della; ora se a Biblia nos diz que o Sol tem como função illuminar a Terra, é forçosamente este que lhe gyra em torno. Vinha ainda reforçar essa argumentação o facto de ter Josué feito parar o Sol; essa passagem especial está na Biblia, como muito grande milagre; se Josué conseguiu que o Sol parasse, era logico e conclusivo que este se movia e portanto elle gyra em torno da Terra. Sendo por isso a doutrina de Copernico tomada como heresia.

Sobre a obra de Copernico, Luthero escreveu: "Ha de tras, que têm prestado ouvidos ás divagações de um mão astrologo, que procura demonstrar que a Terra roda e não os céos ou o firmamento, o Sol e a Lua. Todo aquelle que desejar parecer um grande espirito esforce-se por achar algum systema novo que, naturalmente, é o melhor. Esse tolo quer destruir toda a sciencia da Astronomia". Conclue-se que, ainda mesmo para Luthero, Copernico não passava de um tolo; ainda mais a opinião de Luthero encerra uma grande injustiça, pois ninguem menos avesso á evidencia do que Copernico.

Relativamente ao movimento da Terra em torno do seu eixo, affirmavam os adversarios de Copernico não ser possivel a existencia de tal movimento, porque os objectos que estão á sua superficie projectar-se iam no espaço, e seria necessario que animaes e homens se prendessem ao solo por meio de garras, para que o vento, naturalmente forte, os não arrastassem.

E' claro que elles desconheciam a força da attracção. Verdade é que se a força centrifuga não fosse contrabalancada pela gravidade, as allegações acima seriam razoaveis. E', porém, a attracção tão maior, que no Equador a força centrifuga apenas tem como effeito diminuir em cada kilo tres grammas.

CASA DAS MEIAS

— DE —

Diniz Almeida & Cia.

Rua 1.º de Março n.º 134

MACEIÒ

Sortimento completo e permanente
de todos os padrões e de todos os typos:

MEIAS para homens

MEIAS para senhoras e senhorinhas

MEIAS para crianças

TEMOS AS QUALIDADES QUE NINGUEM RECEBE.

FAZEMOS OS PREÇOS MAIS CAMARADAS DO MUNDO,
COMO NINGUEM FAZ

Quem quiser calçar meias decentes visite a

Casa das Meias

RUA 1.º DE MARÇO N.º 134

MARIO GUIMARÃES & Cia.

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

CODIGOS : A. B. C. 5ª Ed. Melh. e 6ª, Mascotte, Ribeiro, Borges e Particular

MATRIZ:

Rua Dr. Rocha Cavalcanti, 352-356

CAIXA POSTAL N.º 57

Telegramma : CASTRO

TELEPHONES: { Escritorio - 309
Automoveis - 308
Posto de Serviço "Chevrolet"

MACEIO'

FILIAL:

Rua Santos Dumont, 32

CAIXA POSTAL N.º 42

Telegramma : NIOAL

BAHIA

REPRESENTANTES DE IMPORTANTES CASAS E FABRICAS DO PAIS E DO ESTRANGEIRO

EXCLUSIVOS VENDEDORES dos afamados Pneus MICHELIN

Peças e accessorios para automoveis CHEVROLET, OAKLAND, PONTIAC etc.

MACHINAS DE BENEFICIAR ALGODÃO "EAGLE"

Machinismos para Industrias e Agricultura

Agentes da GENERAL MOTORS OF BRASIL S/A

**Companhia de Seguros Terrestres e Marítimos SAGRES e INTER-
NACIONAL DE SEGUROS** (accidentes do trabalho e automoveis)

Concessionarios da Companhia Industrial "Cortume Alagoano" S/A Viçosa -- Alagoas:

**Esmerada preparação de solas, raspas, vaquetas ao chromo e ao semi-
chromo, buffalos, vernizes etc. etc.**

Além dessas razões, havia argumentos interessantes para destruir a theoria de Copernico; um destes era que todo animal para que se possa mover necessita de musculos; ora a Terra não tem musculos, logo não se movia; ainda accrescentavam: todo movimento trás uma elevação de temperatura e se a Terra se movesse com a velocidade que lhe dá Copernico, já se teria esgalhado. Outro argumento era que, sendo os astros movidos pelos anjos, nunca se tinha visto o anjo que movia a Terra; não poderia este achar-se do lado de fóra, senão já se tinha encontrado; no centro não era possível, pois ahí é o inferno e Deus não daria a um demonio missão tão importante.

Com essas razões tiravam a conclusão que a theoria de Copernico era falsa, erronea e cheia de heresias.

Por fim, observações precisas dissiparam essas illusões, e o Sol ficou no lugar que occupa realmente, isto é, no centro do mundo e não do Universo; em torno d'elle gyram os planetas bem menos volumosos, entre os quaes está a Terra; esses planetas são acompanhados de corpos celestes menores, que fazem sua revolução em torno d'elles, como elles a fazem em torno do Sol, e estes pequenos planetas são os satellites.

Morto Copernico, ficaram as suas idéas; a sua theoria foi sendo abraçada e comprehendida pelas intelligencias capazes. O seu ensino foi prohibido pelas autoridades ecclesiasticas, embora, devido ao prefacio de Oziandro, cheio de ladeações e sophismas, ella não fosse dogmaticamente condemnada. Só em 1616, foi a obra de Copernico excommungada pela Igreja Catholica, quando a congregação do Index declarou excommungados "Todos os livros que affirmam o movimento da Terra", e, o papa Paulo V, com a responsabilidade de sua infallibilidade, reforçou essa excommunhão com uma bula especial. No mesmo sentido agiu o papa Alexandre VII em 1664, promulgando uma bula especial; nessa estava escripto que a obra de Copernico estava condemnada, "até que fosse corrigida"; porém, em vez de vir a correção a obra de Copernico, foi a Igreja que se corrigiu, supprimindo, em 1835, do catalogo dos livros condemnados a grandiosa obra de Copernico.

III—Conquanto Copernico tivesse lançado uma orientação mais segura e precisa ao estudo da Astronomia, tornou-se necessario rever a sua obra com observações mais apuradas, dando-lhe maior desenvolvimento. Coube a João Keppler e a Gallileu a preciosa tarefa.

Keppler pobre de nascimento, com pouca saúde, exerceu as funcções de empregado na hospedaria de seus paes até aos doze annos. Seu pae tomado de enthusiasmo, abandonou o negocio, in-

corporou-se ao exercito austriaco, foi combater os turcos e falleceu em combate. Sua mãe não gosava de muita consideração, devido á impetuosidade de seu genio.

Aos doze annos foi Keppler accomettido de grave doença, indo tratar-se na fazenda de uma sua irmã, casada com um pastor protestante. Restabelecido, começou a trabalhar na lavoura; porém, de compleição fraca, não podia arcar com a natureza dos trabalhos, e seu cunhado pensou fazê-lo seguir a carreira ecclesiastica. Adquirindo conhecimentos e adeantando-se nos estudos, revelou um temperamento independente, não se mecanizando ás idéas dos mestres, dos quaes com frequencia divergia; seu cunhado, reconhecendo pouca tendencia no seu espirito para a carreira escolhida, e, principalmente pelas idéas pessoaes que manifestava, afastou-o definitivamente da carreira ecclesiastica. Tinha então Keppler 18 annos, quando foi tomado como discipulo de Moestlin, predilecto de Copernico, cujas aulas frequentava com enthusiasmo, e tal foi sua applicação que no fim de quatro annos leccionava mathematica numa universidade.

Como todo professor de mathematica, naquella epoca, não só ensinava a materia e astronomia, como fazia o calendario com as previsões do tempo e das bôas e más colheitas.

Não durou muito tempo, tendo de abandonar a sua cadeira por divergencias religiosas. Nessa situação appareceu o fidalgo Tycho Brahe, expatriado da Dinamarca, grande luminar em astronomia, protegido de Rodolpho II, imperador da Alemanha; vira os trabalhos de Keppler e o levou para sua companhia.

Tycho Brahe lamentava que Keppler seguisse a theoria de Copernico, mas muito o apreciava, embora, como todos os astrónomos do tempo, acreditasse na astrologia e entre ambos houvesse pontos de divergencia.

Tycho Brahe publicou o seu primeiro trabalho referente a uma estrella que elle tinha descoberto e a estudou com copiosa documentação de detalhes. Essa publicação, porém, foi muito retardada, não por motivos de orthodoxia, mas porque sendo fidalgo, não desejava ver o seu nome como escriptor, o que para a epoca não era muito louvavel.

Depois de muita vacilação resolveu publicar o livro e dahi em deante consagrou-se inteiramente á sciencia; deixando, apesar de crer na astrologia, estudos muito uteis sobre os movimentos da Lua, sobre os cometas e sobre as estrellas, publicando um catalogo sobre a posição destas com observações muito exactas. Keppler, na sua correspondencia, se queixava do genio impulsivo e pouco cortês do fidalgo, mas esteve com elle muito tempo. Fallecendo o mestre, Keppler o substituiu como astrónomo official.

Neste cargo e por confundirem-se na epoca as funcções de

astronomo e as de astrologo, teve de seguir com o exercito de Wallenstein afim de prever as victorias e derrotas, como traçar horoscopos aos fidalgos e chefes. Devido, porém, á sua já solida cultura, Keppler não prestou muita attenção a essas ultimas obrigações e assim foi forçado a deixar o logar, em precarias condições, pois ha muito não recebia a devida soldada. Como se vê, a sorte lhe foi madrasta e como não bastassem essas lutas, esses dissabores e tropeços, a sua vida domestica ainda mais lhe perturbava a calma precisa ás investigações a que se propunha. Casara com uma senhora viuva, que, casando segunda vez, e se divorciando, depois de soffrer de epilepsia, enlouqueceu, fallecendo alguns annos depois. Sua mãe delle, submettida a um processo por feitiçaria, victima de uma denuncia falsa, escapou da fogueira por influencia do filho, mas esse processo durou cinco annos. Certo se Keppler não fosse açoitado por todas essas desgraças, nos teria deixado obra mais completa e teria tido alguma intuição sobre a gravidade; mas apoucado desde a infancia, o pae perdido muito cedo em combate, a mulher louca, a mãe reclusa, já o que nos legou merece um culto de admiração e o pedestal da immortalidade. Corrigindo a theoria de Copernico que nos dá os astros descrevendo circulos perfeitos, elle determinou, no fim de dezenove annos de estudos e tentativas, que as orbitas descriptas são ellipses de que o Sol occupa um dos focos. Durante esses 19 annos experimentou Keppler 17 curvas. E' preciso notar que a ellipse foi tentada logo depois da oval, mas tendo elle errado nos calculos, só algum tempo depois retrocedeu e verificou que era a ellipse que confirmava as observações astronomicas. Keppler assim demonstrou a theoria de Copernico, corrigindo-a, pois o mestre marcava orbitas circulares para os astros.

Este grande estudioso e maior soffredor estava por demais apegado ás idéas religiosas e acreditava que cada astro tinha um anjo a guia-lo.

Além desses trabalhos astronomicos, Keppler dedicou-se ao mecanismo do olho, deixando estudos perfeitos e preciosos; formulou a theoria das ondulações, que muito tempo depois se firmou. Esse grande cerebro, porém, ficou de todo conhecido e venerado pelas suas tres leis, que são o fundamento de toda a Astronomia:

- I — As orbitas planetarias são ellipses de que o Sol occupa um dos focos.
- II — As areas descriptas pelos raios vectores são proporcionaes ao tempo.
- III — Os quadrados dos tempos das revoluções planetarias são proporcionaes aos cubos das distancias medias.

A Calliphasia ou Declamação

Noemia Nascimento Gama

da Escola Normal de S. Paulo

*Resumo de um livro a ser editado
sobre "Calliphasia".*

A minha palestra de hoje, sem nenhum espirito literario, é apenas a exposição do methodo com que se póde ensinar a declamação. Sendo esse ensino baseado em multiplas e continuas observações, começo por notar que, antes da interpretação da poesia ou da prosa, é essencial ensinar a dizê-las com perfeita dicção.

A voz, a respiração e o gesto, todos elles, são predicados indispensaveis a uma perfeita declamadora. A voz, factor importantissimo áquelles que se propõem a *dizer*, póde ser educada para falar, como a educamos para cantar. Encontramos, em todos os principiantes, ou seja por timidez, ou seja por falta de exercicio, o grave defeito de variar o timbre de sua voz nasal, ora como voz da cabeça.

Analysando separadamente os diversos timbres de voz, vemos que a voz do peito é a unica que póde convir a quem declama. A voz do peito é a voz natural, é a voz que, sem o minimo esforço, nos permite imprimir diversas modulações á prosa e ao verso, assim como dar justeza ás inflexões.

A voz da cabeça é uma voz forçada e desagradavel, que não se póde modular na sua precisa conta; sae ás vezes tão aguda que é necessario flexioná-la rapidamente para não descambar para o falsete.

Ha na voz tres registros distinctos: o agudo, o médio e o grave. É o registro médio que deve predominar; e a inflexão delle faz vibrar a palavra que nos communicará a tristez

tisfação. O uso do registro grave ou agudo tem o inconveniente de habituar a voz a um diapasão muito baixo e, portanto, sem resonancia, ou a um diapasão muito alto e de pessimo effeito. Ha um exercicio que, feito com methodo e acompanhado pelo professor, facilita uma empostação rapida e média; consiste em lêr um trecho de prosa ou verso, começando no registro médio, a meia voz, e elevando-o numa cadencia pausada, até que a voz se torne bem forte, prolongando-a até o maximo de respiração, sem sahir desse mesmo registro.

A voz nasal é de todas a mais desagradavel e viciosa. Os exercicios feitos com o nariz tapado, obrigando o som a sahir pela bocca, é a unica maneira de corrigir esse defeito.

Não é possivel empostar a voz para declamar, como a empostamos para cantar. No canto, usamos todos os registros e exercitamos aquelle que é menos timbrado. A empostação perfeita da voz, para cantar, vae do grave ao agudo, sendo que, geralmente, o registro médio é o mais difficil de aperfeiçoar. A' maior ou menor elevação de voz no canto chamamos entoação, e, na declamação, denominamos rythmo ou modulação, pois que é muito maior a inflexão de voz na poesia que na musica.

A respiração é um dos elementos que mais concorrem para a emissão de uma boa voz, e é tambem parte importante na declamação. Com exercicios de prolongamento da re-

da poesia, facil será respirar sem grande esforço.

Como sobre a respiração já muito se tem dito e redito, dispenso-me de, sobre ella, desenvolver demasiadas considerações.

O gesto deve ser educado, como educamos a voz e a maneira de articular as palavras. As escolas antigas de declamação exigiam da pessoa que declamava muito maior gesticulação do que a escola moderna.

Gesto é qualquer movimento que auxilia a expressão e a nitidez do pensamento. E' conveniente não exaggerar a gesticulação: quando abusamos dos gestos, as pessoas que nos ouvem acompanham mais a gesticulação que o sentido e o rythmo da poesia, dahi resultando não serem os versos bem comprehendidos. O gesto completa e acompanha o sentido e o pensamento. O gesto é a sombra do pensamento. Muitas vezes, um gesto preciso e descriptivo é o prenuncio de uma phrase, cujo sentido de antemão percebemos. O temperamento de cada um é, muitas vezes, traduzido pela gesticulação. Nas criaturas vibrantes e de patente vitalidade, quer por influencia de raça, quer por influencia de clima, observa-se a gesticulação muito mais energica e expressiva.

A emotividade de um trecho de poesia ou de prosa, pode-se obter sem grande gesticulação. A mimica, que é o gesto de physionomia, é sempre muito mais eloquente na sua sobriedade que a gesticulação de braços e meneios de corpo. Gesto ou mimicas, o essencial é serem sobrios, naturaes e espontaneos.

Nunca será demais insistir, entretantô, na excepcional importancia que representa a articulação no curso perfeito de uma declamadora.

Que valor ha numa criatura que, dizendo verso ou prosa, sabe rir ou chorar quando é preciso, se nós, que a ouvimos, não entendemos a razão de ser desse riso ou desse pranto?

A interpretação de um trecho de prosa ou de uma poesia, nada tem de difficil e dependo muito mais do

alumno do que do professor. Havendo intelligencia, ha comprehensão, e aquillo que comprehendemos é facil sentir. Mas dizer claramente, articuladamente, uma poesia ou um trecho de prosa, não é tão facil como parece. Notae, vós, professores, que, em 30 alumnos que lêem portuguezs, não exaggero dizendo que, 28 lêem mal, muito mal a nossa lingua.

Porque, ouvindo falar uma lingua que não seja a nossa, como o francês, por exemplo, estremecemos deante de um "U", como em "DU", pronunciado "û"; de um "E" mudo, como em "petite", pronunciado "pé-tite", ou quando, em qualquer caso, a accentuação não é absolutamente franceza? E' que, chegando a falar bem o francês, aprendemo-lo com professores francezes ou de origem franceza, que exigem de nós a maxima correção da pronuncia da sua lingua. Mas nós, professores, não temos o mesmo cuidado e a mesma exigencia com a accentuação das palavras portuguesas e não exigimos do alumno mais do que a correção grammatical.

Em todas as grammaticas, com maior ou menor desenvolvimento, encontramos, na parte relativa á *prosodia*, regras que nos dão, grammaticalmente, a fórmula correcta da accentuação das palavras. Mas nenhuma grammatica nos ensinou ainda a pronunciar-las, e só pela *calliphasia* — arte de dizer —, poderemos realizar esse idéal, de bem falar a nossa lingua.

Aconselham alguns autores, que têm escripto sobre a "arte de dizer", seguir a pronunciação que predomina nas capitales dos países, onde, dizem elles, é natural ser maior a cultura e o desenvolvimento intellectual. A opiniao é inaceitavel. E' preciso haver uniformidade e perfeição na pronuncia de uma lingua; e acompanhar aquelles que vivem na capital de um país, seria procurar a desnacionalização, pois, toda capital é ponto preferido para moradia de povos de nacionalidades differentes. E sabemos que, pelo contacto com

um povo, cuja lingua não é a nossa, não nos é possível fugir á absorpção meio inconsciente de uma accentuação viciada e impropria. Dahi, tambem, os continuos estrangeirismos nas palavras, nas phrases, na syntaxe, inevitaveis em quase todas as capitães.

Uniformizemos a nossa accentuação e a nossa dicção, dando ás palavras a justeza de sua pronuncia. Vemos, muitas vezes, alumnos que commettem erros em exercicios dictados pelo professor — esses erros são sempre attribuidos á falta de attenção, ignorancia etc.

Mas ninguem suspeitou, ainda, de que a maior parte desses erros é devida á má articulação e á má pronuncia das palavras dictadas pelo professor. Ha pouco tempo, assisti, em uma escola, a uma aula de educação civica, em que a professora, aliás intelligente, dictava aos alumnos um ponto sobre a "*Bandera brasileira*". Dos 27 alumnos da classe, sómente dois haviam escripto "*Bandeira brasileira*". Nenhum de nós ignora que, para a perfeita graphia das palavras, tanto concorrem o orgão visual, como o auditivo. A graphia visual é a palavra gravada na retina e que, pela continuação dos exercicios escriptos, não mais desaparece do nosso cerebro. A graphia visual é a base da graphia etymologica. Se nos primeiros annos de estudo não nos é permitido attingir a etymologia das palavras, comecemos por gravá-las em nosso cerebro, sob a fórma de desenho.

O methodo intuitivo analytico, adoptado em nossas escolas, nao tem base maior que a graphia visual applicada.

A fórma auditiva é o que communmente chamamos graphia phonetica; é a mais facil e está, portanto, mais ao alcance das crianças.

Do professor, depende a correção das palavras, cuja graphia fór apenas phonetica. Como exigir de um alumno a perfeita graphia de uma palavra, se essa graphia depende

não souber pronunciar a palavra com a sua correcta articulação? Se as crianças, nos seus poucos conhecimentos, não tiverem o discernimento preciso para guardarem a graphia das palavras de difficil etymologia, força é que o professor as auxilie, ao menos naquellas que, claramente pronunciadas, facil lhes seja escrever. Mesmo na exposição de qualquer materia, é tão importante a perfeita correção grammatical, como é imprescindivel a clara dicção do professor.

Frequentemente encontramos homens de grande illustração que têm, na sua maneira de expôr, tão imperfeita dicção, que as suas idéas se apresentam, muitas vezes, obscuras. Em todas as circumstancias, é sempre preciso articular para ter uma clara dicção.

Cumpré, porém, não exaggerar nem affectar a pronuncia das palavras — é sufficiente pronunciar-las com justeza, e, principalmente, com clareza.

A articulação das palavras, separadamente, fazendo salientar a sua verdadeira accentuação, é a base do methodo por que se deve ensinar a dizer com elegancia. Digo salientar a sua verdadeira accentuação, porque ha, no Brasil, o vicio de dar ás palavras uma accentuação tonica dupla e ás vezes triplice. Ouvimos todos os dias: *Márgarida, chámada, coração* etc. Se no estudo da lingua aprendemos que, em cada palavra, ha uma unica syllaba tonica, não é razoavel que accentuemos as outras, que são chamadas átonas, e que, pela sua denominação, não devem, não podem ser accentuadas.

Não sou apologista da pronuncia lusitana, pois acho que nós, brasileiros, devemos ter o patriotismo de manter a nossa pronuncia peculiar. Mas, ahi está o caso em que é preferivel dar ás palavras a pronunciação muito breve dos portuguezes á nossa pausada e erronea accentuação. E' tão desigual e tão diversamente accentuada a nossa lingua, que, conversando com um brasileiro, depois

de curta palestra, poderemos dizer, com segurança, se elle é do norte ou do sul do país. E isso porque? Porque não temos uniformidade e muito menos cuidado com a nossa maneira de falar e, principalmente, com a nossa maneira de articular. Disse e insisto — a articulação das palavras é essencial para uma boa dicção; mas é preciso articulá-las bem, pois, apenas ciciadas, sem articulação, não serão ouvidas com clareza e sim confundidas com outras, prejudicando o sentido e a cadencia dos versos.

Como na articulação das palavras devem sobressahir as consoantes e, tendo cada consoante a sua articulação distincta, necessario se torna fazer separadamente o exercicio de cada uma, repetindo aquellas onde maiores difficuldades encontramos em pronunciar. Vou dar alguns exemplos de exercicios que, adoptados no meu curso, muito têm contribuido para conseguir das minhas alumnas clara e perfeita dicção.

Começarei pelo "b" que, tendo muita semelhança com o "p", deve ser claramente articulado, pois do contrario, a confusão seria inevitavel. Exemplo: — Basta, Baptista, bota o bote na bahia e bebe boa bebida na bica da bodega. — Bode bonito. — Bebi na beira da bica boa bebida, etc.

O "d", que é sempre pronunciado "dge", como em "dgia", "pedgir", etc, tem muito mais resonancia e limpidez com a sua exacta articulação, "dia", "pedir", etc. — Exemplo de "d" o seguinte exercicio: — Dei o dado dourado dentro de um dedal de um doido. — Disse o doido: deixa o dado dentro do dedal dourado. — Dóe o dente do dentista demente, etc.

O "t", como o "d", é erradamente pronunciado "tche", como em "tchia", "tchigre", "tchinta", "tchitchia", quando se o pronunciarmos com a sua verdadeira articulação, *tia, tigre, tinta, titia*, obteremos tambem melhor resonancia e, assim sendo muito maior clareza na articu-

lação das palavras. Como exemplo: — Um tigre, dois tigres, tres tigres, quatro tigres, cinco tigres. — Tendo tido tudo tambem terei topado tarde, tristezas timidas e temores terriveis. — Tóca, titia, o tatú do tambor dos trouxas, etc.

O "s", que tem o som sibilado de "s", é pronunciado com exaggero "ch"; ouço frequentemente: — Olha estach velhach arvorech, etc. Se de outra maneira pronunciarmos: — Olha estas velhas arvores, etc. teremos dado ao "s" a sua verdadeira pronuncia. Além disto é tambem um grande auxiliar, no prolongamento da respiração o "s" sibilado.

Como exemplo do "s", o seguinte exercicio:

"Para fazer sabonetes
"Mui bellos e transparentes,
"Inventou certo estrangeiro
"Tres recceitas excellentes.

"Vamos dizer a segunda,
"Simples, facil de fazer:
"Põe-se sal e cascas d'alhos
"E azeite doce a ferver.

O "r", pronunciado "r", com a affectação guttural de alguns dos nossos patricios, não tem a resonancia precisa, além de que não existe na nossa lingua e é, portanto, erroneo. Como exercicio: — O rato raivoso roia a roupa do Rodovalho. — Rosa Rita Ramos Ramalho do rato roer se ria. — O rato roeu o roupão rouxo da Rainha da Russia.

O "l" e o "lh" nunca são pronunciados com as suas articulações distinctas. Dizemos todos os dias "folinha" como se nessa palavra não houvesse um "h" e fazendo desaparecer a idéa de derivação que existe em "folhinha". Na palavra "familia", dá-se justamente o contrario, pois é commum a pronuncia "familha", fazendo-se a substituição do "i" pelo "h". Como exercicio: — Lia leu a folha do Malho que lhe deu o filho de Marília. A combinação do "p", do "l" e do "r", é de difficil articulação, pois que geralmente a consoante mais forte elimina a mais

branda. Como exercício: — Palra o melro na borla de Carlos e a burla a dar-lhe. — Porque palras, pardal pardo? — Palro e palrarei, porque sou o pardal palrador d'el rei.

Não é possível dar exemplos e notar particularidades em cada uma das consoantes, porque seria tornar demasiadamente longa esta exposição. Direi apenas que todas as consoantes têm as suas distinctas articulações e que fugir dellas é errar.

Como um dos melhores exercícios de articulação, recommenda-se lér com os dentes cerrados, o que dá grande flexão aos musculos faciaes, facilitando a dicção, aperfeiçoando-a. Principalmente, em se tratando de pessoas *ciciosas*, isto é, que têm o grave defeito de falar collocando a lingua entre os dentes ao pronunciarem o "s" *simpless*, esse exercício obrigará a lingua a manter-se em seu logar preciso. Com a continuação delle, todas as palavras, antes *ciciodas*, serão, aos poucos, modificadas, e veremos, dentro de pouco tempo, o *cicioso* não mais dizer *simpless*, mas *simples*.

As vogaes têm também acção importantissima na dicção. Se a articulação das consoantes é necessaria, mais necessaria se torna a clara pronuncia das vogaes, quer isoladas, quer combinadas com as consoantes. E' mister notar que, aos diphthongos, devemos destacar cada vogal, evitando que uma absorva a outra. Citarei, como exemplo, a palavra "rio" que, como substantivo, pronunciamos em duas syllabas distinctas, apreciando o hiato; e "riu", do verbo "rir", na qual, embora monosyllabica, encontramos um diphthongo que é necessario articular.

Infelizmente a pronuncia usual das vogaes é, entre nós, ainda muito pesada. Ouvimos todos os dias: *Vim dô collegio; bilha dô leite*, etc. Porque não darmos ás vogaes essa accentuação portugueza que torna a nossa lingua, em Portugal, tão suave? E' certo que nos cumpre ser, antes de mais nada, brasileiros, mas brasileiros sem pronunciar: *vim dô*

anno; doce dô leite, etc.

Agora, pergunto: — Porque o ouvido portuguez não confundiria "*dô de leve*" com "*dê dô leve*"? E' porque o portuguez pronunciaria a preposição "de", "di", differencando-a das demais palavras que, começadas por "d", com ella pudessem formar cacophonia.

Além de que, muitas vezes essa cacophonia prejudica o sentido, trazendo ao nosso espirito uma grande confusão de idéas. Supponhamos verso ou prosa, em que haja esta expressão: "*Foi deleite*". Ora, se pronunciarmos "*Deleite*", teremos dado a idéa do goso a esta expressão; se, porém, dissermos "de leite", estarão subentendidos a preposição "di" e o substantivo "leite".

Como este, existem muitos casos de expressões que, mal pronunciadas, sacrificam o sentido da phrase. O "o" e o "a", contrahidos com a preposição "de", são sempre horriavelmente pronunciados. Se dissermos "du" e "da", assim como se pronunciarmos a conjunção "e" como "i", não só ganharemos em belleza de dicção, como tornaremos mais extensa a nossa respiração.

O "e", pronunciado "e", principalmente no verso, faz pousar nelle a respiração, deixando della um quase nada para outras palavras que embellezam a fôrma e o sentido do verso ou da prosa. Como exemplo, vou lér dois versos de uma linda poesia de Guerra Junqueiro, primeiramente com accentuação viciada e impropria, e, depois, com a verdadeira accentuação de cada palavra e de cada vogal:

"O misero què deixa ô tecto hospiteiro;

"E nelle ô pai e a mãi é ô coração inteiro, etc.

Ganharemos em belleza e suavidade, dizendo:

"O misero que deixa o tecto hospiteiro

"E nelle o pai e a mãi e o coração inteiro, etc.

Se quisermos iniciar esse grande trabalho de aperfeiçoamento da lingua, devemos começar por exigir de nossos filhos, de nossos alumnos, que pronunciem a vogal "e" como "a"; a conjunção "e" como "i" e toremos dado um grande passo em favor do aperfeiçoamento da nossa lingua. O "a" só pode ter o som de "á" quando nelle, ou na syllaba que elle compõe, recai o accento tónico; ou quando necessario fôr salientar e destacar as vogaes de um diptongo. Em todos os outros casos, cumpre pronunciar "a".

Mesmo no canto, é apreciavel o valor da articulação. Se uma pessoa, dotada de possante voz, não tem boa dicção, a musica transforma-se em um amontoado de sons, sem belleza e sem melodia. Se, ao contrario, a voz é pequenina, ganhará em volume, pois as palavras bem articuladas a fazem maior e dão a graça e o encanto que a musica requer.

Nenhum compositor moderno escreve um trecho de musica para canto, sem cuidar do valôr e da belleza da letra. Se a palavra é parte cuidada no compor, mais cuidada deve ser no interpretar.

É difficil, é mesmo muito difficil corrigir os vicios de linguagem, principalmente se esses vicios nos vêm do berço. Sobre isto, escreve Antonio Muniz, professor de arte dramatica do Conservatorio de Lisboa: — "É necessario uma tenacidade a toda prova para se chegar a corrigir uma pronunçiação viciosa, sobretudo quando ella provem de vicio patrio. São muitos annos de pratica diaria, que se oppõem a que o ouvido se desacostume de habitos constantes, contrahidos desde a infancia; não é cousa que se possa dominar e vencer em um dia. Mas querer é poder".

Queiramos, pois; e esse esforço deve ser unido a coordenado, começando no lar, onde os paes devem guiar seus filhos na maneira de falar, como os guiam na maneira de proceder. Não é preciso ir buscar em outros povos exemplos que ve-

vo português, muito mais da aldeia que da cidade, fala a sua lingua com uma precisa correção grammatical. Isso, porque desde os primeiros ensinamentos, tem como luz o português falado com perfeição, quer quanto á collocação de pronomes, quer quanto á variedade de expressões.

Com conhecimento em causa propria, argumento: se hoje encontro alguma facilidade em minha maneira de expressar e se tenho dicção supportavel, devo-o á actuação constante e aos sabios ensinamentos de meu pae, que exigia de nós, na conversação da mesa ou da sala, uma perfeita dicção. Deixaram-me, elle e minha mãe, muitos exemplos de honra e de trabalho, mas o aperfeiçoamento da pronunçiação de sua lingua, foi exemplo de patriotismo.

O Dr. Sampaio Doria, em uma bella conferencia feita na Liga Nacionalista, que intitulou — Da formação civica da mocidade, — reduziu a dez os deveres do cidadão; dentre esses preceitos de moral e civismo, salientou o de "falar bem a sua lingua". Disse elle: — "É o nono dever do cidadão falar bem a sua lingua. Falar com desprezo o proprio idioma, maculá-lo de estrangeirismos inuteis, por mais peregrinos, deturpá-lo de solecismos e asperezas é, nada mais nada menos, uma vergonha. Não se exigirá de todos saber a lingua com primor, escrevê-la em estylo estrellado de louçanias. Seja isto uma prerogativa dos profissionais da palavra."

Mas falemo-la ao menos na pureza das suas tradições elegantes, sem fugir á necessidade das suas acquisições legaes.

Causa verdadeira piedade o desprezo ao proprio idioma, ostentado por certos patricios nossos, que, por terem estado alguns meses em Paris, ou Londres, de lá voltam esquecidos de falar o português e, no sotaque e nos solecismos, parecem immigrantes incapazes de assimilação.

Desprezemos esses malucos e fa-

çamos timbre em falar bem a nossa lingua".

Aconselho a começarmos no lar essa campanha patriótica de bem falarmos a nossa lingua. O papel das mães, cooperando com os professores, para que seus filhos articulem bem, será não sómente util, mas muito mais proveitoso, pois é com ellas que as crianças mais convivem e de que recebem os primeiros ensinamentos. Devem o ensino e o exemplo começar no lar, mas se não forem continuados nas escolas, nada conseguiremos. É na escola que o raciocínio e o entendimento do alumno a mais se esclarecem, já com a idade, já com os conhecimentos ali adquiridos. É nella, portanto, que esse trabalho deve ser mais intenso.

Porque não fazer *calliphasia* nas escolas normaes? Se ao professor, é a palavra instrumento do seu officio, deve ser ella cuidada e aperfeiçoada com o maior carinho. Não será perfeito o alumno que não tiver perfeito professor. Mas como instruir alumnos sem preparar professores? Não é possível estabelecer um methodo uniforme para o aperfeiçoamento da lingua. Todos nos devemos ter presente que cada alumno é um caso differente e, como tal, requer differente ensinamento.

Não encontramos em todas as pessoas os mesmos defeitos e os mesmos vicios de linguagem. Se esses vicios e esses defeitos variam, é mister variar tambem a correção. Da attenção do professor depende o maior ou menor aproveitamento do alumno.

Existem falhas profundas na organização do ensino no Brasil, mas a maior, a mais imperdoavel, é não cuidarmos da pronunciaçãõ correctã da bella, melodiosa e empolgante lingua portuguesa. Louvamos um alumno que lê correntemente um trecho de prosa ou verso, e não cuidamos de observar se esse mesmo alumno o sabe lêr correctamente, articularmente. Quando, nas escolas, o rigor das notas fór maior para a pronun-

cial para esse caso, maior será o esforço de cada alumno, e dentro em pouco veremos falado o nosso idioma correctamente, com articulaçãõ impecavel.

Para vermos realizado esse sonho, precisamos dar grande expansãõ á *calliphasia*. Se em todas as escolas fór estabelecido um premio para o alumno que, em leitura oral ou declamaçãõ, melhor pronunciar a sua lingua, veremos amanhã 30, 60, 100, 500 crianças empregando o melhor de seu esforço para aperfeiçoarem a sua pronunciaçãõ, e assim sendo, 500 crianças concorrendo indirectamente para o engrandecimento de sua patria. Se o Brasil é um e se os nossos esforços visam torná-lo grande, porque não tratar do aperfeiçoamento desta lingua tão maltratada por nós? Olavo Bilac, em 1909, lendo aos estudantes de Juiz de Fora uma conferencia sobre a instrucçãõ e o patriotismo, disse o seguinte:

Um povo só começa a perder a sua independencia, a sua dignidade, a sua existencia autonoma, quando começa a perder o amor do idioma natal. Ora, sabeis que o Brasil depende da importaçãõ de homens estranhos ao pais, que venham amá-lo e servi-lo. Todas as sobras, toda a plethora da populaçãõ da Europa, todos os homens sem trabalho e sem ventura, que se acogulam ao ambito escasso do velho mundo, podem achar aqui espaço e felicidade. Mas cada uma dessas levas de immigrantes trãs consigo, como a mais preciosa bagagem, a sua lingua natal. Trasendo-a, é como se trouxesse os seus penates, os seus deuses lares, porque trãs com ella os versos dos seus poetas, as suas expressões de carinho ou de ira, a letra das suas canções populares, o seu folklore, que é o repositório do seu lyrismo e da sua saudade, e o amor do céo, da terra, das aguas, da familia, da religiãõ, da historia. Assim os idiomas estra-

nhos tendem a fixar-se, a des-
envolver-se, a prosperar no seio
da nossa terra. Que será do nos-
so idioma, se o não protegemos
na luta desigual? Para salvar
da morte a nativa linguagem
portuguesa, que transportada
para o novo mundo ganhou novo
esplendor e suavidade nova, não
basta que os artistas da palavra
continuem a tratá-la e a apri-
morá-la".

Para que essa nativa linguagem
portuguesa não sossobre no turbi-
lhão do tempo, espesinhada e subju-
gada pelos idiomas de outros povos,
cumpra ampará-la e defendê-la, en-
sinando aos pequeninos brasileiros
de hoje, que serão os homens de
amanhã, a falar a sua lingua com a
correção que ella na sua sublime
doçura requer.

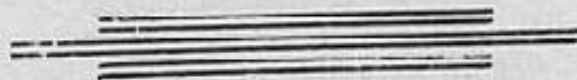
Trabalhemos pela pureza da lingua
portuguesa, que Bilac tão esplendi-
damente cantou:

Ultima flor do Lacio, inculta e bella,
E's a um tempo esplendor e sepul-
tura.
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e ob-
scura,
Tuba de alto clangor, lyra singela,
Que tens o trom e o silvo da procella,
E o arrulo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste, e o teu aro-
ma
De virgnes selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi:—"meu
filho"
E em que Camões chorou, no exilio
amargo,
O genio sem ventura e o amor sem
brilho!



A Fiandeira

de Ladislau Netto

Minha velha, fia, fia,
Retorce o fuso no ar!
Como a branca nuvenzinha,
Vae por cima da cestinha
Este algodão a voar!...
Oh! como é linda a casinha
Da fiandeira titia...
Minha velha, fia, fia,
Retorce o fuso no ar!

Surge o sol, canta o colleiro
Seu doce e brando cantar.
Fiandeira, minha velha,
No ôco do pão d'abelha,
Que zanzum, que barulhar!
Sóbe da lenha a centelha,
Accendeu-se o lume, é dia;
Minha velha, fia, fia,
Retorce o fuso no ar!

Surge o sol, corre a jangada,
Na tona d'agua do mar.
Vem alegre o jangadeiro,
Saudando ao longe o coqueiro,
Sua cabana, seu lar.
A tarrafa no terreiro
Abre agora á brisa fria;
Minha velha, fia, fia,
Retorce o fuso no ar!

E a boa velha trabalha,
Fia, fia, sem parar;
Teme a Deus, vive contente,
E, livre como a torrente,
Quer pobre a vida acabar.
Oh! quão feliz fôra a gente,
Tendo a velhinha por guia...
Minha velha, foi-se o dia,
Suspende o fuso no ar!

Quem me dera a tua lida,
Os teus sonhos, teu rezar.
Pobre velha da minh'alma,
Que doce, que doce calma
Não deve ter teu scismar.
Aqui a mente se acalma,
Como a brisa em noite estia.
Minha velha, fia, fia,
Retorce o fuso no ar!

Toca o sino, vão á missa:
— "Quem ha de as rezas tirar?"
— E' titia, a fiandeira,
Das canções a tiradeira",
Dizem todos a gritar.
E a velha canta a primeira,
Que cantar ninguem sabia...
Minha velha, fia, fia,
Retorce o fuso no ar!

Depois das "Ave-Marias"
Buseam-na todos no lar.
Tem ella tanta memoria,
Que repete toda a historia
D'Olinda e de Calabar.
"A velhinha é nossa gloria",
Dizem todos no outro dia...
Minha velha, fia, fia,
Retorce o fuso no ar!

MODELOS CIVICOS

Professor Manoel de Mello Jacome Calheiros

Fernandes Tavares

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

O professor Manoel de Mello Jacome Calheiros foi, no seu tempo, em Alagoas, uma das mais fortes e apreciáveis compleições de mestre entre as varias que existiram naquella nossa formosa e querida terra.

Pode-se affirmar mesmo que nenhum outro o ultrapassou em preparo, descortino e competencia pedagogica naquelle meio onde, diga-se com justiça, havia as mais solidas e festejadas reservas.

O professor Jacome Calheiros, depois de exercer o magisterio em Maceió, muito moço ainda, tendo contrahido nupcias com d. Maria Medeiros Calheiros, pertencente á distincta familia de Atalaia, e senhora dotada de esmerada educação, fixou residencia na florescente cidade de Penedo, onde fundou o Collegio São João, grande e acreditado educandario, para onde affluia a fina flor da juventude alagoana, destacando-se muitos alumnos procedentes de Maceió, Sergipe e Bahia, melos onde repercutiam a fama e o bom nome daquelle conceituado instituto de educação e ensino.

Fui um dos que tiveram a dita de cursar as aulas do Collegio S. João durante alguns annos, onde, menino ainda, pude admirar, logo ao inicio do meu curso, a grandeza, a utilidade e o proveito do lendario estabelecimento na occasião em que pela primeira vez tive a grata emoção de apertar a mão daquelle mestre erudito e de uma capacidade de trabalho invejavel, que formou o meu espirito e norteou minha intelligencia no estudo das disciplinas a que me consagrei com empenho e

elogios e a estima com que sempre me cumulou.

O Collegio São João, pelos annos de 1895 e 1896, em Penedo, podia chamar-se o emporio estudantescos daquelle epoca, graças ao conceito em que se firmava, oriundo da vasta competencia, do criterio e da operosidade do seu acatado director que, alem do seu saber e da sua capacidade de trabalho, tinha a vantagem de seleccionar um corpo de auxiliares dos mais preparados e lidadores que tanto concorreram para as grandes victorias e maior brilho do velho instituto de ensino.

Era o Collegio São João installado num vasto casarão á rua do Rosario, ao lado do Lyceu de Penedo, perfazendo ambos um total de cerca de quatrocentos estudantes, pertencentes, na sua maioria, ás mais importantes familias sanfranciscanas e nortistas. Não só a Rua do Rosario, mas tambem a da Penha se tornaram celebres pelo ruído e pelas travessuras da classe estudantesca da epoca. Penedo, a bella e progressiva cidade alagoana, teve fama ruidosa, não só pelos seus grandes agentes fomentadores de progresso, como ainda pelos dois grandes institutos de ensino que lhe enchiam a vida de brilho e de uma azafama estonteante ao influxo da mocidade. Em parte, deveu-se esse sopro de progresso e esse raio de luz a clarear o horisonte da vetusta cidade medieval, á acção energica do professor Jacome Calheiros. O Collegio São João e o Lyceu de Penedo realizaram na rainha do São Francisco o paradigma de uma era de encantos e fulgores, ha muito desaparecidos d'ali. Era o professor Jacome Ca-

lheiros a figura central desse movimento fulgurante da mentalidade alagoana naquella parte do S. Francisco. A sua actuação foi das mais fortes e proficuas como organizador da grande cruzada da educação e do ensino na região sanfranciscana, onde o nome do mestre se tornou alvo da estima e do apreço da mocidade estudiosa e dos mais acatados varões da sociedade penedense.

De facto, o professor Jacome Calheiros era merecedor desse preito de admiração de que sempre foi cercado na sua larga e infatigável carreira no magisterio, onde a sua figura veneranda nunca desmereceu do conceito unanime dos seus concidadãos.

No Collegio São João e no Lyceu penedense o mestre foi sempre aquelle typo energico e conspicuo, dardejando os raios de sua sabedoria nos dois cenaculos de ensino, onde o seu vulto se tornou memorado para sempre pelas prelecções maravilhosas que dirigiu aos moços estudantes sobre a lingua portugüesa, mercê dos grandes conhecimentos em que era versado.

Tive a ventura de ser um dos seus alumnos; e, como eu, toda a numerosa turma de portugües sentia-se extasiada pela palavra empolgante do mestre, conhecedor profundo dos melhores e dos mais bellos monumentos do nosso idioma. Não havia facto da linguagem nem minucias que o professor Jacome Calheiros desconhecesse: eram-lhe todos familiares, sobresahindo-se ainda os seus vastos conhecimentos criados á luz do raciocinio e do mais alto e luminoso pensamento. Versado no latim, era tambem familiar aos classicos gregos e romanos e na sua cathedra de portugües o mestre arrebatava e invejava pelos seus methodos, revelando-se ás vezes um humorista esfu-siante e sadio.

Familiarizado ainda com *Os Lusíadas*, era um explicador formidavel das estrophes com que o epico immortal opulentou as letras portu-

Olympto para Portugal, sob cuja égide os grandes vultos da historia lusitana se perpetuaram como os semi-deuses do paganismo grego. O mestre, versadissimo em Camões, mergulhava fundo nos mares, na historia e na mythologia, e quando surgia á tona, tinha algo daquelles espiritos da Aerópole, dealbando clarrões sobre as intelligencias juvenis que norteou para as pugnas do pensamento.

Mestre completo e perfeito, a sua orientação pedagogica realizou em Penedo a unção da classe estudantesca nos dois grandes estabelecimentos de ensino penedense, onde o theatro e os gremios literarios concorreram então pelas mais bellas e agradaveis tertulias para a aproximação e cultura dos espiritos que d'ali evolveram para o jornalismo, para a advogacia, para a politica e para outras actividades, adextrados nas lutas da intelligencia.

Preceptor da mocidade, jornalista nas horas vagas, poeta, o professor Jacome Calheiros deixou acima de tudo um nome reputado e uma obra immensa e valiosa, dignos do apreço e da veneração contemporaneos, principalmente por parte daquelles que, em grande numero, receberam d'elle, como nas cerimoniaes dos grandes iniciados, a palavra sagrada e a luz que os guiaram até hoje na conquista da fama e do renome através dos prelios atrevidos da existencia.

Em 1900, accommettido de grave molestia, meio privado da razão, foi transportado de Penedo para Mació. Fui vê-lo algumas vezes. Já me não conheceu. Era bem triste para mim a situação do mestre querido. Lembrei-me então do Collegio São João, da faina constante do mestre e da obra que elle deixára, sem um continuador. Dias depois fallecia na residencia de seu illustre cunhado Coronel Jacintho Medeiros. Acompanhei-lhe os caros despojos ao cemiterio, onde muitos de seus antigos discipulos foram tambem render ao mestre malgrado a derradeira ho-

P A T R I A

TITO DE BARROS

Da Academia Alagoana de Letras

Doce Patria querida, onde vivo cantando,
 Crente do teu valor, na gloria do meu nada,
 Dá que eu possa dizer-te em verso claro e brando
 O quanto me deslumbra a luz desta alvorada...

Dá que eu possa, orgulhoso, a crescer, me ajoelhando
 Deante do teu altar, oh! Patria venerada,
 Contemprar os heróes, que vaes resussitando,
 Nos feitos de onde vens ativa e sublimada...

Dentre os teus immortaes, este, o cortejo arrasta, —
 E' José Bonifacio... Estende o olhar ao Norte, —
 Rio Branco te fez limitada e mais vasta...

Proclamam, Patria minha, os vindouros, a sorte
 Dos teus filhos heróes, destes vultos, e basta,
 Para que sejas grande e bella e amada e forte...



Apesar de dinstanciado do meio onde me seria facil, pela documentação, estudar melhor a individualidade do mestre, tento estas linhas que ahi ficam como lembrança e homenagem de affecto á sua querida memoria. Espero que outros, mais proximos dos logares onde elle viveu, completem o meu obscuro pensamento, adduzindo-lhe com illustração e brilho os factos mais importantes que me faltam sobre a vida de saudoso educador.

Encerrando estas notas, tomo o alvitre de lembrar aos penedenses, onde devem existir alguns dos antigos discipulos do professor Jacome Calheiros, e como testemunho de apreço e veneração á memoria do Mestre, a collocação de uma placa commemorativa no predio em que demorou o Collegio São João.

Assim, terão todos resgatado uma divida de gratidão, que o tempo ainda não conseguiu cancellar.

Recife, junho de 1929.

As razões de nossa Emancipação

Não era nova a idéa da emancipação de Alagoas.

Ao contrario do que affirma a maior parte dos historiadores pernambucanos, guiados por um falso patriotismo ou exaggerado sentimento de despeito, pouco ou quase nada influu, para que ella se realizasse, o movimento revolucionario irrompido no Recife em 1817.

A aspiração não era nova e o pedido já de antes fôra formulado.

A 1.^o de janeiro daquelle anno, os habitantes da villa-nova de "Massaió", no mesmo officio em que agradeciam á camara do rei o beneficio que se lhes concedera, pediam calorosamente fôsse a comarca elevada á cathegoria de capitania.

Já medrava, pois, entre os alagoanos, a idéa de independencia, que a posição geographica defendia e o desenvolvimento agricola justificava.

O desejo da liberdade, que maior progresso lhes traria, animava aquelles fortes, e a petição a el-rei era transumpto das aspirações de todos.

Era preciso que Alagoas vivesse por si mesma, desse impulso ás suas proprias forças e, independente, attraísse o progresso que já se fazia sentir, penetrando o centro, conquistando o sertão.

O esforços dos peticionarios era enorme naquelles tempos em que predominava o terror, o exterminio era a arma de combate, as masmorras premio á liberdade de agir e de pensar e o despotismo mais extravagante a norma de governo.

"A todos não chegavam as graças dos mandões, — diz um nosso historiador — e se, aos que aqui nasciam, lhes embala-

Esmaragdo de Souza

do 3.^o anno normal

res. era-lhes de duvidas o futuro, pela escandescencia dos dominadores."

Constituiam a sociedade elementos dispares, diversos na apreciação dos negocios publicos.

Uns, enchiam-se de exaggerado amor á colonia cuja exuberancia de vida usufruiam, e que não queriam perder.

Exageravam outros a patria que desejavam tornar grande, forte, rica e poderosa.

"Esgarra-se, sem duvida, do respeito devido á dignidade humana, — diz o Dr. Dias Cabral — quem affirma que, numa sociedade de senhores e servos, a humilhação nunca produzira a revolta."

E era essa a situação da capitania, dividida em castas, quando, a 6 de março de 1817, rebentou a revolução em Pernambuco.

Na então comarca de Alagoas, repercutiu longamente o grito de liberdade. Fizeram-se adhesões ao principio republicano, e a luta começou.

Isso não quer dizer que tivessem todos os alagoanos adherido á revolução.

"Nem todos os bons impulsos logram proselytos, — diz um escriptor — e nem mesmo os são principios congregam unanimidades.

A diversidade de opiniões produz embates tanto mais fortes quanto mais se fere o amor proprio ou se contrariam interesses."

A revolução por muitos não foi bem comprehendida; para outros era sacrilegio a constituição de uma republica o que importava libertar-

se da metropole a prospera colonia.

O povo não tinha ainda bem cultivada a idéa de liberdade.

Tudo vinha do reino e do melhor dos reis, — “que era sempre o que governava” — e os animos eram submissos ao poder discrecionário pelo receio da violencia.

Romper com as tradições, oppôr-se ao poderio desses tempos, era arrojado só aos fortes permittido.

E fortes, também os houve Alagoas.

Não foi ella indifferente ao appello dos seus irmãos: applaudiu a bôa-nova, attendeu aos brados benéficos vindos do Recife, e tivemos, como lá, os nossos martyres, victimas, também, da prepotencia, esmagados ao peso infamante da cobardia e da traição.

Se não vingaram as idéas por que todos se batiam, faltas não vão, pois, aos martyres, que aqui os houve, como lá os houve também.

As causas do acto, cujo anniversario hoje aqui nos congrega, não as devemos buscar em incertezas que não tiveram os crentes no futuro da patria.

Era uma só a capitania. Era, pois, um só o pensamento dos que bem lhe compreendiam o futuro, seu proprio e o do norte, implantado o verdadeiro regimen democratico.

“Nem zelos de predominio podiam influir, quando a nova republica teria de ser dividida em provincias, cuja extensão só podia ser mediocre para attrair as fontes de desenvolvimento e riqueza.”

A victoria seria certa, se não fosse em tempo tão anormal e epoca tão attribulada da nossa historia, a benignidade dos dirigentes a topar com o barbarismo da reacção que, bem o disse Dr. Oliveira Lima, — “immediata, foi assignalada por uma dureza, uma selvageria, um delirio de punição que não mereciam indulgencia, se o tempo se não en-

timentos, e ainda menos os de admiração que os de odio.”

A comarca, só, não podia resistir, quando a fortaleza dos patriotas teve de ceder ao alvedrio dos governantes realistas.

“Era de necessidade esmagar as idéas que se levantavam; as esperanças de uma patria livre não deviam reluzir; as aspirações democraticas de um povo não cabiam nos moldes do absolutismo de então.”

—
Passaram-se os tempos.

Nas masmorras gemiam aquelles que se bateram pela liberdade, e dos quaes quase ninguem mais se lembrava.

Arrefecidos os animos, D. João VI, attendendo ao sempre crescente progresso de Alagoas, cuja renda já superava a de Parahyba, capitania independente, e, é provavel também, ainda que muito para duvidar, com o fito de enfraquecer Pernambuco, baixou, a 16 de setembro de 1817, o decreto que nos concedia a autonomia de ha tanto desejada, o qual transcrevemos *ipsis verbis*. (*)

“Convindo muito ao bom regimen deste Reino do Brazil, e á prosperidade a que me proponho elevá-lo, que a provincia das Alagoas seja desmembrada da capitania de Pernambuco, e tenha um governo proprio, que deseveladamente se empregue na applicação dos meios mais convenientes para della se conseguirem as vantagens que o seu territorio e situação podem offerecer em beneficio geral do Estado, e em particular dos seus habitantes, e da minha real fazenda: sou servido isental-a

(*) A transcripção conserva todas as cacographias do original:

Brazil em vez de Brasil.
das Alagoas por de Alagoas.
elevá-lo por elevá-lo.
isental-o por isentá-lo.
nomeal-o por nomeá-lo.
trez por três.

Magestade por Majestade.

absolutamente da sujeição, em que até agora esteve, do governo da Capitania de Pernambuco, erigindo-a em capitania, com um governo independente que a réja na forma praticada nas mais capitanias independentes, com faculdade de conceder sesmarias, segundo as minhas reaes ordens, dando conta de tudo directamente pelas secretarias de Estado competente; e attendendo ás boas qualidades que concorrem na pessoa de Sebastião Francisco de Mello Povoas; Hei por bem nomeal-o governador d'ella, para servir por tempo de trez annos, e o mais que decorrer em quanto lhe não der successor. — Palacio do Rio de Janeiro, em 16 de Setembro de 1817. — Com a rubrica de S. Magestade."

Outro decreto de 12 de janeiro do anno subsequente ratificou este.

Povoas chegou a Maceió, tendo desembarcando em Jaraguá em 27 de dezembro do mesmo anno de 1818.

E com toda a solennidade, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, matriz da villa de Santa Maria Magdalena da Alagôa do Sul, tomou posse, em 22 de janeiro de 1819, do cargo de 1.º Governador da nova Capitania.

Nesta, dahi por deante, distribuir-se-ia melhormente a justiça, em razão das distancias menores que haviam de vencer os juizes e distribuidores della.

Circulariam mais facilmente as riquezas, postas de mão em mão, sem as angustias dos latifundios.

A população se agregaria em nucleos mais vizinhos, que se entreajudariam melhor na defesa, na sociabilidade e no intercambio, como disse o rei, "da fazenda real".

Começou Alagôas, portanto, a viver vida propria, crente do seu futuro, conscia do seu valor.

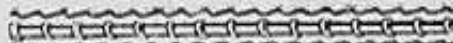
"Se é pequena em territorio, é grande por suas bellezas naturaes, pela agricultura que se adianta, pelas industrias que florescem."

Não é desaire a pequenez que produz sabios e heróes, e espalha, por toda a parte, quem a saiba honrar em todos os ramos da actividade humana.

Citar nomes seria longo. As novas gerações têm de estudar a historia desta pequena nesga do solo brasileiro, aprenderão os feitos dos que dedicaram grande amor a esta pequena patria e a engrandeceram com esse amor, e será a melhor homenagem á memoria dos vultos que tombaram seguir-lhes o rastro luminoso.

A imitação delles dará a fortaleza do espirito, a que não invade o desalento.

Estimulo ahi está, nos corações bem formados que são os nossos, pois se o amor da familia os dignifica, santifica-os o amor da patria.



GALERIA DOS MESTRES

Em louvor de Maria Montessori

Maria Rosalia de Ambrózzio

do Grupo Escolar "D. Pedro II"

Discurso pronunciado a 16 de setembro por occasião da opposição do retrato da grande institutriz na classe pre-escolar daquelle Grupo.

Sr. Director do Departamento Geral da Instrução Publica,

Sr. Director do Grupo Escolar "D. Pedro II",

Meus Senhores,
Minhas Senhoras,
Queridos meninos.

Coube-me a honra de inaugurar hoje neste Pavilhão o retrato de uma insigne educadora, cujo nome patrocina esta classe, e dizer-vos algumas palavras sobre sua vida e seu systema educativo.

A nossa illustre Protectora chama-se Maria Montessori e nasceu na Italia no anno de 1870.

Oriunda de paes pobres, revelou sempre um extraordinario gosto pelos estudos, conseguindo a gloria de ser a primeira mulher italiana que se doutorou em medicina.

Occupando em seguida um lugar de destaque, como assistente da Clinica de Psychiatria da Universidade de Roma, visitou com assiduidade os manicomios da cidade eterna.

Profundamente interessada pelas crianças idiotas e anormaes que alli se internavam, resolveu observá-las cuidadosamente. Para isto teve de estudar os methodos de tratamento especial inventados pelo notavel pedagogo francês Séguin, methodos aliás já em parte desprezados, por muito restrictivos, ou carranças, como lhes chamamos hoje.

Aprofundando-se nas idéas desse grande mestre e do seu antecessor Itard, teve a intuição que na cura da deficiência mental dessas crian-

ças, melhor seria tratamento pedagogico do que propriamente medico.

Teve uma accitação formidavel o seu summario de "Educação Moral" apresentado ao Congresso Pedagogico de Turim em 1898.

Escolhida pelo ministro de Educação para fazer uma serie de conferencias aos professores de Roma sobre a educação dos meninos fracos de espirito, fê-lo com tanta proficiencia que impressionou fortemente todos os animos interessados nos graves e grandiosos problemas da sociedade.

Organizou depois uma escola que tomou o nome de "Escola Normal Orthophrenica", cuja especialidade original era dirigir as faculdades intellectuaes e educar tambem as crianças de psyche defeituosa.

Essa escola ficou sob a sua direcção durante dois annos, de 1898 a 1900.

Dedicando-se não só a aperfeiçoar professoras para a cura dos deficientes, pelo seu methodo especial, como tambem a dirigir a instrução das crianças, trabalhava continuamente das 8 horas da manhã ás 7 da noite. Ainda assim não se dava a illustre educadora por satisfeita, desejava ainda mais alguma coisa e por isso resolveu ir a Paris e a Londres aperfeiçoar-se nos methodos alli empregados e abrir novos horizontes á sua sciencia pedagogica.

Teve a inspiração dos processos com que conseguiu fazer ler e escrever muitos idiotinhas que foram equiparados nas provas de exames ás crianças perfeitas.

A assistencia admirada exultou de entusiasmo e classificou de milagrosos esses novos methodos de educação. Convieta da superioridade de

seus processos e conhecendo que elles concorrem poderosamente para o desenvolvimento psychico das crianças, em vez de forçar a sua intelligencia, como acontece com certos pedagogos, ponderou: se nas crianças deficientes o resultado foi satisfactorio, que alto valor não terão os mesmos processos applicados ás crianças sãs e intelligentes?

Não havia razão para empregar esses processos somente ás crianças anormaes.

Para a melhor propagação de seus methodos era necessario não só o trabalho de reforma da educação, como tambem da Escola Normal. Para aprofundar-se na pedagogia normal e basear-se em seus principios, matriculou-se na cadeira de philosophia, desistindo de seu logar para aperfeiçoar-se na psychologia experimental e especialmente na anthropologia pedagogica.

Estudou tambem a constituição dos methodos de educação das crianças normaes.

Os seus trabalhos foram compensados com uma cadeira de anthropologia na Universidade.

Para melhor applicar as idéas dos grandes mestres Itard e Séguin, traduziu as obras de ambos para o italiano, crescendo cada vez mais a sua admiração pelos ensinamentos colhidos na educação dos meninos insufficientes.

Depois firmou-se no estudo individual de cada criança; tendo por base a analyse psycho-physiologica convenceu-se da superioridade das palavras do mestre, quando dizia que "esse estudo abria o caminho da regeneração completa da humanidade."

Experimentou a applicação desses methodos com algumas alterações.

Com os dados colhidos e a experiencia feita de seus estudos, publicou um livro que assim começa: "Não tenho a intenção de escrever um tratado de pedagogia scientifica; estas notinhas não visam mais do que um fim modesto: o de tornar publicos os resultados de uma exper-

riencia que parece abrir novos caminhos aos principios modernos, tendendo a reconstruir o edificio da pedagogia."

Seu livro principal — "Il metodo della pedagogia scientifica applicato all'educatione infantile nelle case dei Bambini" foi no anno de 1912 traduzido para o inglés com um prefacio de Henry W. Holmes, professor da Universidade de Harvard e para o francés no mesmo anno por Mme. Gailloud.

No seu prefacio diz o professor Holmes: "Um publico, cujo interesse já está ganho, espera a traducção desta obra notavel.

Desde annos, livro algum relativo á educação excitou um circulo tão intenso, uma curiosidade tão viva."

O seu mais ardente desejo era fazer experiencias dos methodos applicados aos "atrasados" em uma classe de meninos normaes.

Em 1906 seguiu para Milão, designada para tomar parte no jury que naquella cidade se fez para conferir os premios da Exposição internacional na secção pedagogica e scientifica de psychologia experimental.

No fim desse mesmo anno e de volta de sua missão, confiaram-lhe a direcção de uma escola primaria em uma villa operaria para fazer a experiencia da applicação de seus methodos.

Em 1907 fundou-se definitivamente outra escola que recebeu o nome de "Casa dos Meninos".

Já em Milão, a "Casa do Trabalho" tinha-a encarregado do material didactico. Nessa escola permaneceu a illustre educadora durante alguns annos com uns cincoenta alunozinhos de 3 a 7 annos de idade, educando-os a seu modo, dando-lhes toda a liberdade possivel, estudando-os com calma, admirando as suas manifestações naturaes, como o cultivador que deseja dar impulso ás suas plantações, e não podendo intervir, limita-se a olhar-lhes o crescimento, a gular-lhes as inclinações, julgando

ser firmado mais em sua propria natureza, depende mais do lugar em que se acham, do solo de que tiram o alimento, do ar e da luz. — do que da vontade e das idéas do cultivador.

Foi isto que deu origem ao seu methodo.

A reformadora acha que deve começar a educação de seus discipulinhos aos dois ou tres annos de idade, quando, diz a notavel scientista: "as impressões são mais duradouras e se transformam em elementos estaveis para a formação do character.

A criança entra em relação com o mundo exterior, onde tudo lhe é desconhecido; deve conquistar esse mundo; deve harmonizar seus movimentos com os movimentos univversaes.

Actualmente procuramos resultados immediatos e forçamos as crianças, como se fossem arbustos; abafamos os principios vitaes em sua origem. Tratamos os meninos como objectos inconscientes, deante dos quaes é permittido tudo dizer, pois que elles nada entendem. Rimos de suas tolices, tratamo-los como bonecos.

A formação do character começa ao nascer. Todo o fruto do trabalho da criança deve ser resultado do esforço pessoal sem pressão exterior.

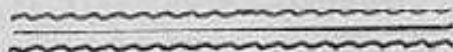
Enquanto ella não experimenta por si a vida nessa *disciplina da liberdade*, é necessario applicar-se a mestra a dirigir-lhes os excessos de energia por caminhos utilitarios, evitando reprimir a força que é boa e desejavel, fundada na natureza do organismo vivo.

Nesse regimen a criança aprenderá a obedecer, não porque não possa fazer outra cousa, mas por dever".

Eis aqui, alumnos meus, alguns traços da vida dessa illustre Educadora que hoje vem honrar a nossa casa de trabalhos.

Inaugurando aqui o seu retrato, não fazemos mais do que render uma homenagem muito merecida a essa scientista prodigiosa que tem passado os melhores annos de sua vida, em estudos profundos para dar-nos um methodo perfeito, pela sua educação e pelo seu saber.

Honra pois á mestra de todos nós!



Professores improvisados

Graciliano Ramos

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Conheci um sujeito que dispunha de vasto palavreado e ensinava grammatica. Ensinava por um processo engenhoso. Reunida a classe, punha os oculos, abria um livro, percorria a pagina de alto a baixo com o indice, gargarejava umas coisas que ninguem comprehendia e terminava:

— Isto não tem importancia. Vamos para deante. Tragam-me o adjectivo amanhã.

No outro dia scena igual: os mesmos oculos, o mesmo livro aberto, o mesmo gesto com o fura-bolos amarello do cigarro, o mesmo gargarejo, a mesma conclusão:

— Adjectivo é isso que vocês sabem. Não interessa. Para a frente! Decorem-me o pronome.

A proposito de analyse dissertava com vigor sobre a dynastia dos Sungs; falavam-lhe em concordancia e elle explicava metaphysica. Ao cabo de alguns annos, exceptuando grammatica, os alumnos sabiam tudo. Houve entre elles, com o correr do tempo, agricultores, jornalistas, padres, advogados, funileiros e poetas. Sempre ignoraram a disciplina que o homem professava.

Esta historia pode ser exaggero ou mentira. Mas ninguem a desmancha, sustento-a — e ella permanece. Ha muitas verdades assim, inconcussas por falta de quem as desmanche.

O meu conto será accedido sem difficuldade, porque, se não é rigorosamente verdadeiro, é pelo menos verosimil. Realmente esse professor que, para livrar-se dum obstaculo, mistura alhos com bugalhos, mette os pés pelas mãos, deixa os rapazes em jejum, não é d'aqui nem d'ali:

rior. Musico de sete instrumentos, criatura fatigada, depois de exercer dez officios sem se fixar em nenhum, esbarra com um dilemma temeroso — queimar os miolos ou abrir uma escola.

Se estira a cannela, o prejuizo é pequeno: se se agarra á segunda hypothese, vem a lume, passados meses, um jornalzinho cheio de sonetos.

Não pretendo consertar nada. O que Deus Nosso Senhor fez, ou alguém por elle, deve estar certo. Limito-me a expor um facto. E, para que me acreditem, confesso, com vergonha, que sou insuspeito.

Por motivo de ordem economica, resolvi um dia, a exemplo de toda a gente, ministrar aos outros alguns conhecimentos proveitosos a mim. Não me arrisquei a preparar oleiros ou sapateiros, pois ninguem tomaria a serio sapato ou paella que eu fizesse. Procurei materia exotica, de verificação difficil. Imaginando, sem grande esforço, que na Italia existia uma lingua, pedi catalogos ao Garnier e dispus-me resolutamente a estropear o italiano, com a ajuda de Deus. Annunciei: "Italiano rapido e barato a cinco mil réis por cabeça, mensalmente. Aproveitem. Lições em todos os dias uteis e inuteis. Tempo é dinheiro, como diz o gringo."

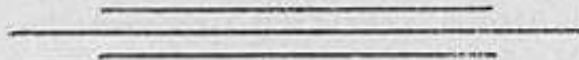
— Isto deve ser facil, pensei. E' só arrumar no fim das palavras *one* ou *ine*. De estrangeirices cá na terra ninguem entende. E se apparecer por ahi um carcamano, adoeço e perco a fala.

Pois, senhores, não me dei mal. Matricularam-se cerca de trinta idiotas: comecei a trabalhar com energia e confiança. Ainda estaria trabalhando, se dois alumnos, finda a primeira quinzena não entrassem

em concorrência commigo, deslealmente, fundando escolas que italianizaram toda a localidade.

Creio que os professores sertanejos são, com diferenças pouco sensíveis, individuos como eu. Ensinam antes de aprenderem. Talvez fosse mais razoavel aprender para ensinar.

Mas poderei eu censurá-los? Não, de certo. Todos precisamos viver. E desejamos, naturalmente, apparentar o que não somos. Porque é que estou a redigir estas niquices? Porque m'as pediram? Ora essa! Não seria melhor declarar francamente e honestamente que não sei escrever?



Hygiene infantil

N. C.

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

A nossa classe poderia ser mais bonita, se vocês todos quizessem.

Olhem para a roupa do Paulinho; estão vendo como está limpinha?

Elle trás no bolso um lenço para limpar as mãos e enxugar o suor.

Vejam como conserva o chapéozinho escovado.

E que sapatinhos lustrosos!

Gosto de ver um menino asseiado.

Não é sufficiente a limpeza do corpo; é necessario tambem o asseio do vestuario.

Rubens é tambem ajuizado.

Quando ri, mostra uns dentes bastante limpos.

Elle me disse hontem que escova os dentes quatro vezes ao dia: pela manhã, depois do almosso, do jantar e á noite ao deitar-se.

E' por isso que elle é assim, gordo, forte e sadio. Os dentes são muito uteis; merecem grande asseio. Sujos e maltratados prejudicam a saúde.

Rubens tem muito cuidado com as unhas; vivem sempre limpas e aparadas.

O menino asseiado dá mostras de boa educação, e concorre para a conservação de sua saúde.

Qualquer destes dias, meus filhinhos, vamos fazer um concurso. Ganhará um premio o menino mais asseiado.

—E' uma bola?

—Não sei. E' um segredo, e só poderá ser descoberto na hora do recreio, ao fazer-se a prova de concurrencia.

—Professora, que é concurrencia?

—E' concurso. Vocês terão de mostrar as unhas limpas, os dentes correctos, a roupa decente, os sapatos sem anhuradas, os livros sem riscadellas; aquelle que se manifestar mais bem educado, isto é, mais cuidadoso do seu asseio, terá por premio uma cousa... Não marco dia nem hora. Será uma surpresa, como o premio.

Casa Americana

Guilherme Gustavo Córner

RUA DR. ROCHA CAVALCANTE N.º 147

Teleph.: 445

Telegr.: MADORNER

Automoveis: HUDSON — ESSEX — WHIPPET

Caminhões: REO



Willard: STORAGE BATTERIES

Amelhor bateria:

VICTOR:



Vitrolas orthophonicas --- Discos VICTOR,

PARLOPHON, ODEON e COLUMBIA

Motocicletas: INDIAN, dous modelos distinctos: Scout 37, Scout 45

Pneumaticos: GOOD-YEAR e DUNLOP

FAIRBANKS MORSE & CIA. Motores a kerozene ou alcool para fins agricolas ou ndustriacs. Electrogenios domesticos (luz e força motriz). Bombas a vapor DUPLEX para baixa pressão. Moinhos a vento.

Livraria Villas Bôas

Villas Bôas & Cia.

MACEIÓ

Rua Dr. Rocha Cavalcanti — 201



Officinas de typographia, encadernação e pautaço

LIVROS EM BRANCO

OBJECTOS DE ESCRITORIO

PAPELARIA EM GERAL

Livros didacticos

Literatura

Sciencia

Religião

DIREITO

POESIA

ROMANCE

Sempre novidades do Rio, de S. Paulo,
de Lisboa, de Paris.

Permanente intercambio livresco com os
centros mais adeantados do pais e do estrangeiro.

Livros pelo preço dos editores.

Acceita pedidos de livros para a Europa, e executa qual-
quer trabalho graphico com rapidez e perfeição.

Livraria Villas Bôas

MACEIÓ

METHODOLOGIA

Corpo, Matéria e Volume. Estados Physicos dos Corpos

J. Travassos Vieira

do Aprendizado Agrícola de Satuba

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Preparação material: um vaso com planta; uma pedra; uma bola de ferro; 2 cubos de tamanhos diferentes; um copo e uma tijella de capacidades diversas; um vidro de acido muriatico.

Preparação mental: historietta.

P. — Franco era pequeno. Tinha apenas sete annos. Ouvira a mestra, que ensinava seu irmão mais velho, falar-lhe em *corpo* humano; depois perguntava em casa se havia alguma cousa no céu, dissera-lhe seu pae que havia no céu os *corpos* celestes. Certa vez, ao querer castigar o seu cãozinho, pediram-lhe que não lhe batesse no *corpo*. Agora era o irmão que lhe vinha dizer que a bola com que estava jogando, era um *corpo* geometrico, pois a professora lh'o havia dito. Verificando que havia tantas coisas chamadas *corpo*, foi indagar da professora, com justa curiosidade, o que era *corpo*. E vocês, não querem tambem saber?

A. — Queremos.

P. — *Corpo* é tudo que existe, é tudo que occupa um lugar no mundo. Ora, o *corpo* de cada um de vocês, occupa um lugar nesta sala, a carteira tambem, esta planta que está no vaso e esta bola de vidro que me prende os papeis tambem. Logo, todas essas cousas são *corpos*. Agora, cada um de vocês vae dar-me exemplo de um *corpo*.

A. — Este livro. Aquelle cabide. Esta carteira. A estante. A cadeira.

P. — Vocês só estão dando exemplos de *corpos* que existem nesta sala. Passemos ao jardim.

A. — Uma pedra. Uma arvore. O catavento. A caixa d'agua. O balde.

P. — Notem que desde o principio vocês estão dando só exemplos de *corpos* duros, e no entanto a agua, o vinho, a fumaça, o vapor que sae da agua a ferver, são tambem *corpos*. Ora, digam-me, de que são feitos os *corpos*? Esta carteira, por exemplo?

A. — E' de páo.

P. — Muito bem, é de páo ou de madeira, como se costuma tambem dizer; logo a carteira é de madeira. Franco, outro *corpo* feito de madeira?

A. — O quadro negro.

P. — Outro.

A. — A regua.

P. — E o tinteiro?

A. — De vidro.

P. — Muito bem, e esta bola?

A. — De ferro.

P. — Então já vêem os meninos que os *corpos* podem ser feitos de substancias diversas e saibam agora que essas diversas substancias se chamam *matéria*. Logo, *matéria* é a substancia de que é feito o *corpo*. Repitam todos os da ultima fileira.

A. — ...

P. — Agora podemos perguntar: De que *matéria* é feito o tinteiro?

A. — De vidro.

P. — Bem, vamos vêr outra cousa. Que é de maior *tamanho*: a minha carteira ou a de vocês?

A. — A do professor.

P. — Muito bem. E comparando o meu tinteiro com o de vocês?

A. — O maior é tambem o do professor.

P. — Pois, o que vocês chamam *tamanho*, pode-se tambem chamar *volume*. Portanto *volume* ou *tamanho* é o lugar occupado pelo *corpo*,

P. — (Mostrando os 2 cubos). Estes dous dados têm o mesmo volume e a mesma forma?

A. — Têm sim, senhor.

P. — E a carteira tem a mesma forma que o dado?

A. — Não, senhor.

P. — Cada corpo destes tem forma certa e volume certo: são os corpos duros ou solidos. Logo, corpo solido é aquelle que tem forma e volume certos. Repitam todos.

A. — ...

P. — Agora, Franco, tome esse copo e aquella tijella, cada um delles tem uma forma e um volume certo, não é?

A. — Tem, sim senhor.

P. Encha-os dagua. A agua, tem forma?

A. — Tem, sim, senhor.

P.—Qual é a forma della, no copo?

A. — E' igual á do copo.

P. — E alli, na tijella?

A. — E' igual á da tijella.

P.—Muito bem. Logo a agua não tem forma, toma a forma da vasilha onde está. E volume? Tem ella volume? Eu posso com um copo dagua encher um barril?

A. — Não, senhor.

P. — Portanto, a agua tem volume certo. Logo, a agua e os outros corpos que lhe são semelhantes, têm volume certo, mas não têm forma certa. Estes corpos chamam-se liquidos. Logo, chama-se *corpo liquido* áquelle que não tem forma certa, mas tem volume certo.

(Mostrando). Olhem aqui este frasco com um corpo. E' solido ou liquido esse corpo?

A. — O frasco é solido e o que está nelle é liquido.

P. — Muito bem, esse liquido é o acido muriatico, que se emprega na soldagem das obras de funilaria. Vou destampar o frasco e vocês vão ver que elle fumaça. (Destampa-o). Viram?

A. — Professor, estou sentindo um cheiro exquesito!

P. — E' dessa fumaça. Você lá, o ultimo, sentiu tambem?

A. — Estou sentindo, sim, senhor.

P. — Vejam, o vapor que estava dentro deste frasco e que não tinha forma, pois tomava a forma do frasco, já encheu a sala a ponto de os alumnos, os mais afastados, já lhe haverem sentido o cheiro. Franco, esse vapor, tem tamanho?

A. — Não tem, não, senhor.

P. — Logo, os corpos como o vapor d'agua, como este outro vapor, não têm forma nem volume certo. Chamam-se a estes, *gazes* ou *corpos gazosos*. Franco, diga-me o que é um corpo gazoso?

A. — E' o corpo que não tem forma nem volume certo.

P. — Vamos repetir: Corpo solido é o que tem forma certa e volume certo. Corpo liquido é o que não tem forma certa, mas tem volume certo. Corpo gazoso é aquelle que não tem nem forma, nem volume certos. Franco, o corpo que não tem forma certa, mas tem volume certo, como se chama?

A. — E' um liquido, como a agua.

P. — Aquelle que tem forma certa e volume certo?

A. — Solido.

P. — E o que não tem nem forma certa, nem volume certo?

A. — Gazoso.

P. — Agora, cada um vae dar-me um exemplo de corpo solido.

A. — ...

P. — Você ainda não se lembrou de nenhum, não é? Eu vou adiante, quando seus collegas acabarem de responder, eu torno a perguntar-lhe.

A. — A pedra. A faca. O pão. O queijo. A pena.

P. — Agora, vamos aos liquidos.

A. — A agua. O vinho. O leite.

P. — Bem, vou terminar; na outra aula ainda venho falar-lhes de corpos. E como exercicio, vamos ver quem me trás por escripto maior lista de corpos solidos, liquidos e gazosos.

O Methodo Montessori (I)

Trad. do espanhol de M. de Paew por N. C.

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

XI

Como evitar e corrigir os defeitos de linguagem

Os defeitos de linguagem e as incorrecções da articulação provêm unicamente ou da má conformação dos órgãos vocaes, ou de anomalias do systema nervoso, ou de máos hábitos contraídos no periodo de formação da linguagem.

Essas faltas são devidas á imitação da pronuncia defeituosa que a criança percebe em torno de si e que a habitua á fala dialectal, como também aos educadores que não combatem os seus primeiros vicios de pronuncia na epoca em que dá os primeiros passos na arte de falar.

A linguagem inicial do menino leva consigo uma grande quantidade de defeitos naturaes e normaes; e isso provem de que ainda não domina o uso dos musculos da bocca e de que não é ainda capaz de emittir todos os sons, porque as associações necessarias ao movimento desse órgão, não se criam senão lentamente. Ha meninos que pronunciam mal o *d*, o *r*, o *l*, o *g*; ou que emittem imperfeitamente os sons gutturaes ou labiaes.

Esses defeitos residem nas vias nervosas correspondentes, portanto no proprio menino. Outros defeitos constituem simplesmente uma imitação servil dos sons viciosos (vocaes e consonantaes) e provem, pois, das excitações auditivas defeituosas do meio ambiente.

A senhora Montessori põe em relevo, e com razão, a enorme influencia da linguagem falada e a inferioridade social de quem não tem uma pronuncia correcta. "A belleza na

educação, diz, não se concebe bem sem a preocupação intelligente de uma linguagem pura."

Em certas regiões o falar deixa muito que dizer quanto á pureza. A escola deve esforçar-se para remediar esse defeito.

As mestras de crianças não devem esquecer que podem contribuir poderosamente para isso, dando sempre o exemplo de uma pronuncia correcta e natural, porque os pequenos as imitam em tudo.

Em certas escolas se pratica a orthophonia, (2) isto é, a correção dos defeitos de linguagem, por meios pedagogicos.

Os exercicios consistem, principalmente, em praticas de silencio, que dão aos órgãos vocaes o repouso e a calma de que necessitam na articulação lenta, repetida e paciente, das vogaes e das consoantes separadas e na pratica da gymnastica respiratoria.

A senhora Montessori adverte que seu methodo utiliza também esses principios.

Temos falado longamente das lições de silencio.

Quando a mestra dá lições de coisas que o menino precisa reter, deve exigir uma pronuncia impecavel. O ouvido do menino deve ser impressionado repetidamente por excitações auditivas perfectas, para que as imagens auditivas se associem ás imagens visuaes ou ás idéas correspondentes. E quando o menino, por sua vez, pronuncia o nome — e só o nome — a mestra se esforça-

(1) Veja a "Revista de Ensino" ns. IX, X, XI, XIII, XV e XVI.

(2) A orthophonia corresponde a callosphasia, hoje muito em voga nos cursos de lingua nacional. Veja-se nesta "Revista" e neste numero o trabalho de D. Neemia do Nascimento Gama, sobre o assumpto — (Nota de Redacção).

rã por obter uma pronuncia correcta.

Ainda no ensino da linguagem escripta deverá facilitar-se o falar correcto com especialidade na occasião do estudo das letras e da composição das palavras; cada som deve ser emittido muitas vezes, enquanto o menino maneja as letras moveis, ou traça letras no quadro ou no papel.

Eufim, os exercicios respiratorios e os exercicios de articulação preparam o menino para uma articulação correcta.

Temos tratado de exercicios respiratorios no capitulo VI, consagrado á educação physica.

Para a gymnastica labio-dentolinguual, o menino aprende a dirigir os movimentos que a lingua e os labios têm de executar para a pronuncia de certas consoantes.

Esses exercicios tendem, aliás, a fortificar os musculos vocaes e dar-lhes flexibilidade. Os meninos são solicitados a articular fortemente a primeira syllaba de uma palavra, primeiro conjunctamente, em seguida destacadamente. Os que não o conseguem são submittidos a uma aprendizagem especial.

A mestra toca os musculos que devem contrair-se; toca, por exemplo na orbicular dos labios, ou pega a lingua do menino e a colloca contra a arcada dental; ou então mostra como devem executar-se os movimentos da bocca e dos labios para obter uma pronuncia correcta. Poderá fazer pronunciar *pa-pa*, para exercitar a orbicular dos labios; *fa-fa*, para favorecer o movimento do labio inferior contra a arcada dental superior; *ta-ta*, para exercitar o movimento da lingua contra a arcada dental superior; *stel-la*, para aprender como as duas arcadas dentaes devem ser reunidas, a lingua apoiada sobre a arcada dental superior a ponto de passar até fóra; *va-va*, para exercitar a lingua, vibrando.

Com exercicios dessa especie, se corrigem os defeitos de articulação;

assim não terá ainda de corrigi-los a escola primaria.

XII

Calculo

A educação sensorial que o menino tem experimentado prepara-o directamente para o calculo. De passagem familiariza-se com as noções de quantidade, de tamanho, de igualdade e de differença.

Os exercicios tendem a agrupar objectos iguaes, a collocar em ordem ascendente e descendente cubos, prismas, taboinhas, que contribuirão para a obtenção deste resultado.

Ainda o primeiro dos jogos, o dos cylindros por encaixar, pode fazer a um menino comprehender que se equivocou e que não chega a collocar o ultimo cylindro, qualquer que seja a significação do numero *um* (1) considerado como formando parte de uma serie.

A senhora Montessori faz observar com razão, e não sem certo orgulho, que essas noções elementares não têm sido aproveitadas como lições rapidas de linguagem, como ensino ligeiro, senão por uma educação lenta, progressiva e duradoura. Para estabelecer as primeiras noções dos numeros, utiliza-se em primeiro lugar de taboinhas verdes, ou melhor, de taboinhas subdivididas em decímetros.

A distancia dessas taboinhas é como os dois primeiros numeros da serie natural dos numeros: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10.

Estas são dispostas uma sobre as outras da maneira seguinte:



1									
1	2								
1	2	3							
1	2	3	4						
1	2	3	4	5					
1	2	3	4	5	6				
1	2	3	4	5	6	7			
1	2	3	4	5	6	7	8		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Depois de algum tempo de jogar com as taboinhas o menino conhece-as e considera-as como uma especie de camarada.

A mestra procede como no ensino das letras. Apresenta ao menino as tres primeiras taboinhas da serie e diz: Eis aqui *um*, aqui *dois*, aqui *tres*.

Depois, volta, pega a primeira taboinha e repete: Eis aqui *um*.

Conta, então, da segunda: *uma*, *duas*. Eis aqui *duas*; da terceira: *uma*, *duas*, *tres*. Eis aqui *tres*.

Termina pelo terceiro gráo, que consiste em fazer classificar: que é isto?

E o menino responde "*Tres*". e a mestra e os meninos contam juntos: *um*, *dois*, *tres*.

Os outros numeros se ensinam da mesma maneira, num espaço de tempo mais ou menos largo, segundo o gráo de adiantamento dos pequenos alumnos.

Deve-se notar que esses exercicios se praticam individualmente. Estamos plenamente de accordo com a Sra. Montessori, quando recomenda esse material, por dar uma idéa precisa da noção do numero.

Quando na pratica nos servimos de um numero, queremos indicar uma quantidade concreta, composta de um numero de unidades iguaes.

Se falamos de um numero que conste de um milhão, temos á vista uma fortuna composta de unidades de conto de réis que nos pertence. Quando sommamos dois numeros, por exemplo (3 e 5), escrevemos $3 + 5$, agregamos um numero a outro, e cada um desses numeros representa um grupo de unidades iguaes. Em nossas escolas primarias, os numeros são geralmente representados por unidades, bolas, feijões, lapis, etc. Seis feijões são 6 unidades, isto é, $1+1+1+1+1+1$, porém o menino não aprende a significação do numero 6. E quando tem de addicionar 2 e 5, põe dois feijões ao lado de cinco, comprehende simplesmente haver reunido $1+1+1+1+1$.

Entretanto a taboinha de cinco de-

cimetros (subdividida em cinco decímetros), representa effectivamente o numero 5, porque é um todo composto de cinco unidades iguaes. E quando o menino põe ao lado da taboinha de cinco unidades dois decímetros, está convencido de haver reunido 2 a 5.

Tenho observado pessoalmente os meninos brincarem com esse material. Estavam sentados em tapetes extendidos no pavimento, punham as taboinhas umas junto ou encima das outras na ordem desejada. Um delles chegou a formar uma escada. Tomou então a taboinha de um decimetro e a collocou, pelas estremitades, junto á de 9 decímetros; obteve assim, uma distancia de dez decímetros e a meia voz, disse 9 e 1 são dez (10); operou do mesmo modo com as taboinhas de 2 e de 8 decímetros e disse: 8 e 2 são 10.

E continuou com as taboinhas de 7 e de 3, de 6 e de 4, e murmurava os nomes dos numeros, enquanto effectuava a operação.

Effectua-se depois a operação inversa e o menino procede, muito naturalmente, ás subtracções: $10-5=5$; $10-4=6$; $10-3=7$; $10-2=8$; $10-1=9$. E as addições e as subtracções se seguem com outras combinações de taboinhas. Occorreu-me a idéa de mostrar a uma menina de cinco annos, successivamente, diferentes taboinhas verdes sem as subdivisões em decímetros, e perguntar-lhe a extensão.

Sem vacilar, respondeu-me a menina sem equivocar-se uma só vez: "um decimetro, tres decímetros, cinco decímetros..."

Depois desses exercicios com numeros concretos, importa passar á noção de numeros abstractos e com algarismos; estes facilitam notavelmente a passagem do calculo com as taboinhas, ao calculo com unidades simples, porque o algarismo possui a caracteristica de comprehender num só todo um conjuncto de unidades iguaes, porém separadas. O menino comprehende, naturalmente, a função synthetica dos algarismos.

promptamente, se serve delles com facilidade.

O uso das taboinhas não leva o menino ao conhecimento senão das dez ou das vinte unidades, no maximo das trinta primeiras; porém, quando conhece os algarismos, tem aberto o caminho para novos progressos, rapidos e consideraveis.

O menino aprende a traçar e a conhecer os algarismos, como aprendeu as letras. São recortados em tamanho bastante grande em papel esmeril e presos em pequenos cartões. Depois de haver enunciado os algarismos, o menino os deposita nas taboinhas correspondentes. Primeiramente collocam-se os algarismos nas taboinhas em ordem natural.

Em continuação, o menino se serve de algarismos todas as vezes que joga no chão com as taboinhas. Enquanto realiza essas addições e subtracções, trabalha tambem com os algarismos, assim aprende que $6+4=10$; que $5+3=8$, etc. etc.; que $10-6=4$; que $8-5=3$, etc. etc.

O material montessoriano comprehende duas caixas, cada uma com cinco compartimentos; essas duas caixas são collocadas uma junto á outra.

Na parede postero-interior de cada compartimento ha preso um algarismo, de tal sorte, que os dez compartimentos estão mantidos em ordem natural dos algarismos, 0, 1, 2, 3, até 9 inclusive. Zero tem aqui a significação de *nada*. O zero deve ser conhecido pela representação cifrada, do numero 10, e dos numeros subsequentes.

O menino colloca uma serie de táliscas, ou botões, ou fichas, com a obrigação de pôr em cada um dos compartimentos o numero de unidades indicado pelo algarismo escripto na parede.

Quando o menino conhece os nove algarismos significativos e o zero, passa-se á representação do numero 10. O menino conhece-o praticamente pelo jogo das taboinhas.

Aprenderá rapidamente a representação do algarismo. Compre-

hende com igual rapidez que, se a taboinha de um decimetro não era a metade, mas a de dez, podia contar:

10, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90.

A senhora Montessori reuniu a seu material um quadro, sobre o qual os numeros 10, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, estão traçados numa grande columna.

Por cima e por baixo de cada um desses dez numeros, estão dispostas pequenas linhas horizontaes, cortadas de traços, para que um pequeno cartão com uma das nove primeiras cifras possa deslizar por ellas e cobrir o 0 destes numeros; assim quando no numero 10 o 0 se cobre com o 1, se obtem 11; com 2, se obtem 12; e assim, successivamente, até que se obtem 19 com o algarismo 9. Da mesma maneira se opera, successivamente, com os numeros 20, 30 até 90 inclusive.

A principio, esses algarismos se acompanham de exercicios de calculo com taboinhas.

Quando um menino cobre com o algarismo o zero do numero 10, põe um decimetro ao lado da taboinha de 10 decimetros, e sussurra: dez e um são onze. Depois, o algarismo 1 é deixado e substituido por uma taboinha de dois decimetros; e o menino diz, ao mesmo tempo, em voz baixa: dez e dois são doze.

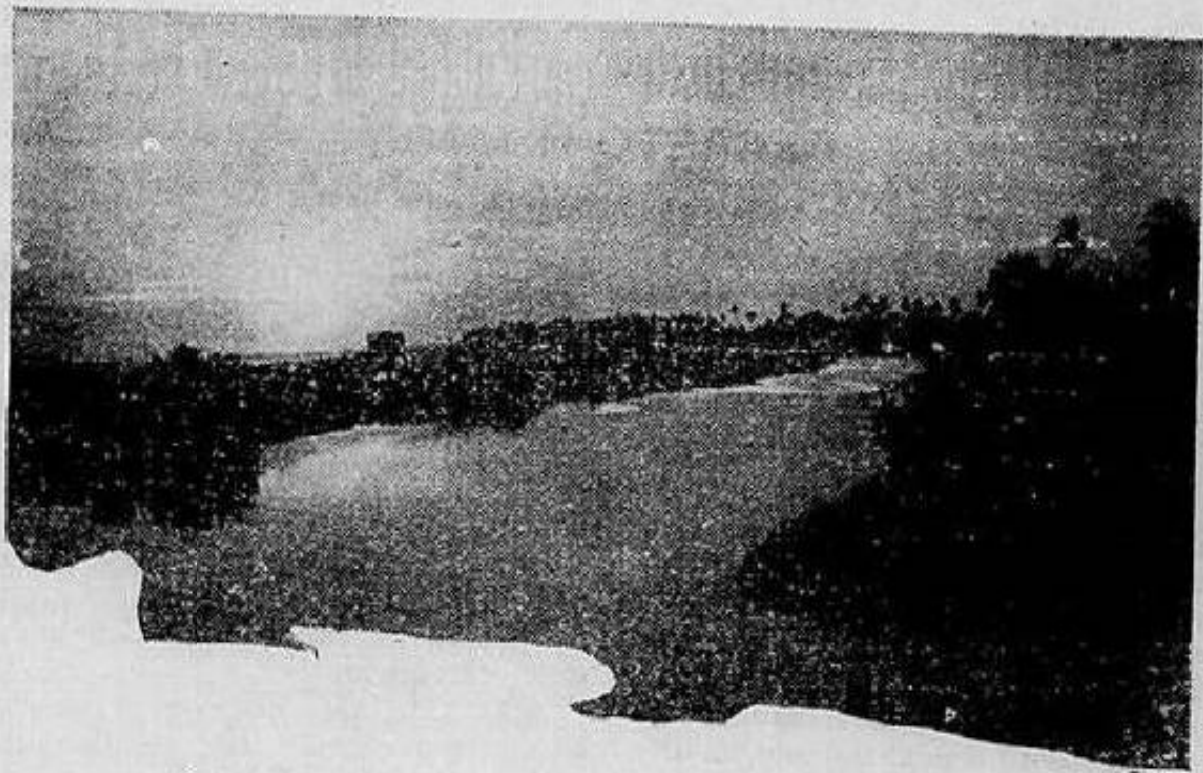
Compreendem-se facilmente os diversos exercicios dessa classe que o menino pode fazer.

A petizada encontra nelles um intenso prazer. Manejando simultaneamente objectos que representam numeros e as cifras correspondentes, os estudantes adquirem uma visão clara a respeito dos numeros.

Ensinados, dessa maneira, a escripta e o calculo cifrado, fixam pontos sadios de uma educação progressiva que revela ao menino o mundo exterior e o habilita a adquirir e a coordenar seus movimentos.

A senhora Montessori notou, de passagem, que a escripta e o calculo

MACEIO' PITTORESCA



Pôr de sol no Salgadinho (Riacho Maceió)

cifrado chegam a tempo, porque fixam os resultados adquiridos que, sem isto, se desvaneceriam.

Põe em relevo o facto de que essa nova actividade intellectual conduz o menino ao mundo das idéas, onde

a possibilidade do desenvolvimento ulterior não conhece limites, attendendo-se sempre em que a rotina dos methodos illogicos não venha a dificultar ou a deter seus progressos.



VADE-MECUM DO PROFESSORADO**Excerpto do Regulamento da Instrução Publica do Estado de Alagoas****DECRETO N. 1.140**

De 19 de setembro de 1925

TITULO IV**CAPITULO XIII****Dos vencimentos e gratificações**

Art. 268º. Os professores de *entrancia* e os adjuntos terão os vencimentos da *tabella annexa*. (*)

§ 1º. Os vencimentos serão pagos:

a) aos professores de *escolas isoladas*, mediante *attestado* de *exercício*, passado pela *autoridade escolar competente* e *protocollado* na *Directoria Geral da Instrução Publica*;

b) aos professores de *Grupos e Escolas Reunidas*, mediante *extractos* dos *pontos* remetidos pelos *respectivos Directores*.

§ 2º. O *attestado* e o *extracto* do *ponto* serão sempre *visados* pelo *Director Geral da Instrução Publica*.

Art. 269º. Os professores de *entrancia* que *servirem* em *grupos escolares* da *capital* e do *interior* receberão além de seus *vencimentos* as *gratificações constantes* da *tabella annexa*. (*)

Art. 270º. Os professores de *escolas isoladas* que *funcionarem* *desdobradas* em *turnos*, terão *direito* a *uma gratificação correspondente* a *um terço* dos seus *vencimentos*.

Art. 271º. O professor *adjunto designado* para *substituir* os *professores de entrancia* dos *grupos escolares* e *escolas reunidas* receberão além dos seus *vencimentos integraes* o que o *substituido* deixar de receber.

§ Unico. Se o *substituido* nada per-

ceber, o *adjunto* receberá pela *substituição* os *vencimentos integraes* daquelle, mas perderá os de seu *cargo* em favor do *Caixa Escolar*.

Art. 272º. O professor *extranumerario* perceberá, a *titulo* de *gratificação*, a *quantia correspondente* a *dois terços* dos *vencimentos* do professor *effectivo* em cujo *impedimento* servir, ou do de 1ª *entrancia* quando *preencher* *cadeira vaga* de *qualquer categoria*.

Art. 273º. Os professores *contractados* perceberão os *vencimentos* que forem *estipulados* nos *respectivos contractos*.

Art. 274º. Além dos *vencimentos* de sua *entrancia*, o professor *publico primario* de *cadeira isolada* que não *funcione* em *proprio* do *Estado* ou por *este arrendado*, terá *direito* á *importancia estipulada* na *tabella annexa*, destinada ao *aluguel* da *casa escolar*.

§ Unico. A *importancia* do *aluguel* da *casa* só será *paga* ao professor que *estiver* em *pleno exercicio* da *cadeira*.

CAPITULO XIV**Das penas e sua applicação**

Art. 275º. Os professores *publicos* ficam *sujeitos* ás *penas seguintes*:

- a) *advertencia*;
- b) *multa*;
- c) *suspensao*;
- d) *remoção com decesso*;
- e) *demissão*.

Art. 276º. *Constituem* *casos* de *advertencia* *todas* as *pequenas faltas commettidas* pela *primeira vez* *contra* o *disposto* neste *Regulamento*.

Art. 277º. A pena de...

(*) Vid. *Regulamento original* — *Imprensa Official*, *Maceió*, 1925, p. 113/6.

(*) Idem idem.

10\$000 a 50\$000 será applicada ao professor que:

1º. tiver sido advertido inefficazmente;

2º. usar de methodos, compendios, mappas ou cadernos não autorizados pela Directoria Geral da Instrução Publica;

3º. faltar sem causa justificada ás festas e commemorações escolares;

4º. prestar informações falsas;

5º. não remetter os mappas e mais documentos a que está obrigado pelo Regulamento;

6º. der aos alumnos occupaões estranhas, durante o exercicio escolar;

7º. modificar os horarios estabelecidos pelo Regulamento, sem autorização da Directoria Geral da Instrução Publica;

8º. não fizer a escripturação necessaria nos livros destinados á economia interna das escolas.

Art. 278º. A suspensão será applicada até 60 dias nos casos de reincidencia de faltas já punidas, ou quando o professor:

I—infligir castigo physico a seus discipulos;

II—occupar qualquer tempo do periodo escolar com serviços estranhos ao magisterio;

III—deixar de dar cumprimento immediato ás ordens legaes das autoridades superiores do ensino;

IV—deteriorar ou distrahir os moveis, livros e mais objectos da escola a seu cargo.

Art. 279º. Será removido com decesso o professor que:

1. reincidir nas faltas enumeradas no artigo anterior;

2. fizer substituir-se na cadeira por qualquer pessoa, seja por que tempo fôr;

3. transferir sem autorização expressa da Directoria Geral da Instrução Publica ou da autoridade escolar competente, a sede de sua escola;

4. fôr responsavel pela falta de frequencia em sua escola;

5. implantar a desharmonia, pro-

mover a indisciplina no estabelecimento, ou desavenças, intrigas e desintelligencias entre seus collegas;

6. se mostrar desidioso no cumprimento dos seus deveres.

Art. 280º. A demissão dar-se-á nos casos previstos no Capitulo XV deste Titulo.

Art. 281º. São competentes para impor penas disciplinares aos professores:

1º. o Governador do Estado, em qualquer das hypotheses enumeradas nos artigos deste Capitulo;

2º. o Secretario do Interior, até a pena de suspensão por sessenta dias;

3º. o Director Geral da Instrução Publica, até a de suspensão por 30 dias;

4º. os Inspectores Geraes e Presidentes de Juntas Escolares até a média da multa estabelecida no art. 277º;

5º. os Directores de Grupos e Escolas Reunidas até o minimo da multa constante do art. 277º;

6º. os Inspectores Ruraes, a pena constante da letra a do artigo 275º.

Art. 282º. Todas as penas, excepto as de remoção com decesso e demissão ou perda do cargo, as quaes só se tornarão effectivas por acto do Governador, serão applicadas mediante portaria que será transcripta nos livros de assentamentos do respectivo infractor.

Art. 283º. A autoridade escolar que houver applicado uma pena disciplinar fará immediata communição á autoridade superior que, por sua vez, levará o facto ao conhecimento da Directoria Geral da Instrução Publica.

Art. 284º. Das penas impostas pelos Inspectores Geraes e Presidentes das Juntas Escolares, Directores de Grupos e Escolas Reunidas e Inspectores Ruraes, poderá ser interposto recurso pelo infractor para o Director Geral da Instrução Publica, no prazo improrogavel de 15 dias.

Art. 285º. A pena de suspensão importa a perda total dos vencimentos.

A TEMPESTADE

Ezechias Rocha

da Academia Alagoana de Letras

A chuva cae; o vendaval, furioso,
Freme, ruge; e o trovão violentamente
Estoira, brame; e a terra, de repente,
E' um largo rio, enorme, caudaloso.

Como a querer tragar o continente,
O velho mar ribomba, fragoroso;
E o homem á fé se abriga, fervoroso,
Ante as iras dos céos e da torrente;

E, enquanto os elementos, em batalha,
Troam no céo, um sapo tintangalha,
Arrogante, eloquente, soberano!

Dizei-me vós, procellas, ventanias,
Dizei-me vós, trovões, ondas bravias:
—Em que palacio habita o orgulho humano?

mentos e do tempo de serviço correspondente.

Art. 286º. As importancias correspondentes ás multas impostas na fórma deste Regulamento, serão descontadas dos vencimentos dos respectivos infractores, no momento de percebê-los.

§ Unico. Para esse fim, fará em tempo a Directoria Geral da Instrução Publica as necessarias communições á Secretaria da Fazenda.

HUMORISMO ALHEIO

Sophocles, celebrado poeta grego, dizia uma vez a um escriptor mediocre, que tres dos seus versos lhe tinham custado tres dias de trabalho.

— Tres dias! exclamou o seu interlocutor. Eu teria feito com versos, nesse espaço de tempo.

— E' possivel, concordou Sophocles: sómente, elles teriam durado tambem tres dias...

INSTRUÇÃO MORAL E CIVICA

7 DE SETEMBRO

No Grupo "Diégues Junior"

Prelecção da Prof. Srnha. Alice de Araujo Moraes

Meus jovens alumnos:

Não venho cansar a nenhum de vocês, com uma longa e estafante prelecção.

Quero apenas, em palavras mui singelas, recordar-vos em resumo o facto que tornou celebre o dia de hoje.

Dispensae-me, pois, alguns minutos de attenção.

Tendo sido Portugal invadido pelos franceses em 1807, resolveu D. João, então principe regente da Corôa, passar-se para o Brasil, com a familia real e um sequito enorme de fidalgos.

A esquadra chegou fraccionada, ancorando parte na Bahia, e parte no Rio de Janeiro, para aonde seguiu D. João, installando ali a séde do "novo Imperio que ia criar".

A vinda de tanta gente para o Brasil causou serio transtorno á população, pois todos os aulicos queriam ser alojados a seu gosto.

Os portuguezes viviam sob um regimen absolutista, e queriam fruir os direitos e prerogativas que estavam na tradição das côrtes privilegiadas pelo velho direito divino.

Vem dahi, a rivalidade entre portuguezes e brasileiros.

Grande desgosto alastrou-se por todas as provincias, e o governo geral, ao invés de pôr termo a tal situação, antes parecia fomentá-la, dando preferencia aos lusitanos.

Havendo fallecido em 1816 D. Maria I, subiu o principe regente ao throno de Portugal, como rei, com o nome de D. João VI.

Annos depois, rebentava no velho reino uma grande revolução, inspirada na outorga da Constituição

Portuguesa, resolvendo então, D. João VI, retirar-se para Lisboa com a côrte, deixando a seu filho, o principe D. Pedro, a regencia do Brasil.

Grande difficuldade teve o nosso principe regente para acalmar o espirito do povo extraordinariamente exaltado com as idéas de independencia que andavam nos animos mais alvoroçados de nativismo e de odio aos reinôes intrusos.

Queriam os portuguezes que no Brasil fosse adoptada a Constituição de Portugal, sem *restricções*.

Sabiam que por esse meio nossa terra voltaria a ser colonia, como dantes, e este era o seu maior desejo.

Os brasileiros, como era natural, repelliram tal plano, continuando a luta pela separação.

Deu-se então por esse tempo, entre os membros da junta do governo de S. Paulo, uma dissensão que poderia ter graves consequencias, não fosse a presença de D. Pedro que, aconselhado por José Bonifacio, seu primeiro ministro, para alli se dirigiu, afim de acalmar os espiritos sedentos de liberdade.

E assim, D. Pedro, affirmou aos paulistas que poderiam contar com a sua intrepidez na defesa dos supremos interesses da nossa patria.

Logo, ao coração do povo voltou a paz e a confiança.

Em caminho, voltando de S. Paulo, encontrou o principe dois emissarios vindos do Rio de Janeiro, que lhe trasiam cartas de José Bonifacio, da Princesa D. Leopoldina e quatro decretos das Côrtes portuguezas.

Os decretos annullavam por completo os actos do principe.

Acompanhava os mesmos uma carta de D. João VI, recommendando ao filho obediencia á lei portuguesa.

O principe, nesse momento, acha-

va-se cercado da sua guarda de honra, quando abriu e leu a correspondencia.

Parou a reflectir por momentos, fazendo em seguida aos presentes a relação do que delle exigiam as Cortes de Lisboa.

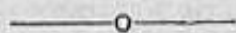
Subito, rubro de colera, e estacando pouco a cavalleiro do riacho Ypiranga, fez o juramente celebre de "Independencia ou morte! Estamos separados de Portugal!"

E voltando-se para a sua guarda, disse:

"Amigos, as Cortes Portuguesas querem escravizar-nos e perseguem-nos. De hoje em diante nossas relações estão quebradas. Nenhum laço nos une mais!"

A seguir, arrancando do chapéo o laço azul e branco, symbolo da nação portuguesa, e tirando da espada, jurou com os presentes a independencia que acabava de proclamar

Este facto grandioso, que hoje se commemora em todo o Brasil, jovens alumnos, realizou-se a 7 de setembro de 1822, dia cheio de glorias para o Brasil e de justo desvanecimento para todos nós que amamos devotadamente esta formosa e bem-aventurada terra do Cruzeiro.



No Grupo "Fernandes Lima"

Prolecção da Prof. Srna. Julieta Leal Penna

Crianças:

Desginada pelo nosso illustre Director para fazer a prolecção de hoje, passo a contar-vos como ficou independente a nossa cara Patria, o Brasil.

Após o seu descobrimento que se effectuou a 21 de abril do anno de 1500, ficou o nosso amado pais sob o dominio do Rei de Portugal.

Até então o Brasil era habitado por selvagens que pouco a pouco iam tornando-se civilizados ao influxo da cathequese dos padres jesuitas e do contacto familiar com os colonizadores.

Foi o Brasil dividido em Capitánias e estas entregues aos vassallos do Rei, que se encarregavam de cultivá-las e defendê-las.

Estas capitánias, não satisfazendo a sua finalidade, D. João III resolveu então criar o poder central, isto é, um Governador Geral, sendo nomeado como primeiro, Thomé de Souza, que veiu para o Brasil, onde foi bem succedido. A elle succederam outros governadores, sendo uns mais felizes do que outros nas suas administrações.

Governava a monarchia portuguesa, desde 1790, como regente, o príncipe D. João de Bragança, por sua mãe, a rainha D. Maria I, que enlouquecera.

Nessa epoca chegou ao apogeu da gloria um dos maiores guerreiros, Napoleão I, imperador da França. Entendeu este de ser o senhor do mundo, e a Inglaterra foi por elle hostilizada por todos os meios.

Napoleão obrigou as outras nações da Europa ao bloqueio continental dos portos europeus contra a Inglaterra.

Serios compromissos prendiam Portugal á Grã-Bretanha e não pôde alliar-se ao soberano francês.

Bonaparte, ferido no seu orgulho, celebrou com a Espanha o tratado de Fontainebleau, assignado a 27 de outubro de 1807, riscando Portugal do mappa do Velho Mundo e mandando invadi-lo por um exercito francês.

D. Pedro de Alcantara e Bourbon, filho de D. João VI, tinha apenas nove annos de idade, quando a familia real de Bragança resolveu mandalo para o Brasil com o titulo de condestavel, tendo como seu secretario e mentor Frei Antonio de Arrabida.

Foi dirigida aos brasileiros uma proclamação do governo lusitano, communicando-lhes a resolução; e o condestavel seria seguido pela familia real, caso fosse Portugal invadido.

D. João, num inexplicavel gesto de covardia, havia declarado guerra á

Inglaterra para livrar-se de Napoleão. Enquanto esta respondia ás suas hostilidades, o exercito francês entrou em Portugal sob as ordens do general Junot.

Vendo-se o regente perseguido por dois inimigos, tratou de fazer as pazes com a Inglaterra e resolveu emigrar para o Brasil com sua familia e juntamente com ella D. Pedro que deixou de vir no caracter de condestavel.

A 23 de janeiro de 1808 chegou ao Brasil D. João VI, com sua mãe, a mulher — a detestavel D. Carlota Joaquina, e seus filhos D. Pedro e D. Miguel, ainda infantes e uma coorte numerosissima de cortesãos.

Já nesta epoca era o Brasil muito mais populoso do que Portugal. D. João VI, maravilhado com o pais e receioso de perder o throno com a invasão de Junot, concebeu a idéa de, com todo interesse cuidar do progresso do Brasil, afim de deslocar para aqui o throno portuguez.

Em março de 1808 a cidade do Rio de Janeiro tornou-se capital da monarchia lusitana.

Os portos foram abertos ao commercio das nações amigas; organizaram-se repartições publicas; criaram-se academias; constituiram-se regimentos e corpos de exercitos, criou-se um banco — *O Banco do Brasil*; uma imprensa regia; uma bibliotheca nacional etc.; e para coroar a obra da nossa organização, elevou-se a colonia á categoria administrativa e politica de Reino (1815). Esse formidavel impulso punha-nos a caminho da separação proxima da metropole.

Ao lado desses beneficios, o pais não melhorara na ordem interna. Os cortesãos do Rei enchiam a capital e as capitánias, occupando todos os empregos. Os impostos asphyxiavam o povo, de maneira irritante, em proveito do Rei e da sua camarilha.

Em 1817 o norte revoltou-se, sacudindo o jugo bragantino e proclamou a republica em Pernambuco.

Adheriram á revolução Parahyba e Rio Grande do Norte, seguindo emissarios para Bahia, Ceará e Alagoas.

Mas a revolução fracassou: após uma luta desesperada, foram derrotados os brasileiros. Os chefes subiram ao patibulo para exemplo dos futuros revolucionarios.

Em 1818 D. Pedro casou-se com a archiduquesa d'Austria, D. Maria Leopoldina, que veio a ser a primeira imperatriz do Brasil.

A 6 de janeiro de 1818, D. João VI foi coroado e proclamado senhor dos reinos unidos de Portugal, Brasil e Algarves.

D. João VI, porém, viu-se obrigado a retirar-se do Brasil por causa da revolução constitucionalista (1820) que rebentou em Portugal e dos seus ministros que o chamavam com instancia. Dias antes, porém, da sua partida, conferenciou com seu filho no palácio de S. Christovam: prevendo como certa a independencia do Brasil, disse-lhe: *Pedro, em tal caso, põe a corôa sobre a tua cabeça antes que algum aventureiro lance mão della.*

Chegado o rei a Portugal, começou a luta pela nossa volta ao primitivo estado de colonia.

Convinha torna-la effectiva e não era cousa difficil, uma vez que já não era o Brasil a metropole do reino.

D. João VI, coagido pelas Côrtes, isto é, pelo Parlamento, chama D. Pedro com insistencia e este, depois de longas indecisões, resolveu partir, quando alguns brasileiros, acompanhados de José Bonifacio, aconselharam o principe a não abandonar o Brasil.

Entretanto o que decidiu o principe a ficar, foi a intervenção de José Clemente Pereira chefe do partido portuguez, e que se fez abnegado defensor do Brasil independente.

O resultado da propaganda e dos esforços dos patriotas do Rio de Janeiro foi a chegada de representações de S. Paulo e a dos fluminenses

que, levadas pelo senado da camara ao principe regente no dia 9 de janeiro de 1822, tiveram delle a declaração solenne: *Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que "Fico"*.

Novas ameaças vieram de Portugal.

D. João VI mandou que D. Pedro regressasse á Europa, afim de que, viajando, aperfeiçoasse a sua educação. O seu desejo era privar os brasileiros de seu futuro imperador e da sua independencia, pois não queriam os portuguezes o progresso e emancipação do Brasil, fonte inexgotável de riquezas para a metropole.

Gonçalves Lêdo, Januario Barbosa pré-gavam a republica pela imprensa.

José Banifacio de Andrade e Silva desejava que se fizesse o Brasil Imperio.

Mas a independencia era a aspiração geral: ou Republica ou Monarchia, o que era positivo era que lavravam agitações em diversas provincias, principalmente Minas e S.

Paulo, com esse patriotico desiderato.

A 7 de setembro de 1822, foi oficialmente declarada a independencia do Brasil, na occasião em que D. Pedro havia ido a S. Paulo acalmar em pessoa as perturbações que frequentemente se repetiam naquella provincia. Quando, de volta, atravessava o riacho Ypiranga, D. Pedro, recebendo noticias dos intempestivos decretos vindos de Portugal, cheios de exigencias absurdas contra o Brasil, e affrontas á sua pessoa, puxou da espada e fez o juramento immortal: *"Independencia ou morte"*.

Eis crianças porque deve ser festejado o dia 7 de setembro.

Nenhuma data é mais gloriosa para nós, porque foi a 7 de setembro de 1822 que se realizou, em nossa cara patria, o sonho que embalava os brasileiros desde os tempos coloniaes, sonho que custou a vida de muitos martyres, cujo sangue derramado no seu solo fez germinar e nutrir a arvore da liberdade.

16 de Setembro

No Grupo "Diégues Junior"

*Prelecção da Prof. D. Irene Braga
Miguez Garrido*

Outra, que não eu, devêra falar-vos nesta solennidade de hoje.

A data é por demais resplandecente para ser posta, no vosso entendimento, com tinta indelevel por mim.

Nos feriados todos da Patria, falla-vos sempre, com a palavra da explicação e da persuasão uma das vossas mestras devotadas.

Coube-me esta ephemeride magnifica, toda ella revestida, por si mesma, das galas mais altas e puras e que representa, na historia de Alagoas o seu maior acontecimento.

Detenhamo-nos, assim, deante da Historia, a contemplar o episodio.

O abençoado territorio em que nascestes e em que vivemos, jovens alumnos, e no qual vos educaes, pertencia outr'ora á capitania de Pernambuco. Apesar da sua pequena extensão, ultrapassava em desenvolvimento e em população as capitancias do Rio Grande do Norte e da Parahyba. Já contava com 8 villas prosperas, e cem mil almas o povoavam; a sua localização era favoravel: ficava ladeado pelo Atlantico e marginado pelo S. Francisco, o segundo rio do Brasil, o rio da famosa cachoeira de Paulo Affonso.

Deante disso, nascera, em quase esses cem mil cerebros, o pensamento grandioso de sua autonomia.

E, em março de 1817, enquanto arrebentava em Pernambuco uma revolução, chefiada pelo espirito-santense Domingos José Martins contra o governo português, com caracter republicano e que se estendera á Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará — Alagóas recebia a visita do Dr. José Ignacio de Abreu e Lima, conhecido pelo epitheto de Padre Roma, semeando em suas terras as idéas que trouxera e que puderam espalhar-se em alguns pontos da comarca. Esses sentimentos que, naquella occasião tiveram compensação sinistra, nem por toda Alagóas foram esposados.

Em S. Miguel de Campos o bravo capitão Manoel Vieira Dantas, pae do Visconde de Sinimbu, é verdade que adheriu á revolução com toda a sua coragem. Mas antes mesmo de 1817, já alguns alagoanos, homens de intelligencia, capazes, portanto, de ter autonomia, cogitavam de constituir o seu territorio independente de Pernambuco e mandaram uma representação politica em nome da Camara de Maceió a D. João VI, pedindo-lhe a emancipação de Alagoas.

O ouvidor Antonio José Ferreira Batalha, por ordem do Conde dos Arcos e querendo logo dar um golpe de morte na revolução que crescia ameaçadora, mandou sequestrar os bens dos revolucionarios.

Victoriano Borges da Fonseca, que era o commandante das armas e o chefe da revolução em Alagoas, quando viu chegar depois disso, dirigindo vultuoso exercito, o marechal Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda, retirou-se deixando officios e proclamações, explicando as razões da sua fuga. E Ferreira Batalha para melhor poder exterminar o levante em Alagóas, declarou-a independente de Pernambuco e deu-lhe um governo provisório.

A revolução perdeu desse modo,

aqui, ambiente, graças á intelligencia e coragem do ouvidor, que foi condecorado pelo rei e elevado ao posto de desembargador.

Acalmados os animos, mais tarde, jovens estudantes, Alagóas não descurou de separar-se definitivamente de Pernambuco, constituindo um governo independente.

Findava a revolução republicana, quando D. João VI, reconhecendo o progresso, a boa situação geographica, os homens de intelligencia, que podiam governar o seu territorio, lembrando-se da representação que antes lhe fôra enviada, decidiu-se a desligá-la do jugo de Pernambuco, dando-lhe a liberdade com o decreto de 16 de setembro de 1817.

Ahi está, meus meninos, o que se chama a emancipação de Alagóas; ficae desde já sabendo que *emancipar* quer dizer *libertar* e foi assim que nós todos ficámos livres da tutela de Pernambuco, constituindo uma nova capitania, depois provincia, que é este actual Estado de Alagóas, vossa terra querida.

E' preciso que não percaes nunca o entusiasmo de que vos deveis possuir neste momento em que acabo de contar, ao vosso alcance, que o dia 16 de setembro é a mais expressiva data de Alagóas, porque foi toda de bençãos e de vaticinios felizes que ella se encheu para maior gloria do Brasil!

Criae-vos e educae-vos, assim, não deixando fenecer jamais em vossas intelligencias os acontecimentos que fazem vibrar até a alma quantos da mesma terra quizeram vô-la grande e prospera.

E para que não os esqueçaes, é que vos peço unaes á minha voz as vossas vozes afim de erguermos todos, nesta hora de culto civico pelos antepassados, um viva a Alagóas e ao Brasil.

O DIA DA CRIANÇA

No Grupo "Oliveira e Silva" — Pilar

*Allocução do Dr. Octavio Gomes,
da Academia Alagoana de Letras,
Juiz de Direito do Municipio.*

Nebulosas, mundos que se tessem, fio a fio, na talagarda immensa do infinito...

Através de seculos sem conta, essas caprichosas condensações cosmicas se vão desenhando na tela azul e immaculada do céu...

E, após uma dolorosa e fecunda gestação de millenios, essas nebulosas mirificas, a principio sem cor, sem forma, sem belleza e sem fulgor, — são agora planetas maravilhosos e deslumbrantes astros a descrever nas suas orbitas eternas o mais estupendo prodigio da Criação.

Aquellas tristes nebulosas, desertas e geladas como solitarios icebergues perdidos nas profundezas do infinito, são agora estas caprichosas moradas da grande casa de Deus, são estes mundos innumeraveis que constellam as amplidões do céu, arrastando nos seus giros vertiginosos as humanidades que os povõam...

Mundos de dor ou de ventura, mundos de treva ou de luz, de expiação ou de gloria, todos, entretanto, seguindo o curso inevitavel da mesma finalidade grandiosa, — o concerto unisono da Criação na alleluia universal do Amor.

×

A criança é uma nebulosa humana. Sem figura precisa no scenario da vida, sem caracterização definida nas realidades sociaes, ella é, entretanto, uma formosa condensação de esperanças, uma delicada crystallização de sonhos.

Nella se esboça e se delinea, traço a traço, linha a linha, contorno por contorno, a personalidade do futuro.

Ella será o futuro homem ou a fu-

tura mulher, penetrará em cheio no drama accidentado da vida, descrevendo através da existencia a parábola do seu destino, como descrevem os astros eternos sua trajetoria no céo.

Nessa jornada ao porvir é preciso, entretanto, que se lhe accendam fanaes guiadores á beira dos pegos traiçoeiros.

Nesse entreabrir de botão que promette a flor plenamente desabrochada faz-se mister o alento dos orvalhos fecundantes para o viço das petalas formosas.

Nesse gorgeiante amanhecer que ascenderá ás culminancias do pleno dia, que se afastem as nuvens obumbrantes para que o sol, em todo o seu esplendor, celebre gloriosamente a gloria immortal da luz.

Assim, grave e importantissima nos é, a nós, paes, a nós, mestres, a nós, autoridades, a nós, cerebros pensantes, a todos nós que temos uma maior ou menor parcella de responsabilidade na direcção dos agrupamentos humanos, no governo geral das sociedades, grave e importantissima nos é a missão de levar essas descuidosas criaturinhas em flor a viverem a vida em toda a plenitude da sua belleza espiritual.

×

Em torno de nós as paixões enxa-meiam, qual a qual mais caudente, num ruidar incessante de tempestade.

Os vicios tenebrosos escancaram as guelas hediondas, envenenando o ambiente com as suas nauseantes exalações.

A doblez, o embuste, a hypocrisia se insinuam e serpeiam entre os homens, tessendo entre elles, com arte finamente diabolica, a teia subtil das revoltantes perfidias e das ignominiosas traições.

O pharisaismo omnimodo e protei-

ACADEMIA DE SCIENCIAS COMMERCIAES DE ALAGOAS

FUNDADA E MANTIDA PELA

Sociedade Perseverança e Auxilio dos Empregados no Commercio

Equiparada à sua congénere da Capital Federal pelo Decreto 4724 A, de 23 de Agosto de 1923

Prepara convenientemente os seus alumnos
para Contadores, Agentes consulares,
Peritos judicarios, Empregados de Fazenda,
de Bancos etc.

Mantém 3 cursos: Annexo ou de Preparatorios;
Geral ou de Contadores, e Superior
ou de Bachareis em Sciencias Commerciaes

Admitte alumnos LIVRES, independentes dos Cursos
Seriados, sem exame.

SUBMINISTRA CONVENIENTE INSTRUÇÃO TECHNICA E LITTERARIA.
DISPÕE DE UMA BIBLIOTHECA DE 7000 VOLUMES

Director — DR. AUGUSTO GALVÃO
Secretario — AURYNO MACIEL

Séde: Rua 15 de Novembro, 418 — MACEIO

L. C. BRAGA NETTO

Representações

Rua do Commercio, 225, 1.^o
Predio d' "A Equitativa", sala 2.
MACEIÓ

Tele { phone: 467
grammas: DIDO

Caixa Postal—46

Representante de :

Amadeu Pelliccione (Rio)—Accessorios para automoveis;

Accacio Maia & Cia. (Rio)—Saccos e barbantes;

Instituto Scientifico S. Jorge (S. Paulo)—"VALEOL" e "CHLO-ROCALCINA", excellentes reconstituintes;

Aguas Mineraes de S. Lourenço, as melhores do Brasil;

Productos de Belleza "ALLACK" Limitada, de fama mundial.

Coimbra Reis & Cia. (Rio)—Creme Antiseptico "BARBASOL" e Creme Dental "KLEY";

J. L. Gonde & Cia. (Rio)—"CARMELLA"—Agua de Colonia higienica, extingue as caspas e faz desapparecer os cabellos brancos;

Tintas EXCELSIOR Limitada (Rio)—A unica tinta de lei. Tintas para escrever, para carimbos, para tingir couros, gomma-arabica e outros productos

Cardinale & Cia. (Rio)—Placas commerciaes, carimbos, placas para automoveis, numeros de predios e nomenclatura de ruas, etc.

Carlo Erba (Milano)—Productos chimicos e drogas;

pharisaismo politico, o pharisaismo profissional, — dá aos individuos e ás sociedades o character aviltante de seres e entidades incapazes de merecer a mais elementar confiança na troca de impressões e interesses que se entrecruzam na complexa estrutura da existencia humana.

Caminha-se pela vida como por um terreno minado, onde, a cada passo, se pode ser tragado por um abysmo traiçoeiro.

E' em face deste panorama triste e acabrunhador que se revela e se impõe á consciencia de todos os que, de um ou de outro modo, somos os guieiros da collectividade, a missão salvadora que o nosso dever nos aponta. — Demos a mão á criança para afastá-la de tantos perigos que a assediam, para impedir que ella tropece e caia nas fragas escabrosas de que está semeado o seu caminho.

Desviemo-lhe o olhar dos tredos quadros de seducção que bordam de um lado e de outro a estrada do seu destino, para que ella não se lance a correr em pos dessas miragens enganadoras e fataes.

Façamo-la passar bem longe desse paul de maldades em que se refo-

cilla a negrejante caterva das abjeções humanas.

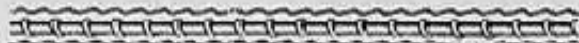
Demo-lhe a ler e, mais que a ler, a interpretar todos os dias e todas as horas a Cartilha suave do bem e do amor, o Evangelho santo da bondade pura e redemptora.

Salvemos a criança desse triste naufragio em que vemos miseravelmente sossobrar tantas criaturas que vão passando pela Terra, como se fossem a incarnação do proprio mal, como se fossem a propria negação dos designios providenciaes do Criador.

Salvemos a criança, que salvá-la é salvarmo-nos a nós mesmos, é salvar a familia, é salvar a sociedade, é salvar a Patria, é salvar a humanidade.

Crianças de Pilar, crianças das Alagôas, crianças do Brasil, crianças do mundo inteiro, benditas, benditas sejaes, se já nos traseis nos raios de vossa alegria descuidosa a auro-ra de regeneração moral que os homens de boa vontade de ha muito anseiam ver desabrochar nos horizontes da Terra!

Benditas sejaes, benditas crianças, se nos traseis, assim, na bendita alvorada dos vossos benditos annos a bendita realização deste sonho feliz!



O MENINO AGUIA

Mucio Scœvola

(Estylização especial para a "Revista de Ensino")



Foi num exame de Geographia:
 Professor: — O Sr. vae fazer-me uma viagem por mar. Vae a Marselha. Como faz?

Menino: — Primeiro tomo o trem para o Recife.

— Mas eu quero uma viagem por mar.

— Perfeitamente. Os transatlanticos ainda não vêm a Macciô.

— Muito bem. Prosiga.

— Chega-se a Bebedouro, o trem pára.

— Sabe-se disso, pára em todas as estações.

— Sim, Sr. Em Lourenço de Albuquerque toma agua.

— Ora, ora! O Sr. está fazendo a viagem cacete. Supponha-se que chegou ao Recife. Tomou um hotel, dormiu, accordou, comprou a passagem e já está no transatlantico a caminho de Marselha.

— Sim, Sr., o vapor saiu e ganhou o oceano largo, onde só se vê céu e agua. E vae andando.

— Muito bem, continue.

— Vae andando, vae andando...

— Continue.

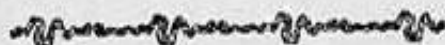
O menino cala-se.

— Continue!

O menino calado.

— Já chegou a Marselha?

— Não, Sr., o navio não pode continuar a viagem, porque faltou carvão.



REVISTA DAS REVISTAS

O HOMEM QUE CALCULAVA

DEDICATORIA:

A' gloriosa memoria do grande e immortal algebrista mesulmano Ghiyath Eddin Aboul Fakh Omar Ben Ibrahim Alk Khafami de Nichabour (que Allah santifique sua alma preciosa!) e tambem á memoria dos sete sabios geometras christos ou atheus: Pascal, Lagrange, Newton, Leibnitz, Euler, Comte e Fermat (que o Altissimo se compadeca desses inficis!) e a todos aquelles que estudam e cultivam as infinitas bellezas e as harmonias divinas da impecavel Mathematica, eu, Ali Yesid Ibn-Eddin Ibn-Salin Hank Malba Tahan, crente de Allah, o Exaltado, e de seu glorioso Propheta Mahomet (com elle a oração e a paz!), dedico, humildemente, esta desvaliosa pagina de lenda e fantasia.

Em nome de Allah o Unico, Clemente e Misericordioso! Louvado seja Deus, Criador do Céo e da Terra e Eterno Senhor dos mundos visiveis e invisiveis! Que a benção divina repouse sobre os Justos, sobre os Prophetas e, particularmente, sobre Mahomet e toda sua veneravel e Santa familia!

Voltava eu, certa vez, ao passo lento do meu camello, pela estrada de Bagdad, de uma excursão ás famosas ruínas de Samarra, nas margens do Tigre, quando avistei, sentado numa pedra, um viajante modestamente vestido, que parecia repousar das fadigas de alguma viagem.

Disponha-me a dirigir ao desconhecido o "salam" trivial dos caminhantes, quando, com grande surpresa, o vi levantar-se e pronunciar vagarosamente:

— Um milhão quatrocentos e vinte e tres mil setecentos e quarenta e cinco!

Sentou-se em seguida, e ficou em silencio, a cabeça apoiada nas mãos, como se estivesse absorto em profunda meditação.

Parei a pequena distancia e pus-me a observá-lo, como faria deante de um monumento historico dos tempos lendarios.

novamente e, com voz clara e pausada, enunciou outro numero igualmente fabuloso:

— Dois milhões trezentos e vinte e um mil oitocentos e setenta e seis!

E assim, varias vezes, o singular viajante punha-se de pé, dizia em voz alta um numero de varios milhões, e sentava-se, em seguida, na pedra tosca do caminho.

Sem saber dominar a curiosidade que me espicava, aproximei-me do desconhecido e, depois de saudá-lo em nome de Allah (com elle a oração e a gloria!), perguntei-lhe a significação daquelles numeros que só poderiam figurar em gigantescas proporções.

— Forasteiro! — respondeu o viajante — não censuro a curiosidade que te levou a perturbar a marcha dos meus calculos e a serenidade de meus pensamentos. E já que soubeste ser delicado no falar e no pedir, vou attender ao teu desejo. Para tanto, preciso, porém, contar-te a historia da minha vida!

E narrou-me o seguinte:

×

— Chamo-me Mesoud Ibn Haram e nasci numa pequenina aldeia não longe de Disful, nas margens do sombrio Kerkhob. Muito moço ainda, empreguei-me como pastor a serviço de um rico senhor persa. Todos os dias, ao nascer do sol, levava para o campo o grande rebanho e era obrigado a trasá-lo ao abrigo antes de cahir a noite. Com receio de perder alguma ovelha tresmalhada e ser, por tal negligencia, severamente castigado, contava-as varias vezes durante o dia. Fui assim, adquirindo, pouco a pouco, tal habilidade em contar que, por vezes, num relance, calculava sem erro, o rebanho inteiro. Não contente com isso passei a exercitar-me, contando os passaros quando, em bandos, voavam pelo céu afóra. Tornei-me habilissimo nessa arte. Ao fim de alguns

meses — graças a novos e constantes exercícios — contando formigas e outros pequeninos insectos, cheguei a praticar a proeza incrível de contar todas as abelhas de um enxame! Essa façanha de calculista, porém, nada viria a valer deante das muitas outras que mais tarde pratiquei! O meu generoso amo possuía, em dois ou tres oasis distantes, grandes plantações de tamaras e, informado das minhas habilidades mathematicas, encarregou-me de dirigir a venda dellas, que eram por mim contadas nos cachos, uma a uma. Trabalhei assim, junto das tamaras, cerca de dez annos. Contento com os lucros que obteve, o meu bondoso patrão acaba de conceder-me alguns dias de repouso e, vou agora, a Bagdad visitar a minha familia que não vejo ha muitos annos. E para não perder tempo, exercito-me durante a viagem, contando as folhas das arvores que encontro no caminho!

E, apontando para uma velha e grande figueira que se erguia a pequena distancia, ajuntou:

— Aquella arvore, por exemplo, ostenta nos seus cento e noventa e dois ramos, a bagatella de um milhão duzentos e quarenta e quatro mil setecentos e vinte e duas folhas!

— Mack'Allah! — exclamei attonito. — E' inacreditavel que possa um homem contar com um rapido olhar, todas as folhas de uma arvore! Tal habilidade pôde proporcionar a qualquer pessoa meio seguro de ganhar riquezas invejaveis!

— Como assim? — perguntou Mesoud — Jámais me passou pela idéa que se pudesse ganhar dinheiro, contando aos milhões folhas de arvores e enxames de abelhas!

— A vossa admiravel habilidade — expliquei — pôde ser empregada em vinte mil casos differentes. Numa grande capital como Bagdad, sereis um auxiliar precioso para o governo. Podereis calcular populações, exercitos e rebanhos. Facil vos será avaliar os recursos do pais, o valor das colheitas, os impostos, as mercadorias e todas as fontes de renda do Estado. Asseguro-vos — pelas relações que mantenho, pois sou "bagdaly" — que não vos será difficil obter um logar de destaque junto ao califa! Podeis, talvez,

exercer o cargo de vizir thesoureiro ou secretario da Fazenda musulmana!

— Se assim é, ó joven! — respondeu o Calculista — não hesito. Vou contigo para Bagdad!

E sem mais preambulos, accommodou-se como pôde em cima de meu camelo (o unico que possuíamos), e pusemo-nos a caminhar pela larga estrada em busca da gloriosa cidade dos califas!

Poucas horas viajámos sem interrupção, pois, logo occorreu uma curiosa aventura, na qual o "Homem que calculava" pôs em pratica, com grande talento, as suas habilidades de eximio algebrista.

×

Encontrámos perto de um antigo caravanará, já quase em abandono, tres homens que discutiam acaloradamente ao pé de uma porção de camelos.

O intelligente Mesoud procurou informar-se do que se tratava.

— Somos irmãos — disse o mais velho — e recebemos como heranca, esses 35 camelos. Segundo a vontade expressa de meu pae, eu devo receber a metade, o meu irmão Hamed Namir, uma terca parte e ao Harim, o mais moço, deve tocar, apenas, a nona parte. Não sabemos, porém, como dividir dessa fórma 35 camelos, pois, a metade de 35 é 17 e meio! Como fazer a partilha, se a terca parte e a nona parte de 35, tambem não são exactas?

— E' muito simples — replicou o "Homem que calculava" — Encarrego-me de fazer, com justiça, essa divisão, se permitirem que eu junte aos 35 camelos da heranca, este bello animal que em boa hora, aqui nos trouxe!

Neste ponto, procurei intervir na questão.

— Não posso consentir em semelhante loucura! Como poderíamos concluir a viagem, se ficássemos sem o nosso camelo?

— Não te preoccupes com o resultado, ó "bagdaly"! — replicou-me em voz baixa o "Homem que calculava". — Sei muito bem o que estou fazendo. Cede-me o teu camelo e verás no fim a que conclusão quero chegar.

Foi tal o tom de seguranca com que elle falou, que não tive duvidas em entregar-lhe o meu bello "jamal" que, immediata-

mente, foi reunido aos 35 que ali estavam, para serem repartidos pelos tres herdeltros.

— Vou agora — disse elle, dirigindo-se aos tres irmãos — fazer a divisão justa dos camelos que são agora, como vêm, em numero de 36.

E, voltando-se para o mais velho dos irmãos, assim falou:

— Devias receber, meu amigo, a metade de 35, isto é, 17 e meio. Receberás a metade de 36 e portanto, 18. Nada tens que reclamar, pois saíste lucrando bastante na divisão!

E voltando-se para o segundo mahometano, continuou:

— E tu, Hamed Namir, devias receber um terço de 35, isto é, 11 e pouco. Vaes receber um terço de 36, isto é, 12. Não poderás protestar, pois, também, saíste com visível lucro na transacção.

E ao mais moço:

— E tu, joven Hasim Namir, segundo a vontade de teu pae, devias receber uma nona parte de 35, isto é, 3 e tanto. Vaes receber uma nona parte de 36, isto é, 4. O teu lucro foi, igualmente, notavel. Só tens que agradecer-me pelo resultado!

E o "Homem que calculava" concluiu:

— Pela vantajosa divisão feita entre os irmãos Namir — partilha em que todos tres saíram lucrando — couberam 18 camelos ao primeiro, 12 ao segundo e 4 ao terceiro, o que dá um resultado (18 mais 12 mais 4) de 34 camelos. Dos 36 camelos, sobram, portanto, 2. Um pertence, como sabem, ao "bagdaly", meu amigo e companheiro; o outro cabe por direito a mim, por ter resolvido, a contento de todos, o complicado problema da herança!

— Sois intelligente, ó estrangeiro! — exclamou o mais velho dos tres irmãos. — Accitamos a vossa partilha na certeza de que ella foi feita com justiça e equidade!

O "Homem que calculava" tomou logo posse de um dos mais bellos "jamales" do grupo e disse-me, entregando-me pela rédea o animal que me pertencia:

— Poderás agora, meu amigo, continuar a viagem no teu camelo manso e seguro! Tenho já outro especialmente para mim!

E continuámos a nossa jornada para

Tres dias depois, quando nos aproximavamos de uma pequena aldeia — denominada "Lazzakka" — encontrámos, caído na estrada, um pobre viajante roto e ferido.

Soccorremos o infeliz e delle proprio ouvimos o relato de sua singular aventura.

Chamava-se Salen Nasair e era um dos mais ricos mercadores de Bagdad. Ao regressar, poucos dias antes de Bassora, com uma grande caravana, fôra naquelle logar atacado por um bando terrível de nomades persas do deserto. A caravana foi saqueada e quase todos os homens pereceram nas mãos dos beduinos. Elle — o chefe — conseguira milagrosamente escapar, occulto na areia, entre os cadaveres dos seus escravos!

E, ao concluir a narrativa de sua desgraça, perguntou-nos com voz angustiosa:

— Traseis, agora, ó mussulmano! — alguma coisa que se possa comer? Estou quase a morrer de fome!

— Tenho tres pães! — respondi.

— Tenho ainda cinco! — ajuntou a meu lado, o "Homem que calculava".

— Pois bem — respondeu o cheik. — Juntemos esses 8 pães e façamos uma sociedade unica. Quando chegar a Bagdad, prometto pagar com 8 moedas de ouro o pão que comer!

Assim fizemos. No dia seguinte, ao cair da tarde, chegámos a Bagdad.

Quando atravessavamos uma praça, encontrámos um rico cortejo. Na frente marchava, em garboso alarão, o poderoso grão-vizir, Dammak Ali Takbou, amigo e confidente do califa.

O grão-vizir, ao visitar o cheik Salem Nasair em nossa companhia, chamou-o e fazendo parar a sua poderosa guarda, perguntou-lhe:

— Que te aconteceu, ó meu amigo? Por que te vejo chegar a Bagdad, roto e maltrapilho, em companhia de dois homens que não conheço?

O desventurado cheik narrou, minuciosamente, ao poderoso ministro tudo o que lhe occorrera em caminho, fazendo a nosso respeito os maiores elogios.

— Paga sem perda de tempo esses dois forasteiros — ordenou-lhe o grão-vizir. E

tirando de sua bolsa 8 moedas de ouro, entregou-as a Salem Nasair.

Feito o que, ajuntou:

— Quero levar-te agora mesmo ao palacio, pois, o Emir dos Crentes deseja, com certeza, ser informado da nova affronta que os bandidos e beduinos nos fizeram, atacando uma caravana de Bagdad!

O rico Salem Nasair, disse-nos, então:

— Vou deixar-vos, meus amigos. Quero antes, porém, agradecer o grande auxilio que hontem recebi de vós. E para cumprir a palavra dada, vou pagar agora, com 8 dinares de ouro, o pão que generosamente me destes!

E dirigindo-se ao "Homem que calculava", disse-lhe:

— Vaes receber, pelos cinco pães, cinco moedas!

E voltando-se para mim, concluiu:

— E tu, ó "bagdaly"! pelos tres pães, vaes receber tres moedas!

Com grande surpresa, o "Calculista" objectou, respeitoso:

— Perdão, ó cheik! Essa divisão pôde ser muito simples, mas não é justa! Se eu dei 5 pães, devo receber 7 moedas: o meu companheiro "bagdaly" que deu 3 pães, deve receber apenas 1 moeda!

— Por Allah! — exclamou o grão-vizir Dammak-Ali, interessado, vivamente, pelo caso. — Como justificas, ó estrangeiro! tão disparatada forma de pagar 8 pães com 8 moedas? Se contribuiste com 5 pães, porque exiges 7 moedas?

O "Homem que calculava" aproximando-se do prestigioso ministro, assim falou:

— Vou provar, ó vizir! — que a divisão das 8 moedas pela forma por mim proposta, é a mais justa e mais exacta. Quando, durante a viagem, tinhamos fome, eu tirava um pão da caixa em que estavam guardados e repartia-o em tres pedaços, comendo cada um de nós um desses pedaços. Todos os 8 pães foram, portanto, divididos em 3 pedaços. Se eu dei 5 pães, dei, é claro, 15 pedaços; se o meu companheiro deu 3 pães, contribuiu com 9 pedaços. Houve, assim, um total de 24 pedaços.

Desses 24 pedaços, cada um de nós comeu 8. Ora, se eu dos 15 pedaços que dei, comi 8, dei na realidade 7; o meu companheiro deu, como disse, 9 pedaços e comeu, tambem, 8, logo deu apenas 1. Os 7 que eu dei, com 1 que o "bagdaly" deu, foram os 8 que couberam ao cheik Salem Nasair. Logo, é justo que eu reciba 7 moedas e o meu companheiro, receba apenas 1.

O grão-vizir, depois de fazer os maiores elogios ao "Homem que calculava", ordenou que lhe fossem entregues 7 moedas, pois, a mim me cabia, apenas, por direito, uma.

— Essa divisão — replicou o Calculista — conforme provei, é mathematicamente justa, mas não é perfeita aos olhos de Deus!

E tomando as 8 moedas na mão, dividiu-as em dois grupos iguaes, de 4 cada um. Deu-me um dos grupos, guardando para elle, o outro.

— Este homem é extraordinario! — exclamou o grão-vizir. — Além de me parecer um grande sabio, habilissimo nos calculos e na Arithmetica, é bom para o amigo e generoso para o companheiro. Tomo-te hoje mesmo, ó eximio Mathematico, para meu secretario.

— Poderoso Vizir — responde: o "Homem que calculava" — vejo que acabaes de fazer em 36 palavras, com um total de 177 letras, o maior elogio que ouvi em minha vida, quando eu, para agradecer-vos, sou forçado a empregar 72 palavras nas quaes figuram nada menos de 354 letras. O dobro precisamente! Que Allah vos abençoe e vos proteja!

Com taes palavras o "Homem que calculava" deixou a todos nós maravilhados de sua argucia e do seu invejavel talento de calculista.

Com a Generosidade e a Riqueza, pôde o homem deslumbrar os seus semelhantes; mas com o Talento e com a Sciencia pôde dominar o mundo!

MALBA TAHAN.

(D'O Jornal — Rio 7-7-29.)

O BRASIL NAS ESCOLAS FRANCESAS

No seu numero de março deste anno a revista parisiense "Courrier des Examens de l'Enseignement Primaire", informa que para as provas do 1º anno de Historia e Geographia, uma das 6 questões dadas a dissertação foi esta:

— Qual o país da America do Sul a quem se pode chamar de "Rei do Café"?

Quaes os seus principaes fregueses?

As respostas foram bem avisadas:

— E' o Brasil, pois só elle produziu 2/3 da producção mundial: é assim o maior productor, isto é, é o "Rei do Café".

— Os seus maiores clientes são os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

CINEMA FALADO, INVENÇÃO BRASILEIRA

No Brasil não faltam idéas. Nem genio. Nem mesmo capacidade individual para os grandes empreendimentos. Ao contrario, sobra-nos esse idealismo que tem feito de nós um povo exclusivamente theorico e que justamente por isso nenhuma realidade pratica nos vem trazendo, fóra do ramerrão habitual das coisas. Porque nos faltam iniciativa e estímulo. E, sobretudo, confiança em nós mesmos.

Daqui saíram Bartholomeu de Gusmão e Dumont para brilharem lá fóra, com os seus genios criadores. Sem duvida, sentiram aqui essa falta de estímulo do proprio povo e dos poderes publicos. Mas não lhes faltou iniciativa, e hoje já se pode reivindicar para o Brasil a primazia na descoberta da navegação aerea, embora os irmãos Whight sejam endeusados na America do Norte como os precursores da invenção.

Aqui, tambem, o padre Azevedo inventou uma machina de escrever. E, tanta confiança tinha em si mesmo e nos outros que, por exceder-se na ultima, terminou os seus dias mysteriosamente.

E vae, assim, um sem numero de invenções e descobertas—algumas poucas aproveitadas aqui mesmo, mas quase todas servindo aos capitaes estrangeiros.

Não me consta que já tenhamos fabricado algum aeroplano ou qualquer machina de escrever. Antes, sei que os importamos sobrecarregados de direitos e nos vamos, pacatamente, acostumando a esse regime de desprezar a industria e as iniciativas nacionaes. A iniciativa brasileira só cabe na nossa alma, quando vem de outras plagas, rotulada com a procedencia de Pa-

ris ou de Nova York. Foi assim com Santos Dumont e Augusto Severo. Foi assim com o "Sampaio Corrêa" e o "Jahú". E foi assim, tambem, agora, com a invenção do cinema falado.

Pois não sabem que o cinema falado é de invenção brasileira?

E' o que diz o sr. Castellar de Linhares, no ultimo numero de "Cinearte". O articulista affirma, arguindo o testemunho de "Le Journal" de Paris, que em 1897 o nosso patricio Oswaldo Coutinho de Faria experimentava na grande cidade o seu "kinetophone" e maravilhava o povo franceês com esse "engenhoso e complicado mecanismo que liga os dois aparelhos — phonographo e cinematographo — do modo mais estreito, mecanismo inteiramente da sua invenção e que se adapta a numerosas combinações e applicações do systema." Como se vê, isso é o mesmo processo que a Warner Brothers lançou na America do Norte com o nome de "vitaphone" e que animou o sr. De Forrest a conseguir a maravilhosa reproducção do som photographado na pellicula com a imagem, pelo systema "movietone".

Estamos mais uma vez de testa com os inventores norte-americanos... Já não são apenas a França e a Belgica a exigirem para Lumière e Plateau a gloria da invenção do cinema, que hoje se procura attribuir exclusivamente ao sr. Edison. E' tambem o Brasil, com o cinema falado. E os srs. Warner, que têm a exclusividade do invento, não hão de concordar em conceder ao sr. Coutinho de Faria a mesma gloria

que os franceses já immortalizaram no bronze para Santos Dumont. Preferem assumir, por lá, a paternidade da coisa, e nós nos contentamos em possuir apenas o "pae da aviação", mesmo discutido, porque a investigação da paternidade é sempre uma coisa desagradavel e inconveniente.

Em tudo, só ha motivos para nos felicitarmos. A optica, "a sciencia dos milagres", como a classificava Descartes ha mais de 300 annos, estava destinada a essa

phase de maravilhas. E o que temos visto dentro de um anno, com o cinema falado — desde o "sound track" na pellicula é outra dimensão que já se introduziu no cinema com os "wide films" — é o sufficiente para a gente nem poder, ao menos, imaginar o que se vae ter dentro de mais 10 annos.

NEHEMIAS GUEIROS.

De *Critica*—Recife—N. 11—31-8-29.



CONSULTAS & PARECERES

HERBARTIANO

Sr. Redactor: Acabo de ver a nossa "Revista de Ensino" no seu n. 16, que está bom na altura.

Na nossa literatura pedagogica, podeis ficar certo, a "Revista de Ensino" só não sobrepuja a "Educação", órgão da Directoria Geral da Instrução Publica do Estado de S. Paulo.

Porém das revistas que conheço no genero em todo o pais a de Alagoas está sempre na primeira linha, honrando as nossas boas letras, o nosso magisterio, as nossas artes graphicas e especialmente o Dr. Adalberto Marroquim, preclaro fundador do nosso excellente bimensario. Mas não é isso que me trás á vossa presença.

Lendo o trabalho do Dr. Afranio Peixoto (*A Educação nacional—Aspectos masculinos*), vejo á pagina 6 da "Revista": "Foi o programma herbartiano, da educação pela instrução."

Herbartiano? Não teria sido erro da revisão, em vez de "herbertiano"? de *Herbert*, Herbert Spencer?

Esse philosopho inglés escreveu uma obra notavel sobre a Educação... Mas procurando nella algum passo que lembrasse a expressão do eminente professor do "Ensinar a ensinar", nada pude achar que me satisfizesse. Perguntei ás collegas do meu Grupo: nada pudemos decidir.

Resolvi traser-vos esta consulta.

Grata sou a vossa collega — *Maria das Mercês*.

Herbartiano nada tem que ver com Herbert Spencer; não se trata de erro de revisão. "Herbartiano" deriva de *Herbart*, João Frederico Herbart, philosopho alemão, nasci-

do em Oldenburgo a 4 de maio de 1776.

Da Universidade de Iena que cursava passou-se para a Suíça, como preceptor dos filhos de um fidalgo de Berna. Os relatorios que apresentava ao pae de seus alumnos eram verdadeiras monographias sobre educação. Tinha então 20 annos apenas. Ahi conheceu Pestalozzi, de quem, graças ao seu entusiasmo pela obra do genio de Zurich, foi o verdadeiro continuador, na Alemanha.

De volta da Suíça escreveu as "Idéas dum programma para os estudos superiores", em que elle assignalou como verdadeira finalidade da educação "a formação do coração e do character". Escreveu tambem a mais importante de suas obras, a *Pedagogia geral, deduzida do fim da educação*, cuja influencia nos meios educacionaes foi extraordinaria, pois aconselhava na formação do character da criança a maior liberdade de movimento, corrigindo-se as tendencias pela evangelização imperceptível da virtude — que deve ser uma conquista natural, uma aquisição espontanea da propria criança, pelo estimulo suave da sua propria natureza.

Herbart foi quem primeiro systematizou a pedagogia e estabeleceu o principio da educação pela instrução, isto é, o ensino educativo.

No terreno pratico da arte delicada e complexa de ensinar, o methodo de Herbart consiste principalmente em exigir do professor as qualidades classicas e excepcionaes do verdadeiro predestinado, isto é, amor á infancia, devotamento e entusiasmo pela sua profissão, de sorte que o pedagogo se faça mais adivinhar do que obedecer, procurando descobrir as sympathias e solicitações da criança, antes que infun-

dir-lhe preconceitos e modos que ella não pode discernir.

O ensino deve solicitar a attenção do alumno por meios intuitivos. Esta prepara a percepção, que é a força criadora da intelligencia.

O nome de Herbart está no indice dos precursores da pedagogia moderna.

—:X:—

DONDE ERA COLOMBO?

Sr. Redactor:

Ouvi a um illustre professor de Geographia dizer que era injustiça chamar-se *America* ao continente descoberto pelo "genial genovês", em vez de *Colombia*.

O nome dessa republica devia ser o de todo o Novo Mundo, pois Americo Vespucio não fez mais do que o grande e malgrado almirante.

Mas eu já li, não me lembro onde, que o "genial genovês" era espanhol.

Que me diz V. S. a esse respeito?

Nildo de Souza (da Academia de Sciencias Commerciaes de Alagoas).

— A consulta de Nildo de Souza exige dous pareceres. Primeiro, o nome de Vespucio nada tem que ver com a *America*; segundo, a nacionalidade de Colombo não é um problema de tão facil solução como á simples vista pode parecer.

Satisfazemos, por agora, a curiosidade do consulente quanto ao ponto principal de sua consulta, sobre se o "genial genovês" era genovês mesmo. Deixaremos para o proximo numero a disquisição da palavra *America*. E ainda poderíamos adduzir um terceiro parecer, quanto á genialidade do celebre navegador, porque já a critica historica faz restricções formidaveis ao alcance personalissimo do genio nautico de Colombo.

Os compendios de Historia Universal, ao tratarem ou das grandes

invenções, entre as quaes a bussola, que alargou maravilhosamente os horizontes da navegação, ou ao tratarem do commercio maritimo da idade media, falam no descobrimento da America a 12 de outubro de 1492, por Christovão Colombo, *genovês*, a serviço dos reis de Espanha...

Os compendios de Historia do Brasil tambem, no capitulo do nosso descobrimento por Pedro Alvares Cabral, falam no celebrado marujo de Genova...

Os geographos batem na mesma tecla, quando chegam á citação do nome do predestinado.

Mas a Historia é humana. Diz e desdiz.

Se fosse divina ou sobrenatural, de pura revelação imponderavel, como a queria Mathias Aires, o excepcional classico paulista, os seus julgamentos seriam inappellaveis: eram veredictos absolutos, que passavam em julgado, como instancia unica e definitiva, num consenso unanime e fatal.

Não o é, porém.

Descoberto o Novo Mundo, Colombo passou a homem representativo: entre almirante e vice-Rei, a sua fama de navegador cresceu á genialidade.

O aventureiro que D. João II, o Principe Perfeito de Portugal, não quis levar a serio, não o fazendo nem vice-Rei nem almirante, teve em fervorosa competição o proprio logar de nascimento.

Nada menos de sete cidades, como as outras tantas que disputaram a gloria de ser o berso de Homero, se arrebellaram em tomar para si a honra de ter dado ao heroe as auras nativas.

E' o que nos conta seu filho e biographo, Hernan Colon, na *Vida del Almirante Don Cristobal Colon*:

"...dicen que fué de Nervi, otros de Cugureo, otros de Buggiasco, logarcillos cerca de Genova, y situados en su ribera; otros que quisieron exaltarle mas, dicen és de Saona, y otros, genevês, y algunos tambien saltando

mas sobre el viento lo hacen natural de Plascencia."

Apesar disso, o que está generalizado pelo ensino systematico dos compendios é que elle é de facto genovês.

— Não é, diz D. Celso Garcia de La Riega no seu livro *Colon Español*: e confirma-o o Dr. Enrique Maria de Arribas y Turull, numa estrondosa conferencia na Sociedade de Geographia de Lisboa em abril de 1914: Cristovão Colombo é gallego, natural de Pontevedra!

Essa moderna theoria da naturalidade espanhola de Colombo apparece, cremos, pela primeira vez, num artigo do citado D. Celso Garcia de La Riega, publicado em "La Ilustracion Española y Americana" de 8 de janeiro de 1902, sobre *Cristobal Colon y Fonterosa*.

Essa *Fonterosa*, diz o dr. Turull ser a mãe de Colombo. Mas sabe-se que foram os modernos genealogistas italianos que, havendo descoberto uma Suzana *Fontanarrossa*, casada com certo Domenico Colombo, a tomaram como mãe do heroe.

Singular e chocante, essa theoria ganhou terreno na opinião dos historiadores, porque, dizia o seu autor, se baseava em documentos irrefragaveis.

Esses documentos, informou o conferencista da Sociedade de Geographia de Lisboa, datavam de 1413, e delles constavam authenticamente os irmãos, os filhos e até o proprio pae e mãe do genial... gallego de Pontevedra.

Entretanto, outras theorias ainda appareceram, controvertendo a possivel verdade daquelles pergaminhos.

Em 9 de outubro de 1928 *O Jornal do Rio* publicava o seguinte telegramma de Lisboa, 8: (U. P.) — O "Diario de Noticias" publica um telegramma de Guadalupe, dizendo que o almirante espanhol Adriano Sanchez affirma terem sido descobertos a sepultura e os restos mor-

lando tambem os locais exactos de seu nascimento e da sua morte.

Infelizmente o telegramma não diz logo quaes eram esses locais.

Mas, sem duvida, não eram Pontevedra, na Galliza: Pontevedra é uma cousa, Guadalupe é outra.

Agora, o mesmo jornal de 10 de outubro corrente trás outra novidade: um historiador italiano descobriu na bibliotheca do Vaticano um documento do seculo XVI que dá Colombo nascido em Cogoleto, e toda a sua descendencia originaria de Savona, na Liguria, Italia.

Fernando Colombo falava em *Savona*, que é a mesma Savona desse documento telegraphico.

Todavia nem Cogoleto nem Savona nem Liguria têm importancia, porque não podem constituir principio de argumentação esses vagos constas pelo telegrapho.

Voltemos a Pontevedra e reduzamos a nada a nacionalidade espanhola de Colombo.

— Colombo é portuguez, sim, senhor!

Dí-lo o notavel historiador luso Patrocínio Ribeiro na sua importante obra **A NACIONALIDADE PORTUGUESA DE COLOMBO** — Livraria Renascença, Joaquim Cardoso, Lisboa, 27—Ria dos Poiaes de S. Bento, 29 — 1927.

Patrocínio Ribeiro não é muito conhecido entre nós. Mas foi um erudito consciencioso e exacto, apaixonado pelas suas verdades, que eram sempre verdadeiras: attestavam-nas os documentos inconcussos em que se escudava.

Foi socio da Academia de Sciencias de Portugal e da Associação dos Archeologos Portugueses.

Entre os seus trabalhos de mais largo folego critico nota-se:

— O caracter mysterioso de Colombo e o problema de sua nacionalidade (monographia);

— A verdadeira "Celia" de Sá de Miranda: nessa monographia o historiographo prova que *Celia* era a celebre poetisa Victoria Colonna

(Marguesa de Pescara) e não, como affirmava Theophilo Braga, Isabel Freire;

— A bem-amada de Bernardim Ribeiro e as personagens secundarias da "Menina e Moça", — e mais umas 15 monographias sobre epigraphia, philologia e historia que, na maior parte só conhecidas de raros, poderiam ter-lhe dado maior estima entre os estudiosos. Mas viveu obscuro, não era bacharel, foi simples escripturario da Camara Municipal de Lisboa. O seu saber, porém, era de primeira ordem, soffrego e insaciavel autodidacta que era.

Damos summariamente as razões desse historiador, quanto á nacionalidade portuguesa de Colombo:

I — Garcia de La Riega que Arribas y Turull tanto enalteceu na Sociedade de Geographia de Lisboa, como sendo notavel paleographo espanico, é nada menos que um falsario. "Nos manuscritos antiquissimos de Pontevedra elle raspou, modificou, substituiu o que muito bem quis para dar vulto á sua theoria da naturalidade espanhola de Colombo. (*Op. cit.* p. 26).

II — "El libro *Colon Español* en que este tema se expone no és más que una pobre ficcion, una supercheria, que solo por la dañesca a la cultura regional, merece ser desemuascarada para aviso de los unos y ridiculisada para exemplo de los otros". — *Cfr. Boletim da Real Academia Galega da Corunha* n. 122, anno XII, 1 de out. de 1917 — artigo de Oviedo y Arce, conhecidissimo epigraphista espanhol.

III — Não conseguindo Colombo que D. João II o fizesse almirante e vice-Rei das terras que se propunha descobrir no Atlantico occidental, fez-se conspirador contra o Principe Perfeito, porque este mandára Fernão Dulmo (1483) tentar a descoberta das phantasticas ilhas das sete

imaginava ficassem naquelle rumo. A conjuração foi descoberta. D. Fernando, duque de Bragança, que promettera ajudar a Colombo, logo que realizasse os seus fins, foi executado em Evora, no mesmo anno, como chefe da conjura. No anno seguinte, nova conspiração contra D. João II, e Colombo está tambem entre os conspiradores. Mas o Principe Perfeito era um homem: apunhala elle proprio ao duque de Vizeu (Andeiro), chefe dos conjurados. Prisões. Execuções. Fugas. Colombo fugiu. Fugiu e mudou de nome, "fazendo-se passar por genovés, auxiliado um tanto pelo seu physico de homem de tez rosada e cabello louro..." (*Op. cit.* p. 33/35).

IV — Foragido dous annos na Andaluzia, em casa do duque de Medinaceli, escreve a D. João II uma carta (que se perdeu), á qual responde o rei com excellentes disposições para perdô-lo, não como a genovés, mas a um vassallo seu que residia no estrangeiro com receio de sua justiça. Dizia D. João: "...Vimos a carta que nos escrevestes e a boa vontade e afeição que por ella mostraes terdes a nosso serviço. Vos agradecemos muito... E porque por ventura teres algum receo das nossas justiçaes por razam dalgumas cousas a que sejaaes obrigado. Nós por esta nossa Carta vos seguramos pella vinda, estada, e tornada, que não sejaaes preso, teudo, acusado, citado, nem demandado por nenhuma cousa, ora que seja civil ou crime, de qualquer qualidade..." (*Op. cit.* p. 35/6).

V — O celebre cosmographo florentino Paulo Toscanelli, na sua famosa carta de 1474 a Colombo, chama-lhe portugûes, louvado nas informações que lhe prestára o seu compatriota Giralaldi que lhe

recommendará o arrojado navegador. Isso, conquanto prove pouco, não se pode dizer que não prove nada. (*Op. cit.* p.)

- VI — Descoberta a America, Colombo foi feito almirante dos mares que navegara e vice-Rei das terras que descobrira, sendo-lhe concedido usar a particula *don* antes do nome, em signal de nobreza, e acrescentado o seu brasão d'armas. Na carta de Provisão com que Isabel, a catholica, lhe concede esses favores, faz a rainha menção das armas de Colombo: *las armas vuestras que sabiades tener...* Essas armas eram um escudo com 5 ancoras dispostas da mesma maneira que as *quinas* dos 5 escudetes da bandeira de Portugal. Parece, diz o nosso historiador, que por esta maneira graphico-symbolica o mysterioso nauta, que tão ciosamente escondia em Espanha a sua vida preterita, pretendeu soerguer um pouquinho o véo com que occultava a sua verdadeira nacionalidade lusitana... Esse numero symbolico das *cinco* ancoras — em confronto com as *cinco* quinas e com os *cinco* escudetes da gloriosa bandeira portuguesa — revela o mysterio. Só um portuguez, conclue P. Ribeiro, buscaria uma analogia symbolica com o pavilhão epico das quinas. (*Op. cit.* p. 51|2).

- VII — O nome espanhol de Colombo é *Cristobal de Colon*. Mas, antes do descobrimento, elle era simplesmente *Christoferens Colus* ou, traduzindo em portuguez, CRISTOVAM DE COLOS. Colos é uma povoação portuguesa, da provincia do Alentejo; villa antiquissima, de fundação romana, districto de Beja, concelho e comarca de Odemira. Foi ahí que nasceu o audaz navegador. No tempo de Colombo era vulgarissimo empregar-se, logo em se-

gnação local da naturalidade: Diogo de Azambuja, João de Santarem, Gonçalo de Sintra, Pedro de Alenquer, Ayres de Almada, Pero da Covilhã. (*Op. cit.* p. 67.)

- VIII — Quando os ingratos espanhões começaram a desprestigiá-lo e a persegui-lo, não lhe permitindo desembarcar nas ilhas que descobrira para elles: quando, naufragando na Jamaica, pede soccorro e viveres ao governador e este, muito rogado, por ironia e por odio religioso, certo de que Colombo era marra-no ou perro (judeu), lhe manda um porco pequeno (animal imundo entre os israelitas) e um barril de vinho, recommendando ao portador que largasse aquillo na praia, para não ter communicação nenhuma com o desventurado nauta: Colombo escreveu melancolicamente no seu *Diario*, referindo-se a si proprio: "O que te está succedendo agora é a recompensa dos serviços que prestaste a outros amos".

Outros amos, infere o historiador, são os reis de Castella, porque o seu verdadeiro amo era o rei de Portugal. (*Op. cit.* p. 44|5).

Ha ainda outras razões que Patrocínio Ribeiro desenvolve minuciosamente.

Mas isto já está demasiado longo e sufficientemente suggestivo para uma idéa geral de Colombo portuguez, a serviço de Espanha, como Magalhães, Falleiro, João Serrão, Duarte Barbosa e outros.

—o—

AGOUT - AGOSTO

Sr. Redactor:

Um desses dias arenguei com um collega por causa da pronuncia de *août*, em portuguez *agosto*.

Eu dizia que era *u*: o collega que

au, porque, accrescentava elle, o *a* se pronunciava: era uma prova de resistencia da palavra.

Como não sei que resistencia é essa, desejo que v. s. me esclareça. E qual a original dessa palavra?

Mauro Lopes, preparatoriano do Lyceu.

— O *a* de *août* não se pronuncia, exactamente porque não tem resistencia.

Août é o latim *augustus*. Caindo o *g*, como consoante media, o primeiro *u* junto de *a* tornou-se *o*. E' regra pratica de prosodia franceza que *au* vale *ó*: *landau* (pr. *landô*); essa regra inspira-se na redução phonetica, fatal nos encontros vocalicos: *aurum—or* (ouro).

Em *août* o *o* juntou-se depois ao *â*, como semivogal, formando o grupo vocalico *ou* que vale *u*; e juntou-se a *â*, porque este, em virtude do seu accento circumflexo (signal de reforço, pela suppressão do *s* de *august...*), ficou mais forte que *o*, e os accentos são preponderantes em phonetica.

O *a* de *août* tende a desaparecer

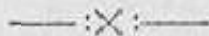
da escripta; é apenas uma letra etymologica, pura expressão reminiscente do *a* de *augustus*.

O nosso mês de *agosto* chamava-se *sextilis* entre os romanos. Augusto deu-lhe seu nome, porque nesse mês foi eleito consul; nesse mês recebeu pela terceira vez as honras do triumpho; que se tornou senhor do Egypto; que pôs termo á guerra civil. Foi para elle um mês camara-da. O anno romano tinha apenas 10 meses. Depois de Augusto passou a 12, com o accrescimento de *julho* (em lembrança de *Julius Cesar*) e do seu mês. Voltaire achava horrivel esse nome de *août*; só escrevia *Auguste*. E o sabio P. Larousse lamentava que o grande escriptor não fosse imitado nessa bem avisada sympathia á forma integral e pura do etymo. São palavras suas: "*Auguste* seria preferivel a *août*, palavra pouco harmoniosa na expressão *mi-août*, e acabaria com as difficuldades relativas á pronuncia dessa palavra e de seus derivados, com a qual niuguem estaria de accordo talvez nunca." (*Jardin des radices latines*—p. 266).

NOTICIARIO

Concurso de Professores

Reproduz-se neste numero o programma do concurso regulamentar para os profissionais da 1ª, 2ª e 3ª entrancias do nosso magisterio primario, por ter saído na nossa edição anterior como para 1929, em vez de 1930.



Themas em concurso

Registramos com prazer a attenção que logrou despertar entre o nosso professorado a iniciativa desta "Revista" das dissertações pedagogicas em concurso.

Já recebemos duas respostas ao thema proposto no nosso numero passado: uma assignada pelas iniciaes S. C. B. e a outra assignada por M. S., ambas, segundo declaração dos seus autores, de membros do nosso magisterio.

A direcção da "Revista" convidou o Sr. Desembargador Dr. Augusto Galvão, director da Academia de Sciencias Commercias de Alagoas, para compôr a Commissão julgadora dos trabalhos apresentados, juntamente com o Prof. Auryno Maciel, nosso redactor-chefe, sob a presidencia do Dr. Sidronio Augusto de Santa Maria, director do Departamento Geral da Instrucção Publica.

No nosso n. 18 daremos o resultado desse primeiro certame, que se encerrará a 30 do proximo mês de novembro.



O que se pensava da luz electrica

Este mês de outubro passou o quinquagesimo anniversario da

lampada electrica, que data de 21 de outubro de 1879.

Apesar disso, o grande Edison, um anno antes de fazer o publico maravilhar-se com o seu invento, já estava certo do estupendo surto que a electricidade viria trazer á vida moderna.

A um reporter do *New York Sun* (Sol de Nova York), de 16 de setembro de 1878, Thomás A. Edison concedia uma entrevista sensacional, da qual se destacam estes topicos mais escandalosos:

"Quando o brilho da luz electrica e a modicidade do seu preço se tornarem conhecidos do publico — o que se verificará dentro de poucas semanas, após me ser possivel proteger melhor o invento — a illuminação a gaz será abolida.

Com a energia electrica poder-se-á fazer funcionar o elevador, a machina de costura ou qualquer outro apparelho mecanico que exigir um motor, por meio do qual se poderá até cozinhar os alimentos."

Entretanto, um anno depois dessa entrevista, outro jornal novyorkino criticava acerbamente o *New York Sun* por haverem os confrades publicado tal noticia, "espalhafatosa e inverosimil", acrescentando:

"Tornastes ridiculo o vosso jornal, dando guarida a tal conto da carochinha".

Hoje, as revelações do veneravel genio da electricidade parecem até muito reservadas.

Não falou nos ferros de engommar; nas panellas que apitam, sobre fogões electricos, cozinhando sem cozinheira; nas innumeradas machinas de imprimir—linotypos, monotypos, estereotypos, nas formidaveis *Womag* que dão os jornaes inteiros, impressos com photographias, dobrados e contados para as mãos dos gazeteiros; nas vitrolas, radiolas e no cinema falado...

A Reforma do actual Calendario

Parece que foram os egypcios que primeiro instituíram o calendario, a primeira medida do tempo. Fizeram o anno de 365 dias. E cada Pharaó que subia ao throno jurava a inviolabilidade do calendario.

Com o correr do tempo, os sacerdotes reconheceram que no fim dos 365 dias o sol ainda não tinha attingido ao ponto de partida: faltava ainda um quarto de dia mais ou menos.

Resolveram, por isso, de 4 em 4 annos contar 366 dias, guardando, porém, segredo dessa alteração, porque os Pharaós tinham como sagrado o calendario.

Julio Cesar, em Roma, adoptou oficialmente essa modificação, fez um anno de 445 dias e mandou acrescentar um dia a fevereiro de 4 em 4 annos. Foi por isso accusado de tyranno por Cicero.

O mais admiravel foi que 18 seculos mais tarde, lord Chesterfield, na cultissima Inglaterra, ao realizar essa velha e necessaria reforma, supprimindo um mês ao anno em que a realizou, teve o seu carro apedrejado. O povo gritava-lhe:

— Restitue-nos o tempo que nos roubaste!

O papa Gregorio XIII introduziu em 1582 a ultima reforma do calendario, que nos serve.

A reforma da nossa actual medida do tempo é assumpto charro desde 1922, quando a Camara de Comercio dos Estados Unidos e a Seção Americana da Camara de Comercio internacional consideraram a urgencia da simplificação do calendario e pediram á Liga das Nações providencias relativas.

A Liga tomou conta da reforma e hoje todo o mundo sabe que:

- vamos ter o anno de 13 meses;
- os meses terão todos 28 dias;
- acaba-se a anarchia de mês de 20 dias, de 31 dias;

— as semanas continuam em numero de 4 para cada mês;

— os dias tambem continuam em numero de 7 para cada semana.

Essa simplificação é de grande alcance pratico.

Se o Conselho Nacional do Trabalho fosse uma repartição onde, de facto, se trabalhasse, seria o caso de lhe darmos parabens, em virtude do formidavel allivio que essa reforma vinha trazer-lhe.

Mas o nosso Conselho Nacional do Trabalho não trabalha, graças a Deus.

Basta saber que a *Lei de ferias* anda pelos Estados esfrangalhada, morrendo de ridiculo, e o Conselho dorme.

Nas fabricas e nas usinas, onde se trabalha mesmo, nas delegacias do Thesouro Nacional, nos Thesouros Estaduaes, nos Bancos, onde se contam salarios, ordenados, pensões, juros de apolices, de contas-correntes, de descontos, o comprimento desigual dos nossos actuaes meses, trimestres e semestres causa uma confusão tremenda, porque é preciso considerar sempre o anno civil de 365 dias e o anno commercial de 360 dias.

Nos Estados Unidos uma estatistica habil apurou que, por meio da simplificação do actual calendario, seriam automaticamente libertados um milhão de dollares, aproximadamente, na nossa moeda,..... 8.500.000:000\$000, com a economia do tempo applicado noutros mistéres.

Os reformadores norte-americanos querem fazer distribuir todos os feriados pelas segundas-feiras, prolongando assim as horas de descanso em beneficio dos trabalhadores.

Pela reforma, do ponto de vista yanque, que parece ser o vencedor, os ultimos 13 dias de junho e os primeiros 15 de julho constituirão o novo mês.

Dizemos do ponto de vista yanque; mas é preciso recordar que a inspiração do anno de 13 meses com 28 dias e as mesmas 4 semanas de sete

dias é de Augusto Comte, ao pensar o insigne genio francês no seu Calendario Positivista.

A data provavel para a fixação da reforma é o anno de 1933, em que o dia 1 de janeiro, que o plano reformista americano quer que se fixe como o "domingo da Resurreição", cae, de facto, num domingo.

Nesse anno, o primeiro dia, a primeira semana, o primeiro mês, até o primeiro minuto e o primeiro segundo começarão juntos.

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabado
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28

Com esse mês-padrão de 28 dias, os relógios poderiam tornar-se registradores perfeitos e completos do tempo, marcando do mesmo passo a hora, a data, a semana, o mês, com tal simplicidade que poderiam levar o capricho da sua medida até ao mínimo dos segundos e ao máximo dos annos, para não irem até á consumação dos seculos.

Uma pergunta que acudirá certamente aos curiosos: qual será o nome do novo mês?

Ninguem cogitou ainda do notavel contemporaneo que verá o nome celebrado por todo o mundo.

—:X:—

Dr. Adalberto Marroquim

Com o anniversario natalicio do Exmo. Sr. Dr. Adalberto Marroquim abre a "Revista de Ensino" alegremente as suas columnas para felicitar o illustre homem publico, que é um dos mais preclaros elementos com que conta o governo do Estado para seu prestigio.

Occupando hoje a pasta do Interior, superintendendo, portanto, os arduos negocios da Justiça e da Instrução, S. Excia. tornou-se pelos onus do cargo o arbitro da ordem civil, sem a qual seria apenas phrase feita o signo bem avisado da "paz e prosperidade" que está no nosso escudo.

A funcção precipua dos governos é garantir a ordem, indice de cohesão politica e de harmonia na administração.

S. Excia., chefe da Secretaria que centraliza os encargos dessa norma da administração publica, é ainda, com a sua invejavel cultura, ao mesmo tempo homem de boas letras e arguto coordenador de capacidades, no interesse da mais completa eficiencia dos serviços que superintende.

A literatura que é, ás mais das vezes, dissolvente das actividades practicas, entavando com as suas ficções a obra de realizações decisivas, é em S. Excia. elemento habil de ordenação, de que é um dos testemunhos edificantes a criação do orpheão escolar das nossas normalistas, o qual nos tem offerecido festas originaes e encantadoras, como só a poucas assistimos no finado "Orpheon Clube" que, aliás, lhe deve grande contingente dos descommunes successos que obteve.

Como expressão politica, o Dr. Adalberto Marroquim tem entre nós uma biographia já bastante longa, referta de assignalados serviços prestados á administração.

Em Alagoas desde os primordios da actual situação politica, S. Excia. foi successivamente Juiz Substituto de Camaragibe, Delegado de Policia da Capital, Deputado Estadual, passando pela presidencia da Camara, Administrador da Recebedoria Central, Director da Instrução Publica. Desse ultimo cargo passou a Vice-Governador do Estado, eleito com o Exmo. Sr. Alvaro Paes, sendo, ao mesmo tempo, chamado a occupar a pasta da Justiça e Negocios

Interiores, que ainda serve.

Jornalista de grandes surtos, a imprensa local, especialmente o "Journal de Alagoas" de quem foi redactor e collaborador por muito tempo, e o "Correio da Tarde" em cuja direcção esteve na ultima phase brilhante desse extinto vespertino, guarda da sua combatividade e da sua boa ironia gaulesa sobejas e esplendidas provas.

O seu perfil de homem de letras, poeta da mais alta vibração, recompõe-se com facilidade, através dos innumeraveis e magistraes versos que tem deixado nas nossas revistas de arte, na nossa imprensa volante e ultimamente nas nossas paginas, onde o seu nome vale por uma alviçeira legenda.

Com effeito, a actual "Revista de Ensino" foi invenção sua, e ficou como reflexo da sua passagem forte pela directoria da Instrucção Publica e da nossa Escola Normal, em cujo corpo docente se inscreveu, para dar como professor *honoris causa*, o primeiro exemplo de trabalho e inaugurar a nova era pedagogica, que effectivamente inaugurou.

A literatura patricia deve-lhe a "Terra das Alagoas", obra de magnifica propaganda dos homens e das cousas de nossa terra, no que possuímos de mais artistico e mais nobre, particularmente no que concerne á cultura alagoana, de que a "pequena anthologia" — parte do seu excellente album — foi attestado frisante e de excepcional benemerencia.

Por todos esses motivos, o natalicio de S. Excia. é dia de festas entre nós.

Publicamos em seguida o Programma que o corpo docente e discente da Escola Normal preparou para homenageá-lo:

PROGRAMMA

Manhã — 7 1/2 — Missa cantada pelas alumnas da Escola Normal na Igreja Ligeira. O Dr. Manoel

Oiticica, barytono muito acclamado nas nossas festas lyricas, cantou, especialmente convidado, a *Salutaris Ostia*.

Noite—20 1/2 horas—Festa d'arte, no theatrino da Escola:

1ª. PARTE

I — *Hymno de Alagoas*.

II — *Bailado Japonês* — Haydée Silveira, Humbertina Fazio, Maria do Carmo Fernandes, Helena Ribeiro, Elba Bahia.

III — *Mandulinata a Primamati-na* — Celeste de Pereira.

IV — *A Brisa* (bailado) — Lourdes Duarte.

V — *Se eu soubesse escrever...* — Versos de Campoamor — Djanira Sousa.

VI — *Early Victoriam* (Minueto) — Renée Aboab, Coralina Gomes.

2ª. PARTE

VII — *Bailado Grego* — Haydée Silveira, Lourdes Duarte, Celina Lins, Aurea Barros, Dulce Aragão, Branca Lima.

VIII — *I Sò L'ammore!*... — Lusinth Carmo.

IX — *Hawaiianas* (Charleston) — Bernadette Jucá, Lourdes Duarte, Haydée Silveira, Judith Figueiredo, Dulce Aragão, Branca Lima.

X — *Giovinazza* — R. Donizetti — Còro a duas vozes.

XI — *Bailado Hollandês* — Bernadette Jucá, Hilda de Pereira, Judith Figueiredo, Regina Chaves.

XII — *A liga da mão direita* — Comedia em um acto — (Pinto) — Maria José Normandia: (D. Claudina) — Ramnuzia F. de Castro: (Julietta) — Deborah V. Freitas: (Conselheiro) — Albertina Athayde: (Bemvinda) — Lydia Navarro: (Felisbella) — Aurea Vieira: (Seraphim) — Gedalva R. Alencar: (Chico) — Maristella Almeida: (Chila) — Esther Barbosa: (Petronillo) — Maria José Rocha: (Vicente Junior) — Celeste de Pereira: (Pépa) — Edith Figueiredo: (Rita) — Normanda Brasil.

O dia da criança NA CAPITAL

O dia do descobrimento da America — 12 de outubro — foi igualmente consagrado, agora, o *dia da criança* ou, na expressão exacta do pensamento contemporaneo, o *dia da raça*.

Compreende-se hoje quanta razão tinha Emerson para dizer que a primeira condição para o homem dar-se bem na vida era ser "um bom animal".

O homem e a mulher tambem, porque sommam ambos, sem o sentimentalismo dulcuroso de 1830, a mesma humanidade.

E o conceito, na apparencia, paradoxal e acaso grosseiro do philosopho exprime uma verdade necessaria,

"Bom animal" chamava elle a quem possuia um cerebro bem organizado sob o controle de uma força sommatica de bastante equilibrio para fazê-lo funcionar bem.

Em 12 de outubro descobriu Colombo a America, e foi essa data que se escolheu para a festa da eugenia, centralizando-se na criança a alegria da raça, a victoria da capacidade corporal ao lado das aptidões da intelligencia para os trabalhos rhythmicos da gymnastica.

Entre nós realizou este anno o Sr. Dr. Sidronio Augusto de Santa Maria, infatigavel Director do Departamento Geral da Instrução Publica, a festa da criança com inexcédível fulgor.

A multidão excepcional que assistia á brilhante e correcta execução do programma traçado, fez justiça ao esforço com que as commissoes docentes da Escola Normal, Grupos "Diégues Junior", "Fernandes Lima", "D. Pedro II", "Thomás Espindola" e "Cincinato Pinto" fizeram do *dia da criança* um irrepreensivel successo da nova pedagogia que se põe em pratica entre

No grammado do Centro Esportivo Alagoano formaram cerca de 3.000 crianças, da Escola Normal, Grupos e das diversas escolas isoladas da capital.

O transporte da petizada foi feito em bondes e trens especiaes e automoveis, não se registrando nenhum incidente ou contratempo desagradavel nesse serviço, feito a tempo e a hora, com absoluta precisão.

Observou-se a seguinte ordem no programma:

"Serie de gymnastica a braços livres.

Serie de gymnastica com bastões.
Serie de gymnastica rhythmica.

Torneio de *basket-ball* entre as alumnas dos Grupos Escolares da capital.

O torneio foi disputado assim:

1º. jogo: — Cincinato Pinto x Diégues Junior.

2º. jogo: — Thomás Espindola x Fernandes Lima.

3º. jogo: — Pedro II x Vencedor do 1º. jogo.

Corridas entre os alumnos dos mesmos Grupos, havendo um premio para o Grupo vencedor.

4º. jogo: — final do torneio *basket-ball*, entre os vencedores do 2º. e 3º. jogos.

Ao Grupo do *team* vencedor foi offerecida uma linda taça pelo Departamento Geral da Instrução Publica.

Liberdade absoluta nos movimentos.

Formatura a um e marcha em zigue-zague.

Distribuição de houbons ás crianças".

Além da senhorita Helena B... superintendente do C

capital, que merecem a honra Helei de Gymnast des Lima", e za ("Diégues ("Thomás E

Pereira ("Cincinato Pinto") e Hermelinda Fazio ("D. Pedro II"), pela exemplar disciplina de que deram provas as phalanges infantis que apresentaram para a commovedora festa daquelle dia.

NO GRUPO "OLIVEIRA E SILVA" — PILAR

O Dr. Manoel Hedefonso Pereira de Lucena, diligente director desse Grupo, promoveu tambem uma encantadora festa entre os seus escolares, á qual accorreu numerosamente a sociedade distincta daquella cidade.

O dr. Octavio Gomes, Juiz de Direito do Municipio e membro da Academia Alagoana de Letras, acceptou o seu convite para dirigir ás crianças do Pilar uma allocução allusiva á solemnidade. Essa allocução, de grande inspiração patriótica e vasada em requintado estylo academico, vae publicada em logar especial.

PROFESSOR CORTESÃO

O preceptor de um principe toma-lhe a lição de historia.

—Que me diz V. Alteza ácerca do imperador Calligula?

O principe não responde.

—Perfeitamente, Senhor! — exclama o professor. Quanto menos se falar desse mostro, tanto melhor.

Noemia Gama

Em excursão pelo norte da Republica, foi por alguns dias hospeda de Maceió a illustrada educadora paulista, d. Noemia do Nascimento Gama, que reúne a brilhantes qualidades pedagogicas uma expressão de intelligencia viva e fascinadora, que lhe dá um prestigio fóra do commum em temperamentos affeiçãoados á mesmidade da profissão.

D. Noemia Gama é professora de

matico e Musical de S. Paulo e tem dos seus deveres profissionaes uma compreensão differente desse functionalismo mechanico que geralmente se pensa ser o professorato. O seu curso official de Declamação é movimentado e vivido, enchendo os seus alumnos da alegria, da vivacidade communicativa que está em todos os gestos e sentimentos espontaneos.

Por isso o recital que deu no Theatro Diodoro na noite de 21 de setembro agradou unanimemente, a um auditorio já prevenido contra a dramaticidade e os artificios de grandes declamadoras que nos têm visitado.

No seu programma figuraram, como se vê, poetas patricios, a cujas poesias a eminente mestra da palavra falada emprestou uma excepcional seducção:

I PARTE

Ser moça e bella ser... — Raymundo Corrêa.

Acrobata da dôr — Cruz e Souza.

Assalto galante — Luis Pistarini.

Procelarias — Theophilo Dias.

Um beijo — Olavo Bilac.

II PARTE

Você — Jayme de Altavilla.

Cae, cae, balão — Olegario Marianno.

O sonho do negro velho — Cleomenes Campos.

Dindinha tua — Ademar Tavares.

Joaquina Maluca — Jorge de Lima.

Bumba meu boi — Ascenso Ferreira.

Minha terra — Corrêa Junior.

III PARTE

A invenção do diabo — Vicente de Carvalho.

A seisma do caboclo — Ricardo Gonçalves.

Canção do louco — José Lanes.

Visão do futuro — Paulo Gonçalves.

Os cinco sentidos — Guilherme de Almeida.

Alma africana — Julio Tinton.

A serra do Rola-Moça — Mario Andrade.

Exortação — Cassiano Ricardo.

D. Noemia Gama visitou a nossa Escola Normal, levando do nosso en-

sino a melhor impressão, pela preocupação que notou nos nossos professores de ensinarem a ensinar por processos que em S. Paulo não se executam diferentemente.

Da sua lavra publicamos um excellent trabalho sobre Calliphasia, e registramos a sua visita com uma sympathia especial.

VIDA ESCOLAR

Movimento da Instrução Publica do Estado

MES DE AGOSTO

— Dia 1 —

Foram concedidos 30 dias de licença a D. Maria Laura de Souza, professora contractada de costura e corte do Grupo Escolar "Cincinato Pinto".

— Ulysses Baptista, professor publico da cadeira do sexo masculino da cidade de Viçosa, pedindo sua jubilação com os vencimentos proporcionaes ao tempo de serviço, visto achar-se impossibilitado de continuar a exercer suas funções, tal o seu estado de saúde. Foram designados, para constituírem a primeira junta medica, os Drs. Leonie Menezes, João Vasconcellos e Emmanuel Sampaio Costa.

— Dia 2 —

Foi nomeada D. Amalia Vieira e Silva para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Taboleiro, Municipio de Penedo.

— Dia 3 —

Foram justificadas pelo Exmo. Sr. Dr. Secretario de Estado dos Negocios do Interior 12 faltas dadas pela professora publica de instrução primaria D. Maria da Purificação Medeiros.

— Dia 6 —

Foi jubilada, com os vencimentos proporcionaes ao tempo de serviço, a professora publica de instrução primaria da 1ª cadeira do sexo feminino da cidade de Penedo, D. Ernestina Ribeiro, conforme requereu, visto achar-se impossibilitada de

continuar a exercer as suas funções e contar 23 annos 5 meses e 27 dias de exercicio publico.

— Foram justificadas 15 faltas dadas pela professora publica de instrução primaria, ora servindo, em commissão no Grupo Escolar "Fernandes Lima", desta Capital, D. Consuelo de Fraga Barreto.

— Dia 9 —

Foi mandada pagar a D. Laura Cavalcante Lins, professora publica de instrução primaria, ora servindo em commissão no Grupo Escolar "D. Pedro II", desta Capital, a ajuda de custo a que tem direito.

— Foi jubilada, com os vencimentos proporcionaes ao tempo de serviço, a professora publica de instrução primaria da 1ª cadeira isolada do sexo masculino da cidade de S. Miguel de Campos, D. Othilia de Almeida Costa Penedo, visto achar-se impossibilitada de continuar a exercer suas funções, segundo os laudos medicos de inspecção de saúde, a que se submetteu, e contar vinte e sete (27) annos e onze (11) dias de serviço publico.

— Foi exonerado o cidadão Pedro Augusto da Silva Rego do cargo de Inspector Rural de Ensino, do povoado Urucú, Municipio de Camaragibe, por não residir mais na referida localidade, e foi nomeado para substitui-lo, o cidadão Basiliano Corrêa de Araujo.

— Foi considerado sem effeito o acto de 6 de julho do corrente anno, nomeando D. Maria do Carmo Casado de Farias Lima para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Santo Antonio dos Milagres, Municipio de Atalaia, por não haver assumido o exercicio no prazo legal.

— Foi removida, por conveniencia de ensino, a professora publica de instrucção primaria da cadeira mixta de Outeiro, arrabalde da cidade de Penedo, D. Anna Vieira Conde, para a 1ª cadeira isolada do sexo feminino da referida cidade.

— Dia 13 —

O Exmo. Sr. Governador resolve, na forma da lei n. 1.150, de 3 de junho do corrente anno, decretar a perda da cadeira, em que incorreu a professora publica subvencionada da cadeira mixta do povoado Munguba, Municipio de União, D. Josephina Alves de Senna Freitas.

— Dia 20 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado, de accordo com a Lei n. 1.150, de 3 de junho deste anno, resolve decretar a perda da cadeira mixta da villa da Matriz, transferida por Decreto n. 22, de 14 de março ultimo, para o povoado Morros, ambas no Municipio de Camaragibe, em que incorreu a professora publica subvencionada, D. Maria Luiza Wanderley.

— Foram exonerados os cidadãos Antonio Nogueira e Manoel Barbosa e Silva, dos cargos, respectivamente, de Presidente, em commissão, e Membro da Junta Escolar do Municipio de Matta Grande, e foi nomeado para substitui-los, o cidadão Joel Machado de Alencar.

— Foi nomeada D. Maria Magdalena da Silva para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Munguba, Municipio de União.

— Foi nomeada D. Maria José de Aguiar para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Santo Antonio dos Milagres, Municipio de Atalaia.

— Foi nomeada D. Amara Pereira da Cunha, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por

tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Urucú, Municipio de Camaragibe.

— Foram justificadas, conforme o artigo 252º § 2º letra a, do Regulamento, dez (10) faltas dadas pela professora extranumeraria da cadeira mixta de Mangabeiras, nesta Capital, D. Odette Maria de Jesus.

— Foi designada a professora publica de instrucção primaria da cadeira mixta do povoado Mar Vermelho, Municipio de Anadia, D. Annette de Mesquita Cavalcanti, para servir, em commissão, no Grupo Escolar "Messias de Gusmão", da cidade de S. Luis do Quitunde.

— Foi removida por conveniencia de ensino, a professora publica de instrucção primaria da cadeira mixta do povoado Lagôa da Canôa, Municipio de Traipú, D. Elvira Olympia da Silva, para a cadeira do povoado Mar Vermelho, Municipio de Anadia.

— Foram concedidos a D. Enaura Verçosa Lins, professora de instrucção primaria, ora servindo em commissão no Grupo Escolar "Ambrosio Lyra", da cidade de Camaragibe, 60 dias de licença, para seu tratamento, na forma do Regulamento actual.

— Dia 21 —

Foi mandada pagar a ajuía de custo a D. Dolores d'Almeida Ramos, professora publica da cadeira mixta do povoado Piquete, Municipio de S. José da Lage, conforme requereu.

— Foi exonerado o Bacharel Nelson da Silva Campos do cargo de Presidente, em commissão, da Junta Escolar do Municipio de Alagoas, e foi nomeado, para substitui-lo, o cidadão José Teixeira Mendonça.

— Dia 22 —

D. Maria Bonifacia Feitosa, professora publica de instrucção primaria da 3ª cadeira do sexo masculino da cidade de Penedo, pedindo

MÊS DE SETEMBRO

para ser inspecionada na referida cidade, uma vez que assim exige o seu estado de saúde. Foram designados os Drs. Jocelyno Fraga, Agri-cola Guerra e Amphrýsio Freire Ribeiro, para comporem a junta de inspecção de saúde da requerente.

— Dia 27 —

Foi nomeada D. Euedina Damasceno para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta de Outeiro, arrabalde da cidade de Penedo.

— Foi exonerado o cidadão Joaquim Marçal do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Flecheiras, Municipio de São Luis do Quitunde por não residir mais no referido povoado e foi nomeado para substituí-lo o cidadão Alipio Magalhães Netto.

— Dia 29 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado, de accordo com a Lei n. 1150, de 3 de junho deste anno, resolve decretar a perda da cadeira mixta do povoado Matta do Rôlo, Municipio de Santa Luzia do Norte, em que incorreu a professora publica de instrucção primaria, D. Maria Stella Baptista de Nazareth.

— Foi nomeada D. Maria Céo Damasceno para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Limoeiro, Municipio de Pão de Açúcar.

— Dia 30 —

Foram justificadas 15 faltas dadas por D. Nylce Alves da Silva, professora publica da cadeira mixta do povoado Campo Alegre, Municipio de S. Miguel de Campos.

— Dia 1 —

Foi nomeada D. Maria Silva Lima, para exercer o cargo de professora extranumeraria da cadeira mixta do povoado Satuba, Municipio de Santa Luzia do Norte, na fórma do artigo 165º, combinado com os artigos 258º e 259º, n. 2, do Regulamento da Instrucção Publica vigente.

— Foram justificadas 20 faltas dadas por D. Adelaide Cardoso Marques, professora subvencionada da cadeira mixta de Ponta da Terra, Municipio desta Capital.

— Foram justificadas 15 faltas dadas por D. Anna Vicencia da Cunha, professora publica de instrucção primaria da cadeira mixta do povoado Bocca da Matta, Municipio de S. Miguel de Campos.

— Dia 3 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado por acto de 3 de setembro exonerou o Bacharel Antonio Luis Tavares Lessa do cargo de Presidente, em commissão, da Junta Escolar do Municipio de Igreja Nova e nomeou para substituí-lo, o cidadão João de Siqueira Castro.

— Dia 4 —

Foi exonerada D. Maria Rosinda de Medeiros do cargo de professora extranumeraria da cadeira mixta do povoado Peroba, Municipio de Maragogy, conforme pediu.

— Foi nomeada D. Lucilla Casado Calheiros Lima, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Matta do Rôlo, Municipio de Santa Luzia do Norte.

— D. Flora Malta Ferraz, professora publica de instrucção primaria, ora servindo, em commissão, no Grupo Escolar "Fernandes Lima", desta Capital, pedindo 90 dias de prorrogação de licença, Foram designados

os Drs. Abelardo Duarte e João Vasconcellos de Almeida para inspecionarem a requerente.

— Dia 7 —

Foram justificadas 15 faltas dadas pela professora publica de instrucção primaria que ora serve, em commissão, no Grupo Escolar "Ambrosio Lyra, da cidade de Camaragibe, D. Enaura Verçosa Lins.

— Dia 10 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado, tendo em vista a representação do Departamento da Instrucção Publica, em officio de 6 do corrente, sob n. 1665, resolve transferir a cadeira mixta do povoado Olhos d'Agua do Accioly, Municipio de Palmeira dos Indios, para o de Campo Alegre, Municipio de S. Miguel de Campos, devendo acompanhá-la a respectiva professora D. Laodicéa Correia Lima.

— Foi exonerada D. Alice Mendes de Mello do cargo de professora extranumeraria da cadeira mixta do povoado Jacuhype, Municipio de Porto Calvo, e foi nomeada para substituí-la, por tempo indeterminado, D. Maria Rosinda de Medeiros.

— Foi exonerado o cidadão Francisco de Araujo Azevedo do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Pontal, em Coruripe, por não residir mais na alludida localidade, e foi nomeado, para substituí-lo, o cidadão Aureliano Antonio de Azevedo.

— Foi exonerado o Bacharel Antonio Faustino de Mello Pradines do cargo de Presidente, em commissão, da Junta Escolar do Municipio de Maragogy, por não residir mais no referido Municipio e foi nomeado para substituí-lo o Bacharel José de Barros Araujo Sobrinho.

— O Exmo. Sr. Governador do Estado resolve approvar o termo de contracto firmado entre o Sr. Dr. Secretario dos Negocios do Interior e D. Helena Galvão Cavendish, afim de ministrar, por mais um anno, o

ensino de Gymnastica aos alumnos do Grupo Escolar "Fernandes Lima", desta Capital.

— Dia 13 —

D. Augusta Laudelina Tavares, professora publica de 14ª cadeira isolada desta Capital, pedindo sua jubilação por contar mais de 30 annos de serviço no magisterio e se aggravar, cada dia, o seu estado de saude. Foram designados os Drs. Mendonça de Almeida, João Vasconcellos e Abelardo Duarte, para constituirem a segunda junta de inspecção da requerente.

— Dia 14 —

D. Flora Malta Ferraz, professora publica de instrucção primaria, ora servindo, em commissão, no Grupo Escolar "Fernandes Lima", desta Capital, pedindo 90 dias de prorrogação de licença. Attendida na forma da lei.

— Dia 19 —

Foram justificadas 30 faltas, na forma do Regulamento, dadas pela professora publica do Grupo Escolar "Messias de Gusmão", D. Ritta Corrêa Monteiro.

— Dia 20 —

Foi mandada pagar a D. Rosa Amelia Bastos Costa a ajuda de custo a que tem direito, por haver sido removida da cadeira mixta de Jequiá da Praia, para a de Barreiros, ambas no municipio de Coruripe.

— Dia 21 —

Foram concedidos a D. Maria Bonifacia Feitosa, professora publica da 3ª cadeira do sexo masculino da cidade de Penedo, 90 dias de licença, para tratamento de sua saude.

— Dia 27 —

O Exmo. Sr. Governador do Es-

tado, á vista da representação do Departamento Geral da Instrução Publica, em officio de 24 deste mês, sob n. 1733, resolve transferir a cadeira subvencionada do sexo masculino do povoado Olho d'Agua para o povoado Riacho do Sertão, ambos no Municipio de Bello Monte, devendo acompanhá-la o respectivo professor, cidadão Petronillo de Souza Duda.

— Foi nomeado o cidadão José Pedro da Silva, para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Limoeiro, Municipio de Pão de Assucar.

— Foi nomeada D. Argentina de Albuquerque Netto, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Lagoa da Canoa, Municipio de Traipú.

— Foi exonerada D. Aurelina de Oliveira do cargo de professora publica de instrução primaria da cadeira mixta de Mangabeiras, subúrbio da Capital, conforme pediu.

— Foi exonerado o cidadão Manoel Gonçalves de Mattos Filho do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Riacho do Sertão, Municipio de Bello Monte, e foi nomeado, para substituí-lo, o cidadão Antonio Leão de Oliveira.

— O Exmo. Sr. Governador do Estado determinou que a professora publica de instrução primaria de Gurganema, na cidade de Viçosa, D. Anna Ferreira Torres, fosse afastada do exercicio de sua cadeira, na forma do art. 8, § unico, do Decreto n. 1183, de 17 de setembro de 1926, a contar de 10 do corrente mês.

CONCURSO DE PROFESSORES

Programma para as provas de capacidade profissional á 1ª investidura no magisterio primario e aos accessos de 2ª e 3ª entrancias em 1930

Provas escriptas e oraes para a 2ª e 3ª entrancias:

- 1—Pedagogia. Sua evolução.
- 2—O organismo e a vida mental.
- 3—A memoria.
- 4—O habito.
- 5—A attenção.
- 6—A vontade.
- 7—A percepção.
- 8—Meio social e consciencia individual.
- 9—Educação physica na escola.
- 10—Jardins da infancia. Educação antiga e moderna.
- 11—Julgamento e crença.
- 12—Educação dos sentidos.
- 13—A linguagem.
- 14—O methodo Montessori.
- 15—Educação civica.

Português:

- a) Analyse lexica.
- b) Analyse syntactica.
- c) Textos para corrigir.

- e) Requerimentos.
- f) Descrições.
- g) Cartas.

Prova pratica:

- 1—Lição sobre numeros complexos.
- 2—A canna e o assucar.
- 3—O café. Sua cultura, produção e utilidade.
- 4—Zonas vegetaes e madeiras preciosas do Brasil.
- 5—Milho. Sua cultura, produção e utilidade.
- 6—Dia, noite, semana, mês, anno e estações.
- 7—O algodão. Sua produção e utilidade.
- 8—Hygiene individual dos escolares.
- 9—Serie de gymnastica, cantada ou cantada, vozes de commando.
- 10—Fracções ordinarias e decimales.

11—Verbos. Conjugação integral. Modo, tempo, numero e pessoa.

12—Litoral, matta e sertão. Caracteristicos das três zonas.

13—Leitura dos numeros.

14—Palavras invariáveis em Português.

15—Systema orographico do Brasil.

16—Historia de Alagoas.

17—Arithmetica. Operações fundamentaes.

18—Datas cívicas do Brasil.

19—Divisibilidade. Sua applicação e utilidade.

20—Physiographia de Alagoas.

21—Phenomenos physicos e chimicos. Propriedades geraes da materia.

22—Leitura por sentencição.

23—Leitura por syllabação.

24—Systema solar e eclipses.

25—Genero e numero em Português.

26—Alimentação do animal e do vegetal.

27—Derivação e composição das palavras em Português.

28—Frutas brasileiras.

29—Verbo. Conjugação irregular por grupô.

30—Dinheiro. Moeda brasileira e estrangeira. Cambio.

31—Sujeito, predicado e complemento.

32—Algodão. Seu cultivo e sua utilidade.

33—Calculo de areas e de volumes.

34—Linhas e angulos.

25—Systema metrico decimal.

36—Educação dos sentidos numa classe pre-escolar.

37—A patria e os deveres do cidadão. A bandeira.

38—O Estado de Alagoas. Sua divisão administrativa. Organização politica. Artes. Industrias. Instrução.

39—Princípios geraes da Constituição brasileira.

Maceió, 15 de agosto de 1923.

O Lente de Methodologia, *Hygino E. da Costa Bello.*



INDICE

Maria R. Campos J. L. Ferreira Pinto Moreno Brandão Carlos de Gusmão Corrêa de Oliveira Belisario Moura Noemia Nascimento Gama Ladislau Netto Fernandes Tavares Tito de Barros Esmaragdo de Sousa Maria Rosalia de Ambrozzio Graciliano Ramos N. C. J. Travassos Vieira M. de Paew — trad. de N. C. Ezechias Rocha Alice de Araujo Moraes Irene Braga de Miguez Garrido Julieta Leal Penna Octavio Gomes Mucio Settevala	Na Escola Moderna: A iniciativa .. 1 O Bairrismo em Maceió .. 4 O Principado da Prosa .. 15 Retrato e Caricatura .. 18 Carta Aberta: "Miss Mabel" .. 19 Theorias sobre o Universo .. 21 Calliphasia ou Declamação .. 26 A Fiandeira .. 34 Prof. Jacome Calheiros .. 35 Patria .. 37 As razões de nossa Emancipação .. 38 Em louvor de Maria Montessori .. 41 Professores Improvisados .. 44 Hygiene Infantil .. 46 Corpo, Materia e Volume — Estados physicos dos Corpos .. 47 O Methodo Montessori .. 49 A Tempestade .. 56 7 de setembro .. 57 16 de setembro .. 58 " " .. W 59 O Dia da Criança .. 62 Pagina Infantil — Menino Aguiã .. 64
---	---

VADE-MECUM DO PROFESSORADO:

<i>Excerpto do Regulamento da Instrução Publica</i>	51
---	----

REVISTA DAS REVISTAS:

<i>O Homem que calculava</i>	65
<i>O Brasil nas escolas francesas</i> ..	69
<i>Cinema falado, invenção brasileira.</i>	69

CONSULTAS & PARECERES:

<i>Herbartiano</i>	71
<i>Donde era Colombo!</i>	72
<i>Aout-agosto</i>	75

NOTICIARIO:

<i>Concurso de Professores</i>	77
<i>Themas em concurso</i>	77
<i>O que se pensava da luz electrica.</i>	77
<i>A reforma do actual Calendario.</i>	78
<i>Dr. Adalberto Marroquim</i>	79
<i>O dia da criança</i>	81
<i>Noemia Gama</i>	82

VIDA ESCOLAR:

<i>Movimento da Instrução Publica do Estado</i>	84
<i>Concurso de Professores</i>	85



A ACIDEZ DO ESTOMAGO

É debellada com o uso de
1 colherzinha das de chá
em meio copo de água, de

Magnesia S. Pellegrino
(Marca Prodel)

que desinfecta o estoma-
go, fazendo-o funcionar
com toda a regularidade.

É de gosto muito
agradavel.

Em todas as pharmacias
e drogarias.

Labor. Chimico Ph. Moderno
Torino (Italia)



Depositario para
Alagoas:

L. C. BRAGA NETTO

Commercio 225 - 1
MACEIO - ALAGOAS

Annuario Commercial Illustrado de Alagoas

EDIÇÃO DE 1929

Completas informações commerciaes
e industriaes sobre o Estado, com
uma ampla synopse da vida municipal,
especialmente sobre o commercio
e a industria da capital

Preço 20\$

Pelo correio mais 2\$

PEDIDOS A

GAMA & Cia.

Rua 15 de novembro 418 -- SALA 2

— Telegr. ARGOS -- Maceió —

ESTADO DE ALAGOAS

Cerquinho Nunes

ADVOGADO

RESUMO DE OBRAS DE DOUTOR CERQUINHO NUNES

Tratado de Direito Administrativo e Funcionário Público
Tratado de Direito Constitucional

TRATADO DE DIREITO

TRATADO DE DIREITO ADMINISTRATIVO, n. 153

TRATADO DE DIREITO CONSTITUCIONAL

REVISTA DE PROGRESO ALFONSO

ANTHOLOGIA DE PROGRESOS E
- FORTES DE ALFONSO

BREVEMENTE

EN LA REVISTA DE PROGRESO